

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE
CAMPUS CAMPOS CENTRO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

BIANCA FERREIRA DE AZEVEDO ALVES
CLICIA AGUIAR SILVA

**OS REFLEXOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CONTEXTO DA
PANDEMIA DA COVID-19 NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM
MATEMÁTICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORAS DE UMA ESCOLA
ESTADUAL**

Campos dos Goytacazes/ RJ

Outubro – 2023

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE
CAMPUS CAMPOS CENTRO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

BIANCA FERREIRA DE AZEVEDO ALVES
CLICIA AGUIAR SILVA

OS REFLEXOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CONTEXTO DA
PANDEMIA DA COVID-19 NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM
MATEMÁTICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORAS DE UMA ESCOLA
ESTADUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Matemática do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos
Centro, como requisito parcial para conclusão do
Curso de Licenciatura em Matemática.

Orientadora: Prof^a Me. Christiane Menezes
Rodrigues

Campos dos Goytacazes/RJ

Outubro – 2023

Biblioteca
CIP - Catalogação na Publicação

S586r Silva, Clicia Aguiar
OS REFLEXOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA: Percepção de alunos e professores
de uma escola estadual / Clicia Aguiar Silva, Bianca Ferreira de Souza -
2023.
184 f.: il. color.

Orientadora: Christiane Menezes Rodrigues

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campus Campos Centro,
Curso de Licenciatura em Matemática, Anton Dakitsch, RJ, 2023.
Referências: f. 80 a 83.

1. Avaliação da aprendizagem . 2. Matemática . 3. Vírus Covid-19. I.
Souza, Bianca Ferreira de. II. Rodrigues, Christiane Menezes, orient. III.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca do IFF
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE
CAMPUS CAMPOS CENTRO
RUA DOUTOR SIQUEIRA, 273, None, PARQUE DOM BOSCO, CAMPOS DOS GOYTACAZES / RJ, CEP 28030130
Fone: (22) 2726-2903, (22) 2726-2906

PARECER CACLMCC/DAESLCC/DIRESLCC/DGCCENTRO/IFFLU N° 1

19 de março de 2024

BIANCA FERREIRA DE AZEVEDO ALVES

CLICIA AGUIAR SILVA

OS REFLEXOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 NA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA: PERCEPÇÕES DE ALUNOS E PROFESSORES DE UMA ESCOLA ESTADUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Matemática.

Aprovada em 04 de outubro de 2023.

Banca Examinadora:

Otávio Cordeiro de Paula Pierotte

Dr. Educação - PUC/RJ

IFFluminense *Campus* Campos Centro

Paula Eveline da Silva dos Santos
Mestra em Matemática PROFMAT/UENF)
IFFluminense *Campus* Campos Centro

Christiane Menezes Rodrigues
Mestra em Políticas Sociais/UENF)
IFFluminense *Campus* Campos Centro

Carla Antunes Fontes (1099249)

COORDENACAO ACADEMICA DO CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM MATEMATICA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Christiane Menezes Rodrigues**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, COORDENACAO ACADEMICA DO CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM MATEMATICA, em 19/03/2024 09:51:38.
- **Otavio Cordeiro de Paula Pierotte**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, COORDENAÇÃO DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BÁSICA E SABERES PEDAGÓGICOS NA CONTEMPORANEIDADE, em 19/03/2024 13:53:19.
- **Paula Eveline da Silva dos Santos**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO, em 19/03/2024 18:01:45.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 19/03/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.iff.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 535440

Código de Autenticação: d9b73e6721



Dedicamos esse trabalho às versões crianças e adolescentes de Bianca e Círcia que sofriram com os processos avaliativos e a todos que se identificam com isso.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que nos deu condição e força para realizarmos o presente trabalho e a não desistir no meio desse longo caminho.

À nossa família pelo suporte em toda nossa trajetória acadêmica e pelo incentivo e apoio em todos âmbitos e escolhas da nossa vida.

Aos professores da Instituição, que sempre nos acolheram com toda sua compreensão, auxílio e direcionamento.

À nossa orientadora que mergulhou nessa jornada conosco, acreditando em nós e nos instruindo com seus conhecimentos.

À minha dupla e amiga, que abraçou essa ideia e por toda parceria até aqui.

“A diferença entre fazer algo e não fazer algo é fazer algo.”

(Harry Styles)

RESUMO

Avaliar é verificar a qualidade da aprendizagem. A prática avaliativa faz parte do processo de ensino e aprendizagem, realizado por professores e alunos. Devido a pandemia causada pelo vírus Covid-19, em 2020, houve a necessidade da implementação de medidas de isolamento social, culminando no Ensino Remoto Emergencial (ERE) e, conseqüentemente, nesse contexto, a avaliação no âmbito da escola precisou ser repensada. A motivação desta pesquisa surge no cenário da retomada das aulas presenciais, em 2021, na intenção de analisar os impactos na avaliação da aprendizagem em Matemática no contexto pandêmico causados pela Covid-19. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com a utilização de pesquisa de campo, a partir da realização de entrevistas individuais, com duas professoras de Matemática e com a participação de 60 alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Campos dos Goytacazes, utilizando aplicação de questionário e realização de 2 grupos focais como instrumentos de coleta de dados. Os resultados da pesquisa evidenciam que, na percepção das professoras, a avaliação voltou-se para o desenvolvimento integral do discente, sendo praticada mais formativamente. Já para os alunos, por mais que exista a diversificação dos instrumentos avaliativos agora aplicados, a avaliação ainda foi vista como um momento, que é aflitivo, uma vez que, muitos deles, tiveram diversas dificuldades para aprender Matemática no período pandêmico. Evidencia ainda que, apesar da situação calamitante provocada pelas conseqüências da pandemia no processo educativo, podemos realizar algumas reflexões, como a relacionada a, como se fará o ato de avaliar passada a pandemia, considerando todo cenário vivenciado e as lacunas deixadas. Por fim, compreendemos que a avaliação realizada no âmbito da escola deve ser pensada continuamente, sobretudo por alunos e professores.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Matemática. Vírus Covid-19.

ABSTRACT

Evaluating is checking the quality of learning. Assessment practice is part of the teaching and learning process, carried out by teachers and students. Due to the pandemic caused by the Covid-19 virus, in 2020, there was a need to implement social isolation measures, culminating in Emergency Remote Instruction (ERI) and, consequently, in this context, assessment at the school level needed to be rethought. The motivation for this research arises in the context of the resumption of face-to-face classes in 2021, with the intention of analyzing the impacts on the assessment of learning in Mathematics in the pandemic context caused by Covid-19. To this end, qualitative research of an exploratory nature was carried out, using field research, based on individual interviews, with two Mathematics teachers and 60 first-year high school students from a public school in the city of Campos dos Goytacazes, using a questionnaire and carrying out 2 focus groups as data collection instruments. The research results show that, in the teachers' perception, the assessment focused on the integral development of the student, being practiced more formatively. As for students, despite the diversification of assessment instruments now applied, assessment is still seen as a moment, which is distressing, since many of them had several difficulties learning Mathematics during the pandemic period. It also shows that, despite the calamitous situation caused by the consequences of the pandemic in the educational process, we can carry out some reflections, such as the one related to how the act of evaluation will be carried out after the pandemic, considering the entire scenario experienced and the gaps left. Finally, we understand that the assessment carried out within the school must be continually thought about, especially by students and teachers.

Keywords: Learning Assessment. Mathematics. Covid-19 virus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Eixo 1 da primeira versão do questionário.....	30
Figura 2 - Eixo 2 da primeira versão do questionário.....	31
Figura 3 - Eixo 3 da primeira versão do questionário.....	32
Figura 4 - Questão um da primeira versão do questionário.....	34
Figura 5 - Questão sete da primeira versão do questionário.....	35
Figura 6 - Avaliação na visão de um dos alunos.....	51
Figura 7 - Primeira representação sobre avaliação na visão de um dos alunos.....	53
Figura 8 - Segunda representação sobre avaliação na visão de um dos alunos.....	54
Figura 9 - Representação da aprendizagem em Matemática.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Visão dos alunos sobre a representação de avaliação.....	49
Gráfico 2- Relação de notas e aprendizagem.....	49
Gráfico 3- Respostas dos alunos em relação à avaliação da Aprendizagem em Matemática...55	
Gráfico 4- Nível de dificuldade das atividades avaliativas em Matemática.....	61
Gráfico 5- Aprendizagem em Matemática durante a pandemia 1.....	63
Gráfico 6- Sentimento dos alunos nas avaliações em Matemática na volta às aulas presenciais.....	64
Gráfico 7- Aprendizagem em Matemática durante a pandemia 2.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Etapas da pesquisa	26
Quadro 2- Perguntas do eixo 1 da entrevista	39
Quadro 3- Perguntas do eixo 2 da entrevista	40
Quadro 4- Perguntas do eixo 3 da entrevista	40
Quadro 5 - Questão 1 da entrevista	41
Figura 6 - Questão 3 da entrevista	42
Quadro 7 - Questão 5 da entrevista	42
Quadro 8 - Questões do primeiro eixo do grupo focal	45
Quadro 9- Questões do segundo eixo do grupo focal	46
Quadro 10- Questões do terceiro eixo do grupo focal	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 Avaliação da aprendizagem	15
2.2 Avaliar é diferente de examinar	17
2.3 Trabalhos Relacionados	19
2.3.1 Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores de Matemática	21
2.3.2 Avaliação Educativa: Enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020	22
2.3.3 Um olhar para a avaliação Matemática: passado, presente na pandemia e futuro pós-pandêmico	23
2.3.4. A compreensão dos professores do Ensino fundamental I sobre o processo avaliativo da aprendizagem Matemática na perspectiva histórico-cultural	24
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
3.1 Caracterização da pesquisa	25
3.2. Escolha da Instituição	27
3.3. Questionário	29
3.3.1. Elaboração do questionário	29
3.3.2 Teste exploratório do questionário	33
3.3.3. Aplicação do questionário	36
3.4. Entrevista individual	37
3.4.1. Elaboração do roteiro de entrevista individual	37
3.4.2. Teste exploratório do roteiro de entrevista individual	39
3.4.3. Aplicação da entrevista individual	42
3.5 Grupo focal	43
3.5.1 Estruturação do grupo focal	43
3.5.2 Aplicação do grupo focal	45

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
4.1 Avaliação da aprendizagem em Matemática	47
4.1.1 Avaliação da aprendizagem em Matemática - a perspectiva das professoras	47
4.1.2 Avaliação da aprendizagem em Matemática - a perspectiva dos alunos	48
4.1.3 Avaliação da aprendizagem - Semelhanças e diferenças	56
4.2 Instrumentos avaliativos no período pandêmico (antes, durante e depois da pandemia)	...57
4.2.1 Instrumentos avaliativos - a perspectiva das professoras	57
4.2.2 Instrumentos avaliativos - a perspectiva dos alunos	61
4.2.3 Instrumentos avaliativos - Semelhanças e diferenças	65
4.3 Reflexos na aprendizagem em Matemática	66
4.3.1 Reflexos na aprendizagem em Matemática: a perspectivas das professoras	66
4.3.2 Reflexos na aprendizagem em Matemática: a perspectiva dos alunos	68
4.3.3 Reflexos na aprendizagem em Matemática - Semelhanças e diferenças	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	80
APÊNDICE A – Questionário dos alunos	81
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista	87
APÊNDICE C - Roteiro do grupo focal	89
APÊNDICE D - Entrevista com a Professora 1	91
APÊNDICE E - Entrevista com a professora 2	101
APÊNDICE F - Grupo focal com a turma 1	117
APÊNDICE G - Grupo focal com a turma 2	160

1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem é uma temática discutida há bastante tempo no contexto educacional. Contudo, o debate sobre esta questão ainda requer muitas considerações e análises, tendo em vista a necessidade de se aprimorar os aspectos que envolvem a avaliação qualitativa, sobretudo no ambiente escolar.

Para realizar a avaliação, segundo Luckesi (2011a), é necessário um trabalho de dedicação, que envolve o ato de refletir e remodelar a prática avaliativa, aproximando-se do verdadeiro significado de avaliar.

A motivação para o presente trabalho surge a partir de nossas experiências pessoais no que tange à avaliação, especificamente no contexto pandêmico, em vivências com alunos da Educação Básica e como discentes do curso de Licenciatura em Matemática no *campus* Campos-Centro do Instituto Federal Fluminense (IFFluminense).

A partir de nossas experiências na participação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), por meio de aulas particulares ministradas por nós, e ainda, a partir de observações realizadas durante o Estágio Supervisionado e na Residência Pedagógica, pudemos perceber que os estudantes apresentaram muitas aflições em relação às avaliações na área de Matemática, na retomada das aulas presenciais.

Além disso, como discentes no curso de Licenciatura em Matemática, experienciamos a transição do ensino presencial, em 2019, para o Ensino Remoto Emergencial, em 2020, e a retomada das aulas presenciais, em 2022, constatando também tensões próprias quanto à realização de avaliações.

É válido ressaltar que, em dezembro de 2019, ocorreu um surto de pneumonia em Wuhan, China. Posteriormente, identificou-se um novo tipo de coronavírus (SARS-CoV-2), a Covid-19, que se espalhou por todos os continentes.

Em consequência dessa propagação, a Organização Mundial da Saúde declarou estado de pandemia em março de 2020 (Estevão, 2020). Segundo o Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2020a) uma das medidas para conter a transmissão do vírus foi, além do uso de máscara e do uso de álcool, a determinação de medidas de isolamento social.

A partir desse novo cenário imposto pela pandemia, as escolas foram fechadas e o ensino passou a ser realizado de forma remota, com o uso de tecnologias digitais ou alternativas para realidades onde não existiram possibilidades do uso desse recurso (Brasil, 2020b).

Lima (2020) afirma que o Ensino Remoto Emergencial ou a Educação a Distância (EaD) foram modelos adotados pelas escolas para que o ensino pudesse continuar e, em consequência disso, também se tornou preciso pensar em como avaliar nessa situação.

A avaliação da aprendizagem, então, foi diretamente impactada e houve a necessidade de construção de novas posturas e planejamentos a fim de que fosse realizada no contexto da pandemia.

Paschoalino, Ramalho e Queiroz (2020) destacam a necessidade de alterar a educação tida como convencional e, como resultado, a forma de se avaliar também precisou ser modificada.

Batista (2021), por sua vez, relata o surgimento de novas reflexões acerca dos instrumentos avaliativos, visto que, na pandemia, o uso de provas sem consultas, como realizado presencialmente, tornou-se um instrumento não muito utilizado nesse contexto.

Lima (2020), nesta mesma direção, aborda a importância da formação de novas concepções sobre a avaliação da aprendizagem, por parte especificamente dos docentes de Matemática, fazendo uso formativo dela, propiciando um ensino democrático e inclusivo de Matemática.

A partir desta análise, nossa pesquisa investigou a avaliação da aprendizagem em Matemática no contexto da pandemia da Covid-19. Para tal, definimos a seguinte questão de pesquisa: quais foram os reflexos na avaliação da aprendizagem em Matemática, considerando o contexto pandêmico?

Visando responder a essa pergunta, definimos como objetivo geral: analisar os impactos na avaliação da aprendizagem em Matemática no contexto pandêmico causados pela Covid-19 e na retomada do ensino presencial.

A partir desse objetivo geral, foram delimitados os seguintes objetivos específicos:

- I. Compreender as concepções de avaliação por parte de alunos e professores;
- II. Identificar as mudanças ocorridas nos instrumentos avaliativos no período pandêmico na visão de professores e alunos;
- III. Compreender as percepções de alunos e professores acerca da aprendizagem em Matemática no período pós-pandemia.

Este trabalho está dividido, além da Introdução, em Revisão de Literatura, que aborda os principais autores e trabalhos que fundamentam esse texto; Procedimentos Metodológicos, que são apresentados os meios para a realização deste estudo; Resultados e Discussões, que conduzem as análises de dados coletados e, por fim, traremos as Considerações Finais obtidas da pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo abordará o aporte teórico que fundamenta a presente pesquisa. Ele está dividido em três seções: a primeira irá discorrer a respeito da avaliação da aprendizagem; a segunda tratará das diferenças entre avaliar e examinar e, na terceira seção, são apresentados os trabalhos relacionados.

2.1 Avaliação da aprendizagem

Compreendemos que avaliar é acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e, a partir disso, constatar suas dificuldades. Pode ser também um momento em que o professor reflete acerca de sua ação pedagógica. Esse processo tem como finalidade central a construção do conhecimento na escola.

Esta seção abordará as principais referências em avaliação da aprendizagem, tais como Esteban, Luckesi, Hoffmann e Vasconcellos, buscando evidenciar o que é o ato de avaliar na concepção de cada um deles. Ainda, tratará da diferenciação entre as formas de avaliações quanto às suas respectivas funções, segundo Villas Boas.

O ato de avaliar tem o objetivo de investigar a qualidade do que foi aprendido pelo aluno e verificar se há algo que pode ser modificado a partir dali, caso precise (Luckesi, 2011b).

A avaliação, sob o ponto de vista de Luckesi (2011b), constitui-se como um instrumento para investigar a qualidade do conteúdo dado, visando resultados satisfatórios do ato pedagógico, não sendo, então, separada dele.

Sob a perspectiva de Vasconcellos (2008), a avaliação é refletir sobre a prática, no sentido de perceber o desenvolvimento e as dificuldades e, a partir disso, tomar uma decisão, a fim de superar os obstáculos encontrados durante esse processo.

Hoffmann (2012), por sua vez, afirma que a avaliação não é um julgamento, mas sim, uma possibilidade de acompanhamento e desenvolvimento do aluno e suas transições em diferentes âmbitos, contribuindo para o melhor desenvolvimento possível dele.

Nesse sentido, Villas Boas (2022) afirma que o ato de avaliar consiste em perguntar ao educando se ele aprendeu e, caso não tenha aprendido, deve-se ensinar novamente o conteúdo em questão até que se aprenda. Ademais, segundo Esteban (2013) a avaliação é diretamente ligada ao olhar do professor sobre as respostas dos alunos.

Ainda, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998) a avaliação tem diferentes sentidos para os indivíduos envolvidos no processo: para o professor, ela proporciona uma reflexão sobre sua prática docente, revisando os elementos utilizados por ele e sua forma de trabalho, para que oportunize a aprendizagem dos educandos; para os alunos, a avaliação permite a noção de seu desenvolvimento e, para a escola, por sua vez, ela proporciona indícios da sua ação educativa.

Ademais, visando a realidade da instituição e do aluno, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) traz uma das decisões que propiciam a aprendizagem:

[...] construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos (Brasil, 2018, p.17).

A avaliação pode ser feita de várias formas, todavia, a possibilidade mais comum é a avaliação formal, realizada por meio de provas, exercícios e atividades aos quais serão atribuídos valor e, com isso, toma-se ciência do desempenho do aluno.

Ela também possui três diferentes funções, segundo Villas Boas (2022), que são: a formativa, a diagnóstica e a somativa. Nessa perspectiva, Villas Boas (2022) define a utilização dessas avaliações segundo sua respectiva finalidade:

A avaliação formativa possui algumas características. Uma delas é o fato de ser inclusiva, pois a sua principal característica é que todos os alunos estejam no mesmo nível de aprendizagem. Além disso, é interventiva, já que o docente busca formas de ensinar novamente o conteúdo após a observação das dificuldades dos alunos (Villas Boas, 2022).

Outrossim, a avaliação formativa possui o papel de investigação, pois o professor assume um papel de pesquisador, estando atento aos obstáculos das aprendizagens daqueles alunos. Ela é, também, contínua, visto que o professor da turma acompanha seus alunos em um processo, permitindo observar o desenvolvimento de suas aprendizagens e permanecer constantemente realizando intervenções. Sobretudo, é ética, não desencorajando o aluno, mas o acolhendo (Villas Boas, 2022).

A avaliação diagnóstica é caracterizada como uma avaliação que permite a aproximação do professor com o aluno, buscando entender suas dificuldades anteriores, podendo ser feita por meio de conversas, observações e registros, sendo também uma grande aliada da avaliação formativa (Villas Boas, 2022).

A avaliação somativa, por sua vez, em comparação com a perspectiva formativa e a

diagnóstica, possui um determinado momento para que ocorra e também há atribuição de notas ao desempenho dos estudantes. A partir dessas notas, a escola deve realizar intervenção, caso contrário, tornar-se-á uma avaliação que exclui o aluno (Villas Boas, 2022)

A avaliação da aprendizagem, embora seja uma temática há bastante tempo investigada, ainda é confundida com exames, que são predominantemente utilizados e chamados de avaliação.

Diante do que foi explicitado, observa-se que a avaliação é uma prática complexa, que exige um olhar atento às dificuldades demonstradas pelos alunos nos instrumentos avaliativos, ocorrendo a necessidade de sanar suas dúvidas, para, posteriormente, direcionar-se a novos conteúdos.

Assim, a avaliação divide-se de acordo com suas funções. São elas a formativa, entendendo o processo do aluno para chegar ao conhecimento; a diagnóstica, possibilitando entender previamente as dificuldades e facilidades dos alunos e a somativa, com a atribuição de valor e, a partir disso, possível intervenção. Portanto, o professor deve ter em mente o que se deseja realizar para que as utilize com suas respectivas finalidades.

2.2 Avaliar é diferente de examinar

O ato de avaliar faz parte do processo educativo nas escolas. Este processo é feito com a participação dos docentes, que são os responsáveis por elaborarem os instrumentos avaliativos e por avaliarem se os objetivos da aprendizagem foram alcançados e com a participação dos discentes, que devem sempre reportar aos seus professores, quando houver dificuldades, dúvidas ou outras questões condizentes à aprendizagem. No entanto, comumente confunde-se avaliar com examinar.

Assim, nesta seção, são abordadas algumas diferenciações entre o ato de avaliar e de examinar, pois o que é frequentemente realizado nas escolas, hoje, é a prática de exames. Para isso, apoiamo-nos em autores que abordam essa temática: Antunes, Esteban, Hoffmann, Luckesi, Moretto e Vasconcellos.

Segundo Moretto (2014) a escola, além da função de socialização, possui a finalidade de preparar indivíduos que farão transformações na sociedade e, para isso, precisam construir a aprendizagem. Para saber como se deu essa aprendizagem, é necessário avaliá-la. No entanto, conforme Luckesi (2011b), nas escolas não se realiza o ato de avaliar, mas sim, de examinar.

Luckesi (2011b) afirma que a avaliação pode ser confundida com exame no cotidiano escolar, mas são elementos distintos: os exames são exclusivos, servem para selecionar. Dessa forma, em exames, só interessa-lhe o resultado com o objetivo de classificar os melhores alunos para seguir adiante, excluindo o restante. Por outro lado, a avaliação é um processo do ato pedagógico, uma etapa a mais que visa a melhoria da aprendizagem do aluno.

É com essa perspectiva que Luckesi (2011b) diferencia exame de avaliação, ressaltando que, tanto exame quanto avaliação irão investigar problemas, no entanto, respectivamente, no primeiro caso, não se busca solução para eles, enquanto no segundo, verificam-se os problemas para pensar modos de resolvê-los futuramente.

À vista disso, Vasconcellos (2008) afirma que o real problema da avaliação é que ela é realizada como forma de controle, inculcação ideológica e discriminação social: a lógica da avaliação inverteu-se, visto que ela estaria ligada ao processo de desenvolvimento do aluno, inicialmente, mas o que ocorre, agora, é o foco no resultado desse processo, acarretando o famoso “estudar para passar” e não para aprender.

Hoffmann (2009) acrescenta, portanto, que o pensamento é de que basta aplicar uma prova para medir a aprendizagem, considerando esse o ato de avaliar, porém isso não é suficiente para que se realize, de fato, a avaliação.

Esteban (2013) destaca que nos exames, o docente é capaz de vislumbrar erros e acertos, mas não o raciocínio utilizado para responder às questões, no entanto, o raciocínio é a parte importante no processo de ensino-aprendizagem.

Examinar é, a partir de Luckesi (2011a), selecionar os que aprenderam e reprovar os que não aprenderam, já avaliar é fazer com que os alunos aprendam e, a partir do sucesso da aprendizagem, sejam aprovados por consequência disso. O objetivo da escola não é seleção, mas aprendizagem, no entanto, ela não se responsabiliza por fazer com que seus alunos aprendam.

Conforme Esteban (2013), a avaliação que se tem hoje é um processo de exclusão, medição e classificação: no final, só importa o resultado e não como se chegou a ele. Não se verifica a aprendizagem, mas sim, a memorização do que foi ensinado pelo professor.

Antunes (2013) completa esta discussão ao afirmar que:

Nos tempos de agora, não mais por essas ideias, mas pela intervenção crescente do Estado que, preocupado essencialmente com os custos materiais de reprovações, cria sistemas “automáticos” de aprovações, que minimizam e mascaram o sentido de uma avaliação verdadeira (Antunes, 2013, p. 14).

Pode-se, portanto, observar, a partir dos estudos de Antunes (2013) que o Estado possui também grande influência no formato de avaliações que geralmente são praticadas nas escolas. Isso deve-se ao fato de que o mesmo não está interessado em verificar a aprendizagem, mas apenas propor uma aprovação, a fim de que se gaste menos com materiais de reprovação.

À vista do que foi exposto, é possível constatar o erro do uso do termo “avaliação”, que é praticada, na maioria dos casos, como os exames. A avaliação relaciona-se à aprendizagem, considerando todo processo de construção de conhecimento por parte dos alunos.

Por outro lado, os exames são feitos para classificar os discentes em uma escala de notas, apenas enxergando o momento da realização de testes ou provas, ignorando os impedimentos na hora de realizá-lo.

Avaliar é uma prática complexa, que envolve a atuação de professor e aluno com a finalidade de proporcionar a aprendizagem. Para isso, é necessária a tomada de decisão por parte do professor em relação ao nível de aprendizagem em que os alunos se encontram, buscando diminuir as barreiras dos discentes e proporcionando a construção de conhecimento.

2.3 Trabalhos Relacionados

No dia 27 de agosto de 2022, fizemos uma pesquisa inicial em plataformas, que constam de trabalhos bibliográficos. A primeira plataforma foi o *Google Acadêmico*, na qual utilizamos as seguintes palavras-chave: “avaliação da aprendizagem”, “pós-pandemia” e “Matemática”.

Além disso, a busca foi restringida a partir do uso do filtro “Desde 2022”, em que obtivemos 54 resultados.

A partir das leituras realizadas, seis deles foram selecionados, entre eles, artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que abordaram o tema de avaliação e pandemia juntos, mas não chegaram a ser escolhidos, visto que, posteriormente, decidimos priorizar dissertações, pois são trabalhos acadêmicos que já passaram por uma banca avaliadora.

Dessa forma, realizamos a segunda pesquisa no dia 29 de agosto de 2022, no *site* Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) em busca de dissertações. A pesquisa conteve as seguintes palavras-chave: “avaliação”, “Matemática”, “pandemia”, “professor” e “aluno”. Além disso, determinou-se o período de “Ano de defesa” de 2021 a 2022, ordenado por “relevância”. Encontramos quatro resultados e, entre eles, o único que

abordava a pandemia foi o de Moraes (2021), que selecionamos como trabalho relacionado.

Ainda no dia 29 de agosto, visando as dissertações, novamente buscamos no site Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com as palavras-chave: “avaliação”, “pós-pandemia” e “professor”, também com o período de “Ano de defesa” de 2021 a 2022. Tivemos apenas um resultado, uma dissertação de Batista (2021), que também utilizamos como trabalho relacionado.

Após buscas na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no *Google Acadêmico* com palavras-chave semelhantes às anteriores, não achamos outras novas dissertações.

Assim, optamos por abranger a opção de dissertação para outros tipos de trabalhos. Logo, no dia 01 de setembro de 2022, foi feita novamente uma outra busca no *Google Acadêmico* com as palavras-chave "avaliação da aprendizagem", "pós-pandemia" e "Matemática", encontrando 187 resultados, ordenados por “relevância”.

Com o intuito de diminuir a quantidade de trabalhos encontrados e buscar trabalhos mais recentes, aplicamos o filtro “Ordenar por Data”, conseguindo apenas um único resultado: um artigo de revista escrito por Ribeiro e Kistemann Jr. (2022). Visto que esse trabalho engloba o contexto pandêmico e trabalho com alunos e professores, decidimos escolhê-lo.

Portanto, o primeiro trabalho relacionado é a dissertação “Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores de Matemática” de Leonor Fernandes Volpato de Moraes, abordando a avaliação da aprendizagem durante a pandemia por meio de entrevistas com professores e considerando algumas perspectivas para a avaliação no cenário pós-pandêmico.

O segundo trabalho relacionado selecionado foi a dissertação “Avaliação Educativa: enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020” de Daiane Martins Batista, que também trata da avaliação da aprendizagem durante a pandemia, utilizando percepções de professores acerca disso.

O terceiro trabalho relacionado, por sua vez, é o artigo da REVEMOP, que é uma revista científica da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), intitulado de “Um olhar para a avaliação Matemática: passado, presente na pandemia e futuro pós-pandêmico”, tratando de considerar os instrumentos avaliativos aplicados durante a pandemia para a retomada presencial, verificando a aprendizagem em Matemática não só por meio de testes e provas.

No decorrer da pesquisa, a fim de propiciar novas leituras que nos auxiliassem na produção do trabalho, realizamos novas buscas por trabalhos relacionados, ainda visando as dissertações de mestrado ou teses e, caso não encontrássemos, alguns artigos.

Diante disso, no dia 23 de maio de 2023, pesquisamos no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os filtros “avaliação”, “Matemática”, “professores”, “pandemia” e “avaliação em Matemática”.

Ainda, restringimos o período, colocando de 2022 a 2023. Dessa forma, encontramos apenas um único resultado, que foi a dissertação de Edilene Pontes de Souza, intitulada “A compreensão dos professores do Ensino fundamental I sobre o processo avaliativo da aprendizagem Matemática na perspectiva histórico-cultural”.

Na próxima seção, explicaremos sobre o que aborda cada um dos trabalhos relacionados selecionados detalhadamente, bem como ao que essas pesquisas se assemelham à nossa pesquisa.

2.3.1 Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores de Matemática

A dissertação “Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores de Matemática”, escrita por Leonor Fernanda Volpato de Moraes, em 2021, tem como objetivo investigar como as avaliações atravessam as práticas profissionais de professores que ensinam Matemática no Ensino Fundamental.

A pesquisa é qualitativa e os pressupostos teórico-metodológicos são o Modelo dos Campos Semânticos (MCO) e a História Oral (HO). Assim, foram realizadas entrevistas com quatro professores de Matemática.

A princípio, a entrevista consistia em analisar como as avaliações externas refletem no trabalho docente. No entanto, com a chegada da pandemia, incluiu-se a perspectiva de ensino remoto, em como se deu a avaliação na pandemia e como será o processo avaliativo no cenário pós-pandêmico, a partir da visão dos docentes.

A autora, então, reflete sobre a avaliação como uma tomada de decisão, a partir das dificuldades dos alunos e também do uso de outros instrumentos avaliativos além da prova. Ademais, ela destaca que se deve repensar a influência que avaliações externas possuem dentro das escolas.

Em relação a pandemia, afirma que teve alguns impactos positivos, como uso de tecnologia, atividades diferenciadas, no entanto, não deu tempo de aprender a utilizar todos esses recursos.

Esses impactos confirmam que o professor não possui meios preparados para eles, tendo que utilizar o que possuíam no momento; as aulas remotas acentuaram ainda mais a desigualdade social entre muitos alunos, que, por sua vez, não conseguiram assistir às aulas.

Por parte dos professores, ela conclui que há um entusiasmo na volta às aulas depois da pandemia. Nesse cenário pós-pandêmico, o professor deve ajudar os alunos a recuperarem o conhecimento perdido e incentivá-los a aprender, pressupondo, também o uso de bastante tecnologia em sala de aula. Ademais, destaca a valorização da profissão docente, pois os pais ou responsáveis puderam enxergar como é importante o trabalho da escola e dos professores com os alunos.

A dissertação assemelha-se a ao tema em questão, já que busca investigar a avaliação durante a pandemia e perspectivas para o pós-pandemia, com professores da disciplina de Matemática, verificando as consequências geradas por essas avaliações e uma expectativa do que ocorrerá posteriormente a esse evento mundial. A diferença é que, além de professores, o presente trabalho também visa analisar avaliações Matemáticas nas concepções dos discentes.

2.3.2 Avaliação Educativa: Enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020

A dissertação “Avaliação Educativa: Enfoques da aprendizagem em cenários pós-março de 2020” foi escrita por Daiane Martins Batista, em 2021. O trabalho possui como objetivo geral analisar se os processos avaliativos implementados durante a pandemia da Covid-19 no Brasil podem ser considerados como elementos-chave no processo de aprendizagem.

A pesquisa tem abordagem qualitativa e exploratória, aproximando o autor do seu objeto de estudo, especificamente interpretativa. Assim, foram realizadas as etapas de Pesquisa Bibliográfica, a qual a autora buscou os trabalhos já realizados com a mesma temática: análise de *lives* de professores que abordaram os assuntos de Educação e avaliação em tempos de pandemia, além de perspectivas pós-pandêmicas; elaboração um *e-book* que fala sobre a avaliação no modelo de ensino remoto emergencial.

O resultado dessa pesquisa foi a elaboração de um *e-book* que, a partir dos modelos de avaliação implementados durante a pandemia no ensino remoto, visa perspectivas de uma nova cultura avaliativa por uma sensibilização da comunidade escolar, voltado para a comunidade acadêmica.

As principais semelhanças entre essa dissertação e o presente trabalho são a pesquisa sobre a avaliação realizada durante a pandemia e como essa prática avaliativa durante esse período influenciará o cenário pós-pandêmico.

Além disso, para a elaboração do *e-book*, foram realizados questionários com as opiniões de professores acerca desse tema. A diferença é que, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), busca-se a ótica tanto de professores quanto de alunos.

2.3.3 Um olhar para a avaliação Matemática: passado, presente na pandemia e futuro pós-pandêmico

O artigo “Um olhar para a avaliação Matemática: passado, presente na pandemia e futuro pós-pandêmico”, realizado em 2022, escrito por Dione Batista Ribeiro e Marco Aurélio Kistemann Junior, mestre e doutor em Matemática, respectivamente, possui o objetivo de resgatar o passado, descrever o presente e traçar algumas perspectivas futuras a partir dos olhares e das experiências de dois educadores matemáticos engajados na prática da avaliação da aprendizagem Matemática com o viés da inclusão.

Assim, foram fornecidos cadernos que funcionaram como “Diários de Aprendizagem” para uma turma do 7º. ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, durante as questões passadas nas aulas de Matemática, os alunos deveriam registrar seu raciocínio e suas indagações. A partir disso, os pesquisadores conseguiram investigar suas respostas, procurando refletir sobre o raciocínio utilizado e, caso necessário, buscariam intervir.

Com essa experiência, a finalidade era de estreitar a relação professor e aluno, de modo que os discentes se sentissem à vontade para colocar suas dúvidas e expor seu raciocínio e os docentes pudessem, com essas informações, proporcionar a aprendizagem deles, sanando suas dúvidas.

Os autores afirmaram que avaliar não se faz apenas com testes e provas, considerando seu valor numérico, mas sim, investigando os alunos e tomando parte de suas dificuldades para que pudessem realizar intervenções, localizando como o aluno está cognitivamente. É nesse sentido que o diário de aprendizagem também funciona como um instrumento de avaliação.

Com a chegada da pandemia, a avaliação como era conhecida, com ação voltada para a atribuição de notas, visando o resultado, ou seja, a aprovação ou reprovação, foi substituída por paradigmas sobre como fazer com que o aluno, nesse período remoto, entenda e aprenda.

Dessa forma, os autores afirmam que a avaliação deve ser consequência do processo de aprendizagem, como aconteceu no ensino remoto, que deveria ser sempre assim, e não um cumprimento imposto pelo sistema educacional.

Os autores chegaram à conclusão de que, ainda com o fim da pandemia, a tecnologia deve seguir sendo utilizada, com diários de aprendizagem e instrumentos avaliativos virtuais. Além disso, a prática da avaliação deve continuar sendo inclusiva para os alunos, de modo a enxergar o erro como conhecimento e o acerto como conhecimento a ser aprofundado. O artigo possui o seguinte ponto em comum com esse trabalho: os resquícios de instrumentos avaliativos deixados pela pandemia e a possibilidade de novas formas de avaliação.

2.3.4. A compreensão dos professores do Ensino fundamental I sobre o processo avaliativo da aprendizagem Matemática na perspectiva histórico-cultural

A dissertação “A compreensão dos professores do Ensino fundamental I sobre o processo avaliativo da aprendizagem em Matemática na perspectiva histórico-cultural”, foi produzida por Edilene Pontes de Souza, em 2022.

O estudo teve como objetivo a investigação acerca de qual seria a compreensão dos professores sobre a avaliação da aprendizagem em Matemática e qual sua relação com a organização do processo avaliativo.

A pesquisa é de abordagem dialética, com a metodologia de análise pautada nos princípios da Teoria Histórico-Cultural, que busca, por meio de pares dialéticos, a presença de contradições, como luta de contrários na constituição da unidade do fenômeno na realidade.

Dessa forma, ela realizou entrevistas com quatro professores do quinto ano do Ensino Fundamental I e analisou documentos referentes ao processo de ensino, aprendizagem e avaliação na Matemática, no ano de 2021.

A autora conclui, por meio da investigação realizada, que os professores compreendem que a aprendizagem é favorecida pela colaboração e, na vertente Histórico-Cultural, isso fica pautado na produção do conhecimento no âmbito social, que se transforma e viabiliza o conhecimento individual.

Para mais, destaca a incorporação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na realidade da pandemia da Covid-19, a qual teve que ser reavaliada, mediante a defasagem existente. Sobre o material didático, sua pesquisa destacou, na visão do docente, o valor da sua utilização para abstração dos conhecimentos.

Ainda relata a avaliação sendo uma tarefa árdua que os professores, tendo diversas demandas e pressões, se esforçam para realizar. O trabalho assemelha-se ao nosso, devido ao fato de se tratar a compreensão de avaliação por parte dos professores, retratada no contexto pandêmico causado pela Covid-19.

O trabalho citado apresenta pontos em comum com o nosso trabalho no que tange a avaliação, especificamente em Matemática e no período de pandemia. Além disso, utiliza de entrevista, um dos métodos de coleta de dados, com professores.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção discorre sobre os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa para alcançar nosso objetivo geral, a saber: analisar os impactos na avaliação da aprendizagem em Matemática no contexto pandêmico causados pela Covid-19.

Dessa forma, neste eixo, será apresentada a caracterização da pesquisa, quanto aos instrumentos de coleta de dados, o público-alvo e as etapas da pesquisa. Outrossim, abordará o processo de busca pela instituição onde realizamos a pesquisa, a elaboração do questionário, da entrevista, com seus respectivos testes exploratórios e aplicações e, por fim, a estruturação do grupo focal e sua realização.

3.1 Metodologia

Decidimos organizar a coleta de dados entre os dois grupos de sujeitos da pesquisa, alunos e professores. Dessa maneira, para os discentes, aplicamos 60 questionários para um total de 60 alunos, divididos em todas as três turmas do primeiro ano do Ensino Médio da escola estadual selecionada, as quais referenciamos como turmas: 1, 2 e 3, que possuíam 22, 26 e 12 alunos presentes, respectivamente, no dia 31 de maio de 2023.

Em relação às professoras de Matemática, realizamos a entrevista com duas delas, as quais denominaremos de Professora 1 e Professora 2: a Professora 1 leciona para as turmas mencionadas anteriormente, enquanto a Professora 2 ministrou suas aulas para essas turmas durante a pandemia, quando ainda estavam em séries anteriores. A Professora 1 foi entrevistada no dia 31 de maio de 2023 e a Professora 2 no dia 16 de maio de 2023.

Após analisar os questionários, verificamos que as turmas 1 e 2 responderam positivo para aulas síncronas, critério de escolha estabelecido. Dessa forma, fizemos dois grupos focais

com cada turma: a 1 contou com 15 alunos e a 2 com sete alunos.

3.2 Caracterização da pesquisa

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa busca compreender o seu objeto de estudo, explicando o motivo dos acontecimentos, utilizando diferentes abordagens e não se atendo a números. À vista disso, esse tipo de pesquisa não pretende descrever quantidades, voltando-se para o entendimento das relações sociais presentes em determinada realidade (Silveira; Córdova, 2009).

Na abordagem qualitativa, trilhamos o percurso da pesquisa exploratória. Acerca dela, Gil (2008) afirma que as pesquisas exploratórias oportunizam um olhar geral sobre o assunto investigado, aproximando o pesquisador de seu estudo, sendo mais flexível quanto ao seu planejamento, podendo ser a primeira fase de uma investigação posterior mais abrangente.

Os instrumentos de coleta de dados dessa pesquisa foram organizados de três formas: 60 questionários para os alunos, um para cada; entrevista com duas professoras de Matemática da instituição e grupo focal com os alunos aos quais experienciaram as aulas síncronas na pandemia da Covid-19.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), o questionário pretende investigar as opiniões, sentimentos, situações vivenciadas e expectativas de quem o responde, utilizando uma linguagem objetiva e simples. Já a entrevista, permite coletar informações de forma rápida e imediata, podendo ser realizada com qualquer pessoa e abordar vários assuntos (Ludke; André, 2017).

Para mais, Gatti (2005) destaca que o grupo focal é a escolha de pessoas que consigam falar de um mesmo tema a partir de suas experiências e, como completa Gomes (2005), o grupo focal incentiva a fala e inibe a timidez, pois as pessoas que ali estão veem outras pessoas falando e se motivam a conversar também.

Decidiu-se pela aplicação de questionários com os alunos pela quantidade de pessoas e por receio de, com uma entrevista individual, eles não fornecessem informações suficientes, levando em conta uma possível timidez por parte deles.

Dessa forma, optamos também, visando o aprofundamento do questionário, em realizar um grupo focal com os alunos que tiveram aulas síncronas. Por outro lado, com os professores, realizou-se a entrevista, por conta da facilidade de um melhor diálogo, visto que o docente possui propriedade para falar sobre o respectivo tema.

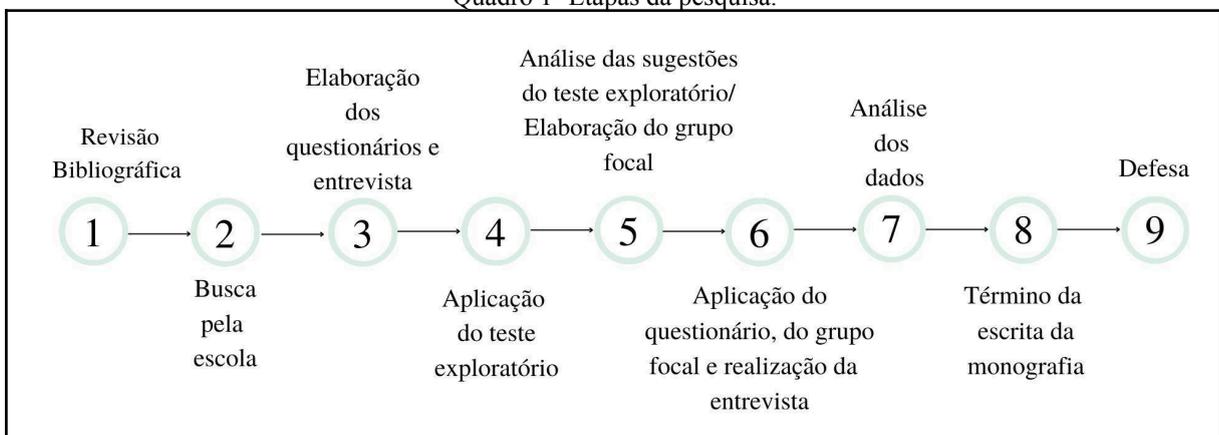
O público-alvo contou com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, que tiveram aulas remotas e educadores, que ensinaram remotamente durante a pandemia. A escolha por esse ano foi devido ao fato de estar no ano inicial do Ensino Médio, oportunizando a reflexão do aluno sobre o que foi aprendido até ali, considerando que os seus Anos Finais do Ensino Fundamental se deram na pandemia..

Julgamos o aspecto do ensino remoto relevante porque tanto alunos quanto as professoras podem identificar as mudanças facilmente, já que ambos participaram do processo de transição do presencial-remoto-presencial.

A pesquisa possui as seguintes etapas: revisão bibliográfica; busca pela escola; elaboração dos questionários; elaboração do roteiro da entrevista; elaboração do roteiro do grupo focal; teste exploratório do questionário; envio da entrevista para o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Instituto Federal Fluminense Campos *campus* Centro para análise e devidas alterações; aplicação dos questionários; realização das entrevistas; realização do grupo focal; análise dos dados coletados, escrita da monografia e a defesa desse Trabalho de Conclusão de Curso.

A ordem das etapas pode ser verificada no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1- Etapas da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria.

3.3 Escolha da Instituição

Iniciamos a busca pela escola procurando as escolas municipais ou estaduais que, na pandemia, tiveram efetivamente o ensino remoto emergencial, que, segundo o Ministério da Educação é: “[...] a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor [...]” (Brasil, 2020b).

Dessa forma, fomos à Secretaria de Estado de Educação do RJ – SEEDUC, na busca por obter informações acerca de quais escolas teriam tido esse ensino e conversamos com a responsável pela coordenação pedagógica da secretaria de educação.

Assim, a coordenadora nos informou que foram disponibilizadas para todas as escolas a plataforma do “*Google sala de aula*”, com a finalidade de implementação de aulas na modalidade remota, contudo, nem todas as escolas conseguiram aplicá-la.

Existiam empecilhos em relação à realidade das instituições, com sua falta de infraestrutura; dos alunos, pela falta de aparelhos que permitissem o acesso à *internet* ou falta dessa e, por fim, a realidade dos professores e a dificuldade com as novas tecnologias.

Ainda, a funcionária nos informou que a secretaria de educação estava disposta a fornecer apoio aos professores no que tange a familiarização com a plataforma e outros instrumentos tecnológicos. Por conta disso, ela afirmou que não teria informações de quantas ou quais escolas conseguiram aplicar o ensino remoto emergencial.

Ao final da conversa, a responsável disse que, no início do ano de 2022, houve um processo de reeducação para os alunos que não obtiveram sua efetiva aprendizagem e, com isso, abriu-se a possibilidade de repetirem o ano letivo ao qual tinham passado. Ainda, a coordenadora destacou que, ao final de 2022, os discentes ainda voltavam a entender a escola como um espaço de aprendizagem.

Como a Secretaria de Estado de Educação do RJ - SEEDUC não conseguiu listar as possíveis instituições que adotaram o ensino remoto, a nossa próxima alternativa foi realizar buscas na *internet* por instituições que tiveram ensino remoto.

Além de pesquisas realizadas no *Google*, verificou-se também em redes sociais, como *Instagram* e *Facebook* de algumas escolas conhecidas do município de Campos dos Goytacazes que poderiam ter tido, mas também não conseguimos esse dado.

Ainda nessa busca, a nossa orientadora procurou alguns contatos que poderiam saber, mas nada foi obtido. Após as investigações feitas anteriormente, decidimos conversar com conhecidos, além de colegas e professores do curso de Licenciatura em Matemática, a fim de verificar se algum deles conhecia alguma instituição que tivesse trabalhado com ensino remoto durante o período de pandemia, com aulas síncronas e atividades remotas, sem ser pelo sistema apostilado.

Portanto, a partir dessas conversas, uma das professoras do nosso curso sugeriu-nos uma escola pública que tinha tido ensino remoto. Ainda, a mesma já tinha trabalhado nessa instituição e sabia de uma professora que tinha conseguido realizar o ensino de maneira remota durante a pandemia.

A partir disso, foi nos dado o *e-mail* para contatar a professora. Consequentemente, nós, junto da orientadora, enviamos mensagem para a docente, explicando sobre a pesquisa e um pouco de como ela funcionaria.

A professora foi receptiva, respondeu às mensagens mostrando-se interessada em participar e explicitou os seus horários de trabalho na escola, para que fosse marcada uma data, com o intuito de alinhar os objetivos do nosso trabalho, para que pudessemos ir a campo.

Portanto, no começo do mês de maio de 2023, contatamos a professora para dar continuidade à pesquisa e ela aceitou, ainda buscamos contato com outra professora da instituição para que também realizássemos a pesquisa, a qual conseguimos e também obtivemos o aceite.

Assim, fomos ao campo no dia 10 de maio a fim de observar uma aula de cada turma participante, ministrada por uma das professoras participantes que era a única que lecionava para o primeiro ano do Ensino Médio na escola.

Durante nossa ambientação nessa escola, a professora 1 nos informou que havia uma outra professora, a qual chamaremos de professora 2, que estava, durante o período remoto, com os atuais alunos do 1.º ano do Ensino Médio.

Logo, a professora 1 nos forneceu o contato da professora 2 e, a partir disso, mandamos mensagem explicando nossa pesquisa e se ela aceitaria participar de uma entrevista e ela aceitou. Então, seguimos para a coleta de dados conforme quadro a seguir:

Instrumento de coleta de dados	Data	Público aplicado
Entrevista	17/05/2023	Professora 2
Entrevista	31/05/2023	Professora 1
Questionário	31/05/2023	60 alunos
Grupo focal 1	14/06/2023	7 alunos
Grupo focal 2	16/06/2023	15 alunos

3.4 Questionário

3.4.1 Elaboração do questionário

Um dos instrumentos escolhidos e aplicados para os alunos foi o questionário. Segundo Gerhardt e Silveira (2009) o questionário pretende investigar as opiniões, sentimentos, situações vivenciadas e expectativas de quem o responde, utilizando uma linguagem objetiva e simples.

Para nos direcionar quanto a sua elaboração, pautamos-nos no que Gil (2021) afirma que o questionário semi-estruturado retira a colocação de perguntas rigidamente estruturadas e possibilita que os respondentes se expressem, tal qual possam ter a liberdade de se comunicar sobre o que lhes foi perguntado.

Dessa forma, ao elaborar o questionário, pretendíamos que sua proposta fosse ao encontro do público-alvo. É nesse sentido que Gil (2021) afirma a importância do questionário ser preparado com aspectos de linguagem simples e condizentes aos sujeitos da pesquisa, para que haja compreensão dos mesmos diante das perguntas.

Assim, produzimos um questionário semi-estruturado, composto por perguntas abertas, fechadas e dependentes. Gil (2021) define perguntas abertas como aquelas que fornecem respostas próprias, onde o respondente pode expor sua opinião e entendimento sobre o assunto abordado, já as perguntas fechadas apresentam alternativas, as quais instigam a escolherem o que melhor representa o seu ponto de vista e por fim, as dependentes são as que só fazendo sentido para um determinado grupo, ou seja, depende de algo para ser respondida ou não.

Os questionários possuíam dez questões, sendo elas de múltipla escolha, em sua maioria, e discursivas, com duas questões livres para que os alunos pudessem expressar-se da forma que desejassem, por um desenho, frase, poema, música ou de outras maneiras dez questões, além de questões que dependiam de uma vivência para que fossem respondidas.

As dez questões foram organizadas em três eixos, cada um deles correspondendo respectivamente a cada objetivo específico dessa pesquisa. O primeiro eixo tinha como título: “Compreendendo o que é avaliação da aprendizagem para você”; o segundo, “Instrumentos avaliativos antes, durante e depois da pandemia” e o terceiro “Reflexos da pandemia na aprendizagem em Matemática”. A seguir, temos o resultado da produção do questionário.

Figura 1- Eixo 1 da primeira versão do questionário

Questionário	
<p>Orientação: Não constará seu nome no questionário, isto é, as respostas são anônimas. Portanto, responda com sinceridade.</p>	
<p>————— Eixo 1 —————</p> <p>Compreendendo o que é Avaliação da Aprendizagem para você</p>	
<p>1. Marque as duas alternativas que melhor representam avaliação para você.</p> <p><input type="checkbox"/> nota</p> <p><input type="checkbox"/> aprendizagem</p> <p><input type="checkbox"/> tensão</p> <p><input type="checkbox"/> prova</p> <p><input type="checkbox"/> momento de estudo</p> <p><input type="checkbox"/> resultado do seu empenho</p> <p>Outro(s): _____</p>	<p>3. Leia a seguinte afirmação: "Uma nota alta significa que aprendi e uma nota baixa significa que não aprendi." Marque a alternativa que melhor representa sua opinião e comente sobre.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo totalmente</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo totalmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Não concordo e nem discordo</p> <p>Comente com uma palavra ou frase a sua resposta:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>2. Leia a seguinte afirmação: "Aprender um conteúdo serve apenas para conseguir uma boa nota." Marque a alternativa que melhor representa sua opinião.</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo totalmente</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo totalmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Não concordo e nem discordo</p> <p>Outro: _____</p>	<p>4. No espaço a seguir, expresse, na sua visão, o que é a avaliação. Fique à vontade para desenhar, utilizar palavras, escrever um poema, utilizar citações de livros, entre outros.</p> <div style="border: 1px solid black; height: 100px; width: 100%;"></div>
<p>5. Você acha a avaliação de matemática mais difícil que a das outras disciplinas?</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo totalmente</p> <p><input type="checkbox"/> Concordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo totalmente</p> <p><input type="checkbox"/> Discordo parcialmente</p> <p><input type="checkbox"/> Não concordo e nem discordo</p> <p>Fale um pouco sobre sua resposta:</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	

Fonte: De autoria própria.

Figura 2 - Eixo 2 da primeira versão do questionário

Eixo 2
Instrumentos avaliativos antes, durante e depois da pandemia

6. a) Durante a pandemia, as atividades avaliativas em Matemática eram:

Mais fáceis que antes da pandemia

Mais difíceis que antes da pandemia

Mesmo nível de dificuldade de antes da pandemia

Outro: _____

b) Comente um pouco sobre sua experiência com as atividades avaliativas em Matemática aplicadas durante a pandemia, no ensino remoto:

7. Com a volta do presencial, como você se sentiu no primeiro momento de realização das avaliações de Matemática? Marque até duas alternativas as imagens que melhor te representa.


 Tensão


 Preocupação


 Medo


 Confiança


 Correr atrás do prejuízo


 Animação

8. Assinale a imagem que melhor representa a sua Aprendizagem em Matemática durante a pandemia.


 "Não aprendi"


 "Aprendi mais ou menos"


 "Foi tranquilo de aprender matemática"


 "Aprendi bastante!"

Caso queira, escreva uma palavra ou frase relacionada às figuras que você marcou:

Fonte: De autoria própria.

Figura 3 - Eixo 3 da primeira versão do questionário

Eixo 3 Reflexos da pandemia na Aprendizagem em Matemática	Comente, brevemente, sobre as suas experiências nos estudos de Matemática, no período da pandemia, no ensino remoto:
<p>9. Durante a pandemia, você teve algum apoio externo para te ajudar com os estudos de Matemática, marque a(s) alternativa(s) que correspondem a esse(s) apoio(s).</p> <p><input type="checkbox"/> Ajuda dos amigos</p> <p><input type="checkbox"/> Ajuda de professores</p> <p><input type="checkbox"/> Aulas particulares</p> <p><input type="checkbox"/> Ajuda da família</p> <p><input type="checkbox"/> Vídeo aulas</p> <p><input type="checkbox"/> Não tive nenhum tipo de apoio</p>	<p>10. De acordo com sua Aprendizagem em Matemática durante a pandemia, na volta das aulas presenciais, você acha que possui conhecimentos suficientes para avançar nos próximos conteúdos matemáticos?</p> <p><input type="checkbox"/> Possui conhecimentos suficientes</p> <p><input type="checkbox"/> Possui conhecimento, mas tenho dificuldades</p> <p><input type="checkbox"/> Possui pouco conhecimento</p> <p><input type="checkbox"/> Não possui conhecimentos suficientes</p> <p>[Nesse espaço, represente sua resposta acima utilizando poema, desenho, escrita, entre outros, sobre a sua Aprendizagem em Matemática.]</p> <div style="border: 1px solid black; height: 100px; width: 100%;"></div>

Fonte: De autoria própria.

A partir deste novo cenário imposto pela nova pandemia, as escolas foram fechadas e passou a ser realizado o Ensino Remoto Emergencial - ERE, que se caracteriza como aquele que soluciona temporariamente, para que haja continuidade das atividades pedagógicas, por meio de recursos digitais disponíveis, diferentemente da Educação à Distância (EaD), que é a modalidade educacional que propõe a realização do processo de ensino e a aprendizagem exercida de forma estruturada e organizada mediante sua metodologia, gestão e avaliação.

Como complementa Silva e Peixoto (2020) o Ensino Remoto Emergencial, durante uma emergência ou crise, permite a existência do processo de ensino e aprendizagem por determinado período, com o suporte de Tecnologias Digitais (TD).

Perante a conjuntura da Covid-19, foi estabelecida a substituição das aulas presenciais por aulas com o uso de tecnologias digitais ou alternativas para realidades onde não existiram possibilidades do uso desse recurso (Brasil, 2020b).

No ensino remoto, de acordo com Sá Filho e Gomes (2019) existem duas maneiras de comunicação: síncrona, que permite a comunicação “ao vivo”, isto é, todos ali comunicam-se ao mesmo tempo e, para isso, podem ser utilizadas videoconferências, chat, sala de bate-papo

e teleconferência; e a assíncrona, que usa ferramentas que não fazem essa comunicação em tempo real, sendo feitas a qualquer hora e podendo ser acessadas a qualquer momento, como portfólios, blogs, fóruns, e-mail, usados com o apoio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

À vista disso, no decorrer desse trabalho, será utilizado o termo “aulas síncronas”, pois o nosso objetivo é investigar os impactos, transições e outros aspectos da avaliação da aprendizagem no contexto desta comunicação em tempo real com os alunos. No entanto, observamos que a maior parte dos alunos participantes tiveram mais aulas assíncronas.

Ressaltamos que utilizamos o termo “aulas *on-line*” no questionário, mas, ao decorrer do trabalho, aprofundamos nossas pesquisas em relação ao termo academicamente mais utilizado quando se tratasse de uma comunicação em tempo real. Logo, ao longo da nossa escrita, utilizamos o termo “aulas síncronas”, como explicado anteriormente.

Dessa maneira, o questionário foi produzido de modo a incentivar a manifestação dos alunos quanto às questões pertinentes em relação à avaliação da aprendizagem em Matemática.

Por isso, optamos por dividir os eixos e utilizar uma linguagem simples e direta, além de possuir perguntas com alternativas, mas que permitissem que os alunos pudessem, caso quisessem, falar a respeito do que assinalou.

Ainda, colocamos imagens que pudessem representá-los, pois poderia ser difícil e cansativo descrever suas impressões apenas por meio de palavras. Assim, o questionário ficou mais dinâmico e rápido de responder, de modo que não os cansasse, mas que, ao mesmo tempo, obtivéssemos as informações necessárias para nossa pesquisa.

3.4.2 Teste exploratório do questionário

O teste exploratório foi aplicado presencialmente com os próprios alunos do curso de Licenciatura em Matemática, ou seja, com nossos colegas de turma, inclusive do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ele aconteceu em dois dias, quarta e quinta-feira, visando abranger o maior público possível, já que, quem não pudesse participar na quarta, poderia participar na quinta e vice-versa.

Escolhemos os alunos da Licenciatura e da nossa turma porque são colegas que estão vivenciando junto conosco o momento de realização da pesquisa para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e, como também estavam realizando suas pesquisas, poderiam contribuir com olhar de pesquisador.

Assim, os questionários foram impressos e entregues a cada participante, bem como o termo de consentimento. Os questionários foram respondidos anonimamente e os licenciandos sentiram-se, a princípio, um pouco confusos quanto à forma de respondê-lo. Acreditamos que as dificuldades iniciais surgiram do fato de eles ocuparem simultaneamente, dois papéis sociais, o de aluno e o de futuro docente, ou mesmo de um professor em processo de formação. Assim, os colegas não sabiam se respondiam como aluno ou como professor.

Pimenta (2012) afirma que este sentimento dúbio de, ora se é aluno, ora se é professor, é muito comum e até necessário nos cursos de formação de professores. Para a autora, os cursos de formação inicial têm como uma de suas grandes contribuições, fazer com que ocorra uma passagem entre o “se ver como aluno” para o “ver como professor”.

Faz-se necessário, portanto, que os alunos experimentem e vivam ações educativas enquanto professor, mesmo ainda estando em processo formativo inicial. A partir deste entendimento, consideramos deixar nossos colegas de certa forma livres para responder, a partir de suas compreensões como aluno ou como professor, entendendo o movimento de diálogo entre essas duas posições.

A primeira questão deixou alguns participantes confusos, pois o sentido da palavra avaliação para eles poderia ser prova ou avaliação formativa, como um processo. Além disso, disseram que as alternativas poderiam ser um pouco mais explícitas, já que algumas deixaram dupla interpretação. Anteriormente, a primeira questão era dessa forma:

Figura 4: Questão um da primeira versão do questionário

<p>1. Marque as duas alternativas que melhor representam avaliação para você.</p> <p><input type="checkbox"/> nota</p> <p><input type="checkbox"/> aprendizagem</p> <p><input type="checkbox"/> tensão</p> <p><input type="checkbox"/> prova</p> <p><input type="checkbox"/> momento de estudo</p> <p><input type="checkbox"/> resultado do seu empenho</p> <p>Outro(s): _____</p>

Fonte: De autoria própria.

A partir das solicitações, alteramos a palavra “nota” para “nota ao final do ano”, visto que alguns destacaram que não necessariamente porque há nota que a avaliação não está sendo processual.

Ainda, a segunda, terceira e quarta alternativas deixamos mais explícitas, reescrevendo-as para “Aprendizagem dos conteúdos”, “Algo que te causa tensão” e “Realização de uma prova”.

A quinta gerou ambiguidade, visto que nossa intenção era saber se o momento de estudo era antes de uma prova e um dos participantes perguntou se esse momento de estudo era durante o processo, visto que, para ele, isso seria avaliação, mas caso fosse antes da prova, não. Assim, sugeriu-nos destacar em que momento seria esse estudo e então modificamos essa alternativa para “Momento de estudo para prova”.

Além disso, alguns participantes sugeriram que na sétima questão do segundo eixo poderia-se abrir a possibilidade de marcar mais de duas imagens.

Figura 5: Questão sete da primeira versão do questionário

7. Com a volta do presencial, como você se sentiu no primeiro momento de realização das avaliações de Matemática? Marque até duas alternativas as imagens que melhor te representa.

		
<input type="checkbox"/> Tensão	<input type="checkbox"/> Preocupação	<input type="checkbox"/> Medo
		
<input type="checkbox"/> Confiança	<input type="checkbox"/> Correr atrás do prejuízo	<input type="checkbox"/> Animação

Caso queira, escreva uma palavra ou frase relacionada às figuras que você marcou:

Fonte: De autoria própria.

Assim, decidimos deixar a opção de marcar mais imagens, no entanto, não deixamos opcional o comentário, pedindo para que os alunos justificassem a escolha de suas imagens. Também verificamos que a ordem do questionário não estava cronológica: primeiro, o eixo

um abordava o período anterior à pandemia, o eixo dois iniciava falando do pós-pandemia e o eixo três voltava à pandemia.

A partir disso, optamos por modificar a ordem dos eixos, para que os alunos seguissem uma linha temporal à medida que fossem respondendo às perguntas. Por isso, trocamos o eixo dois com o eixo três, logo, a ordem das questões também mudou.

Ainda os licenciandos, relataram que acharam muito legal a ideia de deixar um espaço para que os alunos pudessem expressar-se à vontade, tanto na questão quatro do eixo 1 quanto na questão dez do eixo três. Percebemos também que alguns ficaram meio “abalados” em relação a ter que retomar os tempos de pandemia, já que muitos passaram por momentos difíceis durante esse período.

O teste exploratório foi imprescindível para o sucesso da aplicação do questionário. Enquanto pesquisadoras, elaboramos o instrumento com determinados objetivos a se cumprir e dados específicos para coletar, no entanto, como fazemos parte do trabalho, não percebemos que muitas coisas passam despercebidas e ambiguidades que podem ser geradas.

À vista disso, o teste exploratório assume um papel importante no trabalho, que garantiu o sucesso da aplicação do questionário. Com as sugestões, o instrumento ficou ainda mais coerente e, sem elas, as mesmas dúvidas poderiam ter sido geradas na aplicação, o que prejudicaria esse momento imprescindível para a finalidade da pesquisa.

3.4.3 Aplicação do questionário

Iniciamos a coleta de dados no dia 31 de maio de 2023 com a aplicação do questionário em todas as turmas referentes ao primeiro ano do Ensino Médio, sendo um total de três, para 60 alunos.

Assim, acordado com a professora 1, a qual disponibilizou alguns de seus horários e nos auxiliou na concessão de um horário de outro professor, realizamos a aplicação toda na parte da manhã, com cada uma tendo 50 minutos para execução. A turma 1001 foi representada como turma 1, 1002 como turma 2 e 1003 como turma 3.

A primeira turma a aplicarmos foi a turma 3 no horário das 7h50min às 8h40min, chegamos à sala às 07h15min e ficamos aguardando pelos alunos, que foram chegando aos poucos e às 07h55min começamos.

Iniciamos a aplicação, apresentando-nos e explicando o intuito de estarmos realizando a nossa pesquisa, destacamos a importância da participação de todos os envolvidos e pedimos-lhe que contribuíssem da melhor forma que pudessem.

Logo, entregamos a cada participante o termo de consentimento para que eles lessem e assinassem e esclarecemos que a participação era anônima e eles não seriam identificados. Após, entregamos os questionários a cada um e, em seguida, lemos todas as questões com eles, sanando todas as eventuais dúvidas, analogamente, esse processo foi realizado em todas as turmas participantes.

Dando continuidade, efetuamos as demais aplicações nos horários de 8h40min às 9h30min, na turma 1 e na turma 2, de 9h30min às 10h20min. Todas as turmas foram receptivas e se disponibilizaram a participar.

Alguns alunos iam respondendo à medida que íamos lendo e, ao finalizarmos a leitura, esses nos entregavam, outros ficavam até o final do tempo estipulado. Em suma, a aplicação foi um sucesso, totalizando 60 alunos. Com isso, iniciamos as análises dos dados e a filtragem para que realizássemos, posteriormente, o grupo focal.

3.5 Entrevista individual

3.5.1 Elaboração do roteiro de entrevista individual

Para as professoras, escolhemos coletar os dados por meio de entrevista, que, de acordo com Gil (2021) é o ato de formular perguntas ao entrevistado, a fim de coletar respostas relevantes para sua pesquisa.

Definimos esse instrumento pois permite coletar informações de forma rápida e imediata, podendo ser realizada com qualquer pessoa e abordar vários assuntos (Ludke; André, 2017).

Além disso, segundo Gil (2021) possibilita coletar informações de maneira mais profunda, permitindo observar outros âmbitos do entrevistado que não necessariamente estão presentes na sua fala, mas sim, em sua linguagem corporal.

Minayo e Costa (2018, p. 142) complementam as ideias de Gil (2021) quando dizem que: “[...] o investigador terá em suas mãos, elementos de relações, atitudes, práticas, cumplicidades, omissões e outros elementos da vida social que marcam o cotidiano”.

O tipo de entrevista foi semi-estruturada. De acordo com Gil (2021) é aquela que possui perguntas que foram pré-elaboradas, no entanto, sem alternativas. Dessa forma, o entrevistado consegue responder de modo mais livre às questões.

Ademais, possui características de entrevista narrativa que, segundo Bauer e Gaskell (2008) consiste em incentivar o entrevistado a contar a história de algum episódio relevante

que já vivenciou ou que se faz presente em sua realidade, com pouca interferência do entrevistador.

A entrevista foi elaborada com o total de dez questões, organizada em três eixos de acordo com os três objetivos específicos do trabalho, seguindo a mesma direção do questionário aplicado aos estudantes.

No primeiro eixo, que consistiu em compreender o que é avaliação da aprendizagem para o professor, fizemos três perguntas: na primeira, buscamos entender o que é o ato de avaliar na concepção da respectiva professora, de maneira geral; na segunda, o sentido de se avaliar em Matemática e a terceira, de modo resumido, entender a representação de avaliação para o professor em questão. As perguntas do primeiro eixo estão enumeradas a seguir:

Quadro 2 - Perguntas do eixo 1 da entrevista

1. O que é o ato de avaliar, na sua concepção?

2. Em sua opinião, qual é o sentido de avaliar em Matemática?

3. Em síntese, o que representa avaliar para você (por exemplo, verificar a aprendizagem dos alunos, atribuir uma nota, o desenvolvimento do aluno, um indício da qualidade do seu trabalho)?

Fonte: Elaboração própria.

No segundo eixo, elaboramos quatro perguntas, com o objetivo de identificar os instrumentos avaliativos utilizados pelas professoras ao longo de sua trajetória antes, durante e depois da pandemia. Assim, a quarta pergunta foi sobre os instrumentos avaliativos aplicados pelas docentes antes da pandemia e a quinta sobre os instrumentos aplicados durante e depois da pandemia.

Além dessas duas, a sexta questão teve a finalidade de entender os critérios utilizados para definir os instrumentos avaliativos durante a pandemia. Encerrando as questões desse eixo, na sétima procuramos verificar se realmente houve aprendizagem durante a pandemia, a partir do que foi visto pelos docentes nas avaliações realizadas durante esse período.

Quadro 3 - Perguntas do eixo 2 da entrevista

4. Fale um pouco sobre os instrumentos avaliativos que você utilizou durante a pandemia (prova, trabalho, exercícios...)

5. Em relação aos instrumentos avaliativos, quais você costumava utilizar e quais você utilizou durante a pandemia? E agora, depois da pandemia?

6. Como você definiu os instrumentos avaliativos a serem utilizados durante a pandemia? Quais critérios você utilizou?

7. Na sua percepção, como os alunos se saíram nas avaliações durante a pandemia (Fale de suas notas e aprendizagem)?

Fonte: Elaboração própria.

No terceiro eixo, a intenção foi obter informações sobre os reflexos que o período de pandemia causou na aprendizagem em Matemática, partindo de três perguntas: na oitava, quisemos observar se as notas obtidas nas avaliações aplicadas na pandemia realmente correspondeu à aprendizagem desses alunos; na nona, se os alunos têm condições de aprender o conteúdo proposto para sua respectiva série e na décima, se houve aprendizagem em Matemática durante a pandemia, a partir da perspectiva dos docentes.

Quadro 4 - Perguntas do eixo 3 da entrevista

8. Você acredita que a nota dos alunos em Matemática realmente correspondeu à aprendizagem deles?

9. Você acha que os alunos têm os conhecimentos necessários para aprender os conteúdos de Matemática correspondentes ao ano de escolaridade que eles se encontram?

10. Em sua opinião, a aprendizagem dos conteúdos em Matemática foi satisfatória? Explique

Fonte: Elaboração própria.

Logo, foi organizado de modo a retomar os processos avaliativos antes, durante e depois da pandemia, além dos impactos na aprendizagem em Matemática na volta às aulas presenciais. Portanto, o roteiro foi elaborado conectado ao questionário, que, conseqüentemente, está encadeado com os objetivos específicos da pesquisa, buscando alcançá-los.

3.5.2 Teste exploratório do roteiro de entrevista individual

O teste exploratório da entrevista foi realizado com professores do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do IFF, onde a orientadora, enviou a entrevista para que eles pudessem responder e fazer suas considerações.

Esse grupo de professores foi escolhido por fazerem parte do corpo docente da graduação de Licenciatura em Matemática da instituição em que cursamos e terem conhecimento de nosso trabalho, facilitando o processo de opinar sobre ele.

Contamos com a participação de 4 professores, aos quais realizaram algumas sugestões. A professora 3 fez algumas observações em relação ao momento da entrevista, dando algumas dicas sobre como se portar diante do entrevistado. Já a professora 4, deu algumas sugestões em relação a algumas perguntas, que estarão descritas a seguir:

No primeiro eixo, a professora 4 destacou que a primeira e a terceira questão estavam muito parecidas. Então, juntou-se essas duas questões em apenas uma, que tornou-se a questão 1

Quadro 5 - Questão 1 da entrevista

Questão 1- O que é o ato de avaliar, na sua concepção? (por exemplo, verificar a aprendizagem dos alunos, atribuir uma nota, o desenvolvimento do aluno, um indício da qualidade do seu trabalho)

Fonte: Elaboração própria.

“

No segundo eixo, reformulou-se as questões 4 e 5 em uma questão só, virando:

Quadro 6 - Questão 3 da entrevista

Questão 3- Fale um pouco sobre os instrumentos avaliativos utilizados:

- a) antes da pandemia (O que você usava);
- b) durante a pandemia;
- c) depois da pandemia.

Exemplos de instrumentos: prova, teste, exercícios, trabalhos individuais ou em grupo, participação em sala de aula ou algum outro.

Fonte: Elaboração própria.

Ainda no segundo eixo, alterou-se a questão seis, a partir da sugestão da professora 4, sobre os critérios que foram utilizados para avaliar, que se transformou em:

Quadro 7 - Questão 5 da entrevista

Questão 5- Em relação aos instrumentos avaliativos aplicados durante a pandemia:

- a) Quais critérios você utilizou para defini-los?
- b) Quais critérios você utilizou para avaliá-los? (Critérios que ela está avaliando essa aprendizagem: participação nas aulas, conhecimento prévio do aluno, o tipo de instrumento utilizado, dentre outros.)

Fonte: Elaboração própria.

Na sétima pergunta, a professora 4 destacou a dificuldade de se falar sobre aprendizagem, então a parte da aprendizagem foi retirada, deixando apenas: “Na sua percepção, como os alunos se saíram nas avaliações durante a pandemia (Fale de suas notas)?”

Ainda, a professora 4 julgou interessante perguntar também se houve modificação no nível das questões em relação a antes, durante e depois da pandemia. Dessa forma, acrescentou-se a questão ao roteiro de entrevista, que enumeramos como a sexta questão: “Dentro de um instrumento que utilizou antes e durante a pandemia, houve modificações (Por exemplo, no caso das atividades avaliativas, o nível das questões, ao tipo de abordagem da pergunta)?”

O terceiro eixo não sofreu modificações. Os outros dois professores do Núcleo Docente Estruturante (NDE) elogiaram o roteiro de entrevista e não fizeram comentários a mais sobre. Ao final, após as modificações, o roteiro ficou organizado em três eixos, que se mantiveram com o mesmo objetivo.

O primeiro eixo “Compreendendo o que é a avaliação da Aprendizagem para você” conta com duas perguntas:

1. O que é o ato de avaliar, na sua concepção (Por exemplo, verificar a aprendizagem dos alunos, atribuir uma nota, o desenvolvimento do aluno, um indício da qualidade do seu trabalho)?
2. Em sua opinião, qual é o sentido de avaliar em Matemática?

O segundo eixo, denominado “Instrumentos avaliativos antes, durante e depois da pandemia” ficou com cinco perguntas:

3. Fale um pouco sobre os instrumentos avaliativos que utilizados:
 - a) Antes da pandemia (o que você usava);
 - b) Durante a pandemia;
 - c) Depois da pandemia.
4. Onde você buscou apoio para reformular suas práticas avaliativas durante a pandemia (na escola com os colegas, iniciativa própria, cursos ou sua própria experiência)?
5. Em relação aos instrumentos avaliativos aplicados durante a pandemia:
 - a) Quais critérios você utilizou para defini-los?
 - b) Quais critérios você utilizou para avaliá-los (critérios ele está avaliando esta aprendizagem: participação nas aulas, conhecimento prévio do aluno, o tipo de instrumento utilizado, entre outros)?
6. Dentro de um instrumento que utilizou antes e durante a pandemia, houve modificações (Por exemplo, no caso de atividades avaliativas no nível das questões, ao tipo de abordagem da pergunta)?
7. Na sua percepção, como os alunos se saíram nas avaliações durante a pandemia (Fale de suas notas)?

O terceiro eixo chamado de “Reflexos da pandemia na Aprendizagem em Matemática”, encerrando o roteiro, tem três perguntas:

8. Você acredita que a nota dos alunos em Matemática realmente correspondeu à aprendizagem deles (Percepção em sala de aula, durante as atividades)?
9. Você acha que os alunos têm os conhecimentos necessários para aprender os conteúdos de Matemática correspondentes ao ano de escolaridade que eles se encontram?
10. Em sua opinião, a aprendizagem dos conteúdos em Matemática foi satisfatória? Explique.

As contribuições dos professores em relação ao roteiro de entrevista foram de extrema relevância, visto que o roteiro, em sua primeira versão, abordava alguns elementos delicados e subjetivos, que foram alterados. Também, a importância do teste deve-se ao fato de que as recomendações enriqueceram a entrevista, pois nos proporcionou coletar dados que, por nós, poderiam passar despercebidos.

3.5.3 Aplicação da entrevista individual

A primeira entrevista ocorreu com a professora 2, no dia 16 de maio, durante o intervalo entre uma de suas aulas, na sala da coordenação. Ela estava um pouco tímida e polida, no entanto, posteriormente, conseguiu ficar mais à vontade, respondendo às perguntas.

A segunda entrevista foi feita dia 31 de maio, com a professora 1, no horário de uma de suas aulas, durante a aplicação de uma atividade avaliativa de função polinomial do primeiro grau. Houve algumas interrupções dos alunos, mas a entrevista correu bem, a professora respondeu às perguntas detalhadamente, porém objetivamente.

Os momentos sucederam-se de modo leve e trouxeram diversas contribuições para nossa pesquisa. Logo, conseguimos coletar as informações necessárias de ambas as professoras, de acordo com nossos objetivos.

3.6 Grupo focal

3.6.1 Estruturação do grupo focal

Como dissemos, a primeira etapa de investigação acerca da temática de nossa pesquisa junto aos estudantes, foi a partir da aplicação do questionário. No entanto, já era nossa intenção aprofundar nossa discussão com os alunos e, dada a impossibilidade de realizar entrevistas individuais em função do caráter quantitativo, optamos pela realização do grupo focal.

De acordo com Gatti (2005) o grupo focal caracteriza-se pela escolha de pessoas aptas para abordar um tema em comum, o qual essas pessoas já tenham alguma experiência com a temática abordada. Ainda, segundo Gomes (2005) o objetivo desse tipo de técnica é, por meio do que for respondido pelos participantes, conseguir captar suas perspectivas e expressões. Dessa forma, Gatti (2005) completa o raciocínio ao dizer que, a partir do grupo focal, é possível enxergar a linha de pensamento utilizada para chegar às respostas.

A partir da análise das respostas dos 60 questionários, resolvemos fazer dois grupos focais com os alunos, pois, além de ter participado de avaliações durante toda sua vida escolar, Gomes (2005) atribui uma vantagem do grupo focal em relação à participação: os envolvidos sentem-se motivados e encorajados a falar quando veem seus semelhantes falando, possibilitando também diferentes opiniões sobre o mesmo assunto.

O roteiro dos dois grupos focais foi também elaborado seguindo os mesmos três eixos apresentados na entrevista e no questionário, partindo-se da análise dos dados dos instrumentos anteriores, a fim de esmiuçar esse assunto com os alunos.

No primeiro eixo, queríamos compreender como os educandos enxergam a avaliação em Matemática, além de como aprendem essa disciplina. Dessa forma, delimitamos oito perguntas sobre essa temática:

Quadro 8 - Questões do primeiro eixo do grupo focal

1. Para vocês, o que é a Matemática (Defina em uma palavra)?
2. Como vocês aprendem Matemática? O que facilita a aprendizagem de vocês?
3. Como vocês veem a avaliação? Quando se fala essa palavra, o que vem na cabeça de vocês?
4. O que vocês acham da avaliação em Matemática?
5. Como é a avaliação em Matemática aqui na escola? Em que momento vocês sentem que acontece a avaliação em Matemática?
6. Em qual formato de avaliação vocês sentem que aprendem mais (Atividades em grupo, atividade de casa, atividade em sala de aula, trabalho, prova, exercícios...)? Por quê?

7. Vocês têm o apoio da família para estudar Matemática (Alguém que estude com vocês ou alguém que apoia seus estudos)?

8. Para vocês, o professor de Matemática é importante para se aprender Matemática? Por quê?

Fonte: Elaboração própria.

No segundo eixo, o propósito foi de identificar como se deu o processo avaliativo durante o período de pandemia. Assim, foram elaboradas duas questões:

Quadro 9- Questões do segundo eixo do grupo focal

9. Como foi aprender e estudar Matemática na pandemia (O que vocês acharam? Em relação ao nível de dificuldade, como foi? Quais os tipos de atividades vocês faziam? Como faziam essas atividades?)?

10. O que vocês aprenderam em Matemática durante a pandemia (Quais conteúdos vocês estudaram em Matemática?)?

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, no terceiro eixo designou-se a entender os impactos causados pela pandemia na volta às aulas presenciais, especificamente no campo da avaliação. Portanto, foram elaboradas duas questões sobre esse aspecto:

Quadro 10- Questões do terceiro eixo do grupo focal

11. Na volta às aulas presenciais, depois da pandemia, como vocês aprendem e estudam Matemática (O que vocês acham? Em relação ao nível de dificuldade, como é agora? Quais os tipos de atividades vocês fazem? Como vocês fazem essas atividades?)?

12. Quando vocês voltaram para escola, sala de aula, sentiram muita diferença para quando estavam estudando em casa (Em relação aos conteúdos, atividades, comportamento de vocês...)?

Fonte: Elaboração própria.

Objetivando ouvir as experiências de alunos que passaram pela experiência de ter tido aulas síncronas, a partir dos questionários aplicados em cada turma, verificamos que a turma 3 contou com apenas 4 respostas afirmativas para aulas síncronas, enquanto a 1 e 2 contaram com 12 cada uma.

Turma aplicada	Quantidade total de respondentes	Respondentes com aula síncrona na pandemia
Turma 1	22	12
Turma 2	26	12
Turma 3	12	4

Dessa maneira, inicialmente, decidimos buscar pelos 28 dos 60 alunos que tiveram aulas síncronas e, entre eles, selecionar apenas os que a realizaram por mais tempo, visto que muitos abandonaram esse modelo e optaram pelas apostilas. Assim, contamos com a elaboração de um grupo focal de oito a doze pessoas que tiveram aula síncrona durante a pandemia.

No entanto, ao explicar a situação para a professora 1, titular da turma, ela relatou a impossibilidade de alunos de turmas diferentes participarem ao mesmo tempo do grupo focal, visto que o grupo não poderia ocorrer no horário de sua aula. A partir desse empecilho, optamos por fazer um grupo focal com a turma que tivesse o maior número de alunos com aula síncrona.

Todavia, percebemos que foi coletado o mesmo quantitativo de afirmação para aulas síncronas de duas das três turmas, logo, tivemos que fazer dois grupos focais separados com cada turma: um com a turma 1 e outro com a turma 2.

Ao verificarmos o questionário, vimos que a turma 1 e 2 possuíam 12 respostas positivas para aulas síncronas, enquanto a turma 3, apenas 4 respostas positivas. Nosso critério, como dito anteriormente, era fazer o grupo focal com a turma que tivesse mais respostas positivas em relação à aula síncrona.

No entanto, como as turmas 1 e 2 apresentaram mesmo quantitativo e tinham poucos alunos de cada uma, considerando o fato de que alguns poderiam faltar no dia do grupo focal, ficamos impossibilitadas de filtrá-los em outros quesitos, como gênero, a fim de balancear a

quantidade de meninos e meninas e participação ou mais extrovertidos, com o objetivo de buscar os mais falantes para a participação do grupo focal.

3.6.2 Aplicação do grupo focal

No dia 14 de junho de 2023, direcionamo-nos à sala da turma 2 para realizar o primeiro grupo focal. Solicitamos aos alunos que assinalaram a resposta “sim” no questionário, em relação a se tiveram ou não aulas síncronas na pandemia, para que levantassem a mão. Então, identificamos sete discentes.

O grupo focal com a turma 2 foi realizado às oito horas da manhã, na biblioteca da escola, em que distribuímos cadeiras e formamos uma espécie de roda de conversa com eles. A turma 2 mostrou-se um pouco tímida ao participar do grupo focal. Percebemos isso por meio das poucas falas entre eles, deles conosco e de certa falta de interesse em estar ali naquele momento. A atividade do grupo focal com este grupo durou 25 minutos.

No dia 16 de junho de 2023, a fim de realizar o grupo focal com a turma 1, também fomos à sala e pedimos para que levantasse a mão quem marcou no questionário a opção de ter tido aulas síncronas. Com isso, identificamos que 15 alunos levantaram a mão.

No entanto, percebemos que alguns queriam participar apenas com o objetivo de sair da sala de aula e não por realmente terem tido aulas síncronas durante a pandemia. Assim, como o questionário tinha sido respondido anonimamente, não foi possível selecionar quais realmente marcaram “sim” ou “não”. Conseqüentemente, tivemos que abrir essa exceção e os 15 participaram.

O grupo da turma 1, por sua vez, era o contrário da 2. Os alunos mostraram-se muito falantes e participativos, o que facilitou a discussão no grupo. Conseqüentemente, o grupo focal nessa turma durou cerca de uma hora.

Assim, os alunos que participaram mais ativamente durante os dois grupos focais são nomeados por por letras (Aluno A, Aluno B, Aluno C e assim por diante). Já os alunos que falaram esporadicamente são representados por números (Aluno 1, Aluno 2, Aluno 3, Aluno 4 e assim por diante).

Realizar o grupo focal com as turmas 1 e 2 foi muito relevante para nossa pesquisa. Isso deve-se ao fato de que pudemos adentrar nas perguntas do questionário, coletando informações de forma mais objetiva e em contato direto com estudantes, dialogando com eles. Nesse processo, conseguimos ver algumas confirmações e contradições, reforçando a quão necessário foi a realização do grupo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com a contribuição de duas professoras de Matemática e 60 alunos distribuídos em três turmas do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Campos dos Goytacazes.

Foram realizadas análises a partir dos dados que obtivemos acerca das temáticas, coletados por meio de questionários e grupos focais com os alunos e as entrevistas com as professoras.

A partir disso, o presente estudo encaminhou-se para compreensão a respeito dos reflexos do período pandêmico na avaliação em Matemática, tendo investigado o entendimento dos participantes sobre o que é avaliação em Matemática, os instrumentos avaliativos realizados e quais reflexos pode-se identificar na aprendizagem Matemática.

A seção está dividida em três eixos: o primeiro discorre sobre a avaliação da aprendizagem em Matemática; o segundo refere-se aos instrumentos avaliativos utilizados antes, durante e depois da pandemia do Covid-19 e por fim, o último aborda os reflexos na aprendizagem em Matemática. Cada um desses eixos inclui as perspectivas dos alunos e das professoras, bem como as semelhanças e diferenças entre suas concepções.

4.1 Avaliação da aprendizagem em Matemática

Segundo Moretto (2014) a avaliação é parte integrante da aprendizagem e do ensino, que possui diversas formas de ser realizada, abrindo espaço para reflexões dadas por diferentes experiências, conceitos e dúvidas que a permeiam. É nesse sentido que muito ainda se tem estudado sobre ela. Portanto, nesta seção, buscamos compreender a visão dos alunos e professoras em relação à avaliação da aprendizagem em Matemática.

4.1.1 Avaliação da aprendizagem em Matemática - a perspectiva das professoras

Essa subseção pretende compreender como as professoras 1 e 2 da presente pesquisa concebem a avaliação da aprendizagem. Assim, obtivemos as respostas referentes à primeira pergunta realizada: “O que é o ato de avaliar, na sua concepção?”. A professora 1 respondeu:

Para mim aprendizagem é diariamente. Você vê o progresso do aluno a cada dia, porque, na verdade, quando você avalia uma nota, naquele dia ele pode não tá bem, ele pode ter uma crise de ansiedade, ele pode ficar em pânico, ele pode não conseguir resolver a atividade. Eu acho que quando você coloca nome na atividade,

quando você fala que é uma avaliação, a palavra “avaliação”, ela pesa (Professora 1).

A partir da fala da Professora 1, pudemos perceber que, para ela, a avaliação é contínua, visando o desenvolvimento do aluno, e não apenas no momento de realização da atividade avaliativa. Além disso, ela enfatiza, como também dito pelos alunos, a ansiedade, gerada pela insegurança de não conseguir responder corretamente às questões do instrumento.

A professora 2, em relação à mesma pergunta, respondeu:

Felizmente, a gente que trabalha em escola pública a gente tem que avaliar com tudo, se traz material você tem que dar ponto, por que você tem que pontuar porque tudo *pra* eles é em função de nota, então se não vale nota, não vale nada, entendeu?! Eles só funcionam em função de ponto, tudo que você dá: “é pra nota?” [...] Então, a gente às vezes percebe, eu, na verdade, eu sinto mais dos nossos alunos que eles não estudam para a prova, então eles vão bem na sala, vão fazendo junto, vão respondendo, aí chega na prova, não vai bem porque eles não pegam o material.[...] avaliar, eu acho que é você analisar o processo, né? Do aluno, da aprendizagem dele tanto o processo dele durante as aulas, mas também o final como seria a avaliação, que é ali que eu vou ver que ele sozinho, se ele realmente aprendeu, que eu vou pegar e ver que o aluno aprendeu, se ele entendeu o que eu falei (Professora 2).

A professora 2 destaca a ânsia por notas por parte dos alunos e afirma que, no caso da escola pública, tudo deve ser avaliado, isto é, atribuído valor, visto que eles só participam das atividades se for dessa maneira.

Além disso, a professora 2 percebe que eles vão bem durante as aulas, logo, ela também considera o desenvolvimento do educando, mas não descarta que a forma de verificar se houve aprendizagem é no instrumento avaliativo final. As falas nos possibilitam pensar que ambas as professoras consideram a prática de avaliar o processo, a continuidade e desenvolvimento dos alunos.

No entanto, pareceu-nos evidente que, embora as professoras tenham uma visão mais ampla do processo avaliativo, concebendo-o como processo, percurso a ser trilhado, também compreendem a avaliação da perspectiva da realização de provas e testes. Certamente, o próprio sistema educativo, no âmbito da organização e da administração escolar, cobre dos professores, esta prestação de contas, que seja, a avaliação somativa.

Para Maciel (2003) ocorre essa dicotomia na compreensão de avaliação como processo, mas também a necessidade de atribuir valor a ela, especialmente ao final de determinado período, quando o docente vê-se obrigado a aprovar ou reprovar os estudantes, necessitando apresentar suas notas.

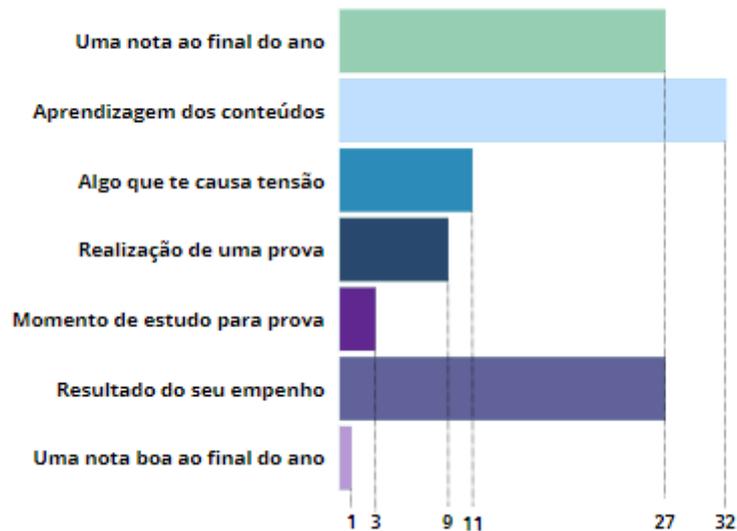
4.1.2 Avaliação da aprendizagem em Matemática - a perspectiva dos alunos

A avaliação da aprendizagem é uma temática de pesquisas que apresentam diferentes concepções. Ela pode ser vista como um processo, como apenas o instrumento (testes e provas), uma verificação do trabalho do professor e até o resultado do empenho dos alunos. Assim, exploraremos a perspectiva dos alunos sobre a avaliação da aprendizagem em Matemática.

Dessa maneira, buscando compreender o que representa a avaliação para os alunos, referentes à primeira e terceira questões do questionário. Na primeira questão obtivemos 110 alternativas marcadas, levando em consideração que cada aluno deveria marcar duas alternativas, assim dos 60 participantes, 50 selecionaram duas alternativas e 10 marcaram somente um das opções, já na questão três, tivemos 59 respostas, logo temos os gráficos 1 e 2:

Gráfico 1- Visão dos alunos sobre a representação de avaliação

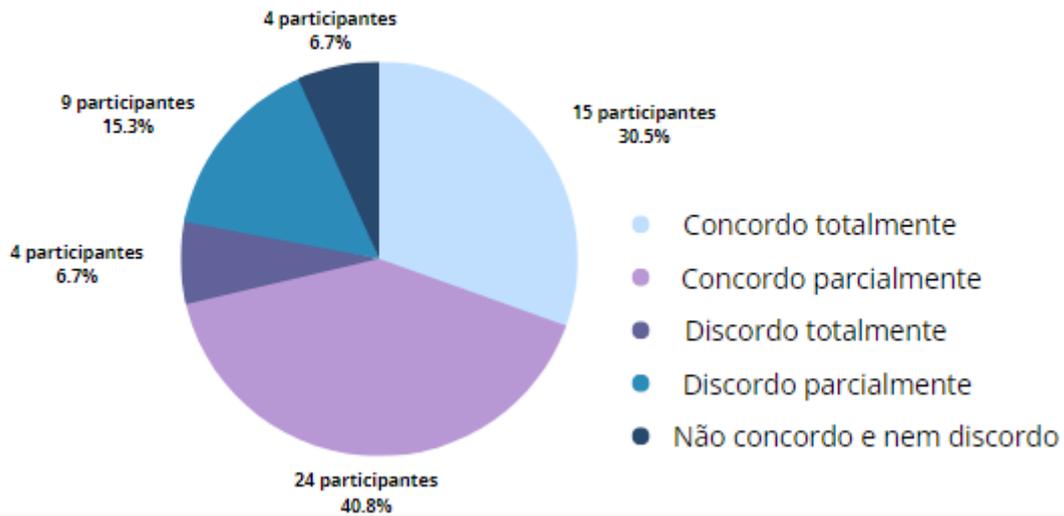
1. Marque as duas alternativas que melhor representam avaliação para você.



Fonte: De autoria própria.

Gráfico 2: Relação de notas e aprendizagem

3. Leia a seguinte afirmação: “Uma nota alta significa que aprendi e uma nota baixa significa que não aprendi.” Marque a alternativa que melhor representa sua opinião e comente sobre.



Fonte: De autoria própria.

A partir do primeiro gráfico, observamos que três grandes respostas evidenciaram-se: mais da metade dos alunos respondeu que é uma “Aprendizagem dos conteúdos” e, na sequência, temos que 45% deles responderam que é “Uma nota ao final do ano” ou “Resultado de seu empenho”. Isso nos mostra que os alunos possuem uma visão de avaliação voltada para o resultado, isto é, a nota final que obtiveram.

Apesar de 53,3% terem respondido “Aprendizagem dos conteúdos”, essa aprendizagem é específica para o instrumento avaliativo a ser aplicado, seja ele prova ou teste. Aprendizagem dos conteúdos, nesse caso, não tem sentido de processo, de algo em construção, mas sim, de aprendizagem “pré-prova”.

Essa constatação é confirmada ao observarmos as frases ditas por alguns alunos durante o grupo focal, quando perguntados sobre o que seria avaliação da aprendizagem para eles:

- “Prova” (Aluno 10 da turma 1).
- “Teste” (Aluno 3 da turma 1).
- “Fazer a avaliação já é um desafio, a prova é difícil” (Aluno A da turma 1).
- “Testar seus conhecimentos” (Aluno B da turma 1).
- “Medo” (Aluno 13 da turma 2).
- “Desespero” (Aluno F da turma 2).

Segundo Vasconcellos (2008) uma das consequências que a avaliação que praticamos traz é a de que, quando deveria ser um desenvolvimento do processo do discente, concentra-se

na parte final dele, isto é, o instrumento que fará o aluno passar de ano, sendo este o principal motivo pelo qual eles estudam.

Esta linha de pensamento é reforçada, quando, no segundo gráfico, parte dos alunos disse que concorda totalmente e outra que concorda parcialmente. Se analisarmos em relação à concordância com a frase, mais de 70% dos alunos afirmam que a nota está relacionada ao quanto eles aprenderam.

Em relação aos que concordaram parcialmente, vemos duas possibilidades para isso a partir de seus comentários, que são a cola e a insegurança, como nas narrativas:

“Nota alta a pessoa pode ter colado ou feito várias outras coisas, não exatamente ter aprendido.”

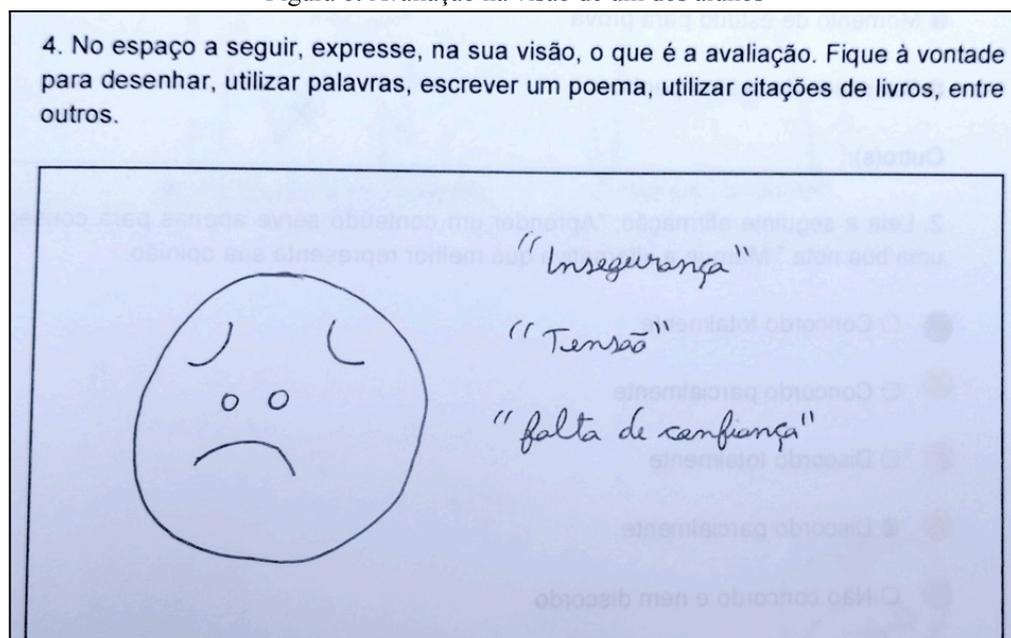
“Podemos tirar uma nota alta e mesmo assim não ter aprendido a matéria ou vice-versa.”

“O aluno pode saber todo o conteúdo, mas fica nervoso e acaba atrapalhando seu desempenho.”

(Registro dos alunos na terceira questão do questionário).

Ainda voltada à insegurança causada pelo instrumento avaliativo, um dos alunos representou suas emoções, na quarta questão do questionário, por meio deste desenho em relação à avaliação:

Figura 6: Avaliação na visão de um dos alunos



Fonte: Protocolo de pesquisa.

Na imagem, podemos verificar a expressão de um rosto representando tristeza. As palavras “Insegurança”, “Tensão” e “Falta de confiança” reafirmam essa ideia, mostrando que a avaliação, para os alunos, tem objetivo de atingir um bom desempenho.

Conseqüentemente, o instrumento acarreta sentimentos como os apresentados, já que existe a possibilidade de se conseguir uma nota ruim na prova ou teste, visto que é o modo como os discentes enxergam a avaliação.

Essa importância da nota é tão evidente que, durante o grupo focal, surgiu justamente uma discussão relacionada à cola. Assim, perguntamos se resolvia os problemas da aprendizagem (ou falta dela) e os alunos, juntos, responderam:

“Ó, adianta é a nota”; “Adianta *pra* nota” (Alunos da turma 1 em conjunto).
 “É, eu já peguei a prova dos outros” (Aluno A da turma 1).
 “Já peguei a prova dele à força” (Aluno 2 da turma 1).

O peso atribuído à nota é tão significativo que um dos alunos relatou pegar a prova do outro à força. É nesse sentido que Luckesi (2011a) afirma:

Os alunos têm sua atenção centrada na promoção. [...] O que predomina é a nota: não importa *como* elas foram obtidas nem por *quais caminhos*. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem (Luckesi, 2011a, p. 36).

Para os alunos, a aprendizagem dos conteúdos é direcionada para fazer a prova, a fim de alcançar uma boa nota. O estudo não é voltado para aprender significativamente, mas para conseguir uma aprovação, de fato, o resultado. A avaliação não tem sentido do ponto de vista processual, mas sim, do produto obtido. Ainda, na quarta questão do questionário, pedimos para que os alunos representassem sua visão do que era avaliação, podendo utilizar desenhos, frases, trechos de músicas ou outro tipo de expressão a qual pudessem sentir-se mais à vontade.

Selecionamos as imagens que, de acordo com Bauer e Gaskell (2008), apontam que a primeira fase da análise de imagens é a escolha das mesmas e que, se o objetivo da análise a ser realizada é explicar uma amostra do material coletado, então essa amostragem deve ser apropriada.

Ainda, seguindo para a análise dessas imagens, Bauer e Gaskell (2008) pontuam:

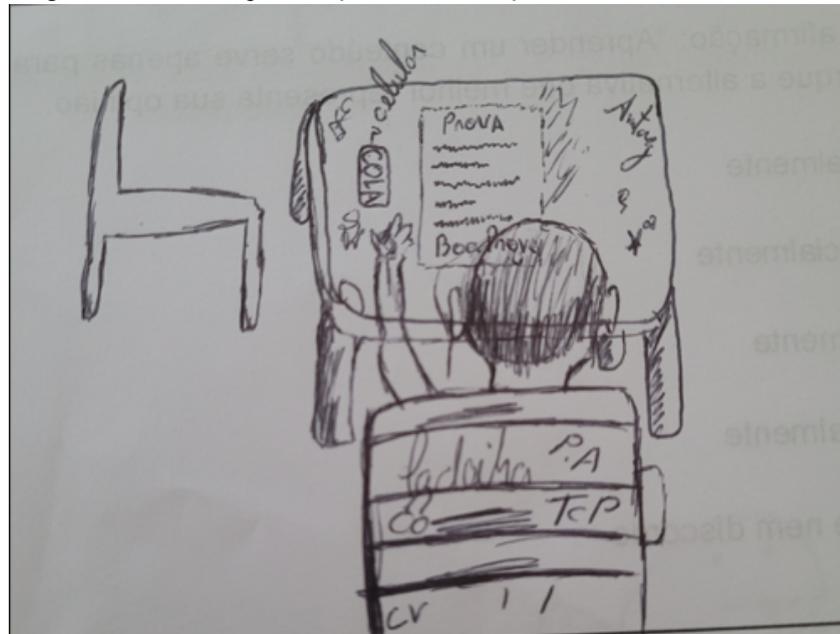
O segundo estágio é identificar os elementos no material. Isto pode ser feito listando os elementos sistematicamente, ou fazendo anotações no traçado do material. [...] tanto texto, como imagem, e nenhum deles deve ser ignorado. É importante que o

inventário seja completo, pois a abordagem sistemática ajuda a assegurar que a análise não seja seletivamente auto-afirmativa. Este é o estágio denotativo da análise: a catalogação do sentido literal do material [...]. O terceiro estágio é a análise de níveis de significação mais altos. Ele é construído a partir do inventário denotativo e irá fazer a cada elemento uma série de perguntas relacionadas. O que tal elemento conota (que associações são trazidas à mente)? Como os elementos se relacionam com os outros (correspondências internas, contrastes, etc.)? Que conhecimentos culturais são exigidos a fim de ler o material? No âmbito da denotação, tudo o que o leitor necessita para ler o comercial é um conhecimento da linguagem escrita e falada [...]. No âmbito da conotação, necessitamos de vários outros conhecimentos culturais. (Bauer; Gaskell, 2008, p. 326-328)

Assim, foram escolhidas duas imagens que resumem a visão de avaliação por parte dos alunos, relativas à quarta questão do questionário: “No espaço a seguir, expresse, na sua visão, o que é a avaliação. Fique à vontade para desenhar, utilizar palavras, escrever um poema, utilizar citações de livros, entre outros.”, analisadas a partir de Bauer e Gaskell (2008), demarcando cada elemento visual e textual e o que eles nos comunicam.

Desse modo, escolhemos duas imagens que exprimem o que é avaliação para os alunos. A primeira delas encontra-se na figura sete a seguir:

Figura 7: Primeira representação sobre avaliação na visão de um dos alunos



Fonte: Protocolo de pesquisa.

Primeiramente, verificamos que o desenho apresenta bastante poluição, carregado de informação, que é o modo como esse aluno enxerga a sala de aula. Tem-se duas cadeiras: uma, cheia de rabiscos, a qual ele está sentado, indicando representações do local onde ele vive, como facções e sigla do bairro, além do órgão genital apresentado na imagem e a outra

cadeira “fora do lugar”, como se estivesse solta pela sala. Ainda, a mesa rabiscada apresenta o nome de uma pessoa e a representação de uma estrela “ao quadrado”, que pode significar x^2 .

Concentrando o olhar, localizamos a prova no centro da mesa, mostrando que é o que ele enxerga como avaliação. Junto da prova, ao lado, está desenhado um celular escrito “COLA”, como se o aluno associasse uma coisa à outra, o que nos leva a crer que ele não consegue imaginar-se realizando a prova sem a cola.

Ao nos determos na prova, percebemos que há elementos escritos nela. A palavra “PROVA” escrita em letras de forma dá ênfase ao instrumento, reafirmando a ilustração feita. Ademais, ao decorrer, temos garatujas escritas, as famosas “minhoquinhas” que as crianças escrevem no seu estágio inicial da alfabetização. Conforme afirma Bauer e Gaskell (2008, p. 328-329): “A grafia escrita à mão sugere também um segundo pensamento: uma legenda acrescentada a uma imagem já completa.”.

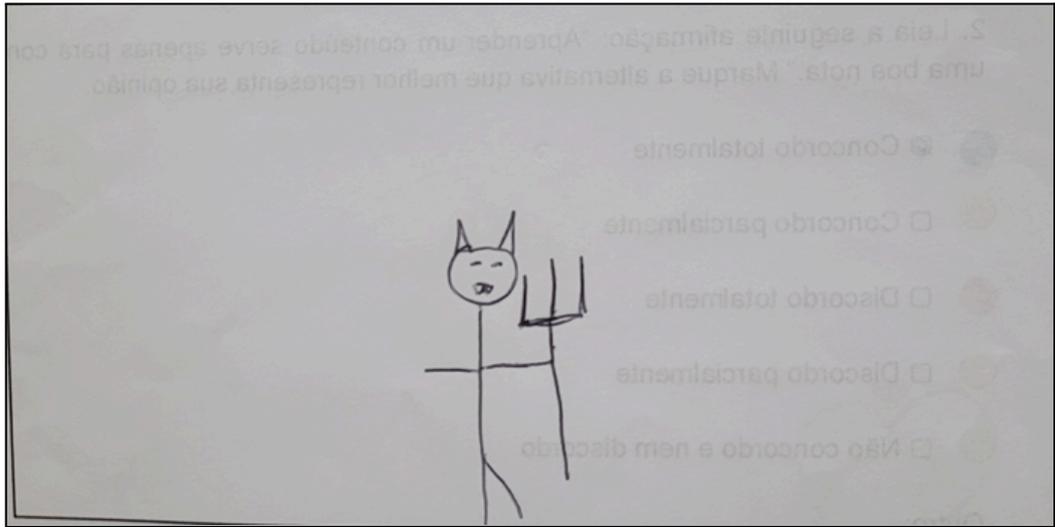
Isso denota que o aluno não compreende o conteúdo Matemático do instrumento representado e não sabe o que fazer neste instrumento. Diante das diversas interpretações, destacamos três: Junto a isso, confirma-se esse fato quando vemos que a mão esquerda está voltada para cima e aberta, sem estar segurando um lápis ou caneta, como se ele não tivesse reação diante da prova. Ainda, podemos ver vislumbres de rabiscos nessa mão, podendo ser uma outra alternativa de cola. Além disso, pode indicar que a mão vai de encontro ao celular, na tentativa de pegá-lo.

Ao final da avaliação, está escrito “Boa Prova”. Isto é, ele entende que a avaliação é uma prova, que o docente deseja que ele vá bem, mas não sabe o que fazer quando se encontra tendo somente ele e seus conhecimentos para realizá-la. Isso exprime a insegurança e o uso do artifício da “cola” como necessidade para o instante da prova.

É a partir disso que Esteban (2013) ressalta que essa prática ocorre, na verdade, em exames, que são classificatórios, levando em consideração apenas o resultado, não importando o meio o qual o aluno utilizou para chegar até ele.

Em seguida, escolhemos a Figura oito como outra representação de avaliação, desenho feito por algum dos alunos:

Figura 8: Segunda representação sobre avaliação na visão de um dos alunos



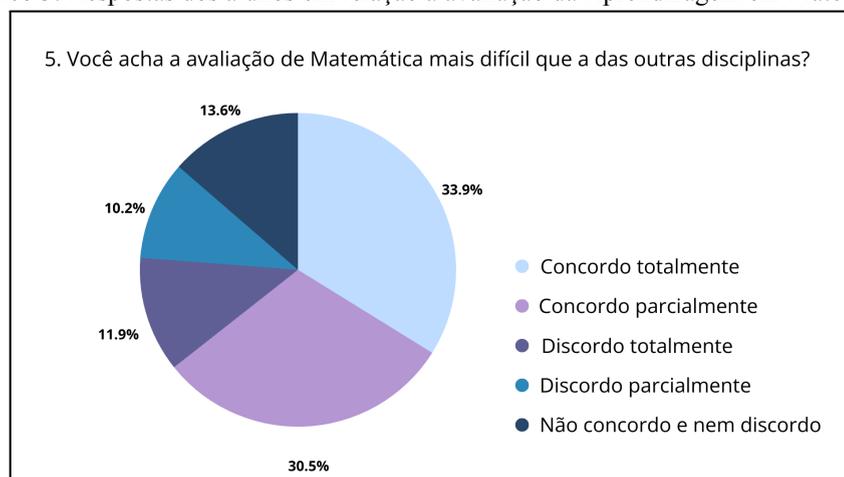
Fonte: Protocolo de pesquisa.

O desenho acima simboliza uma representação de feitiço diabólico, que, segundo Amora (2009) “diabólico” significa: “*adj* 1. Concernente ao diabo; 2. infernal, maligno, funesto; 3. intrincado.” (Amora, 2009, p. 226). Logo, a concepção de avaliação para esse aluno é negativa, visto que relaciona esse processo à uma figura do mal, relacionada ao inferno, ao próprio diabo.

Dentro dessa perspectiva, da avaliação como um método de repressão, Moretto (2014) ressalta que, se para os professores esse já é um processo que gera ansiedade, imagine o que não provoca nos alunos, como sensação de acerto de contas, com o objetivo de apenas responder o que o professor quer que ele responda, enxergando a avaliação como um momento punitivo.

Ainda, especificamente em relação à avaliação em Matemática, os discentes responderam:

Gráfico 3: Respostas dos alunos em relação à avaliação da Aprendizagem em Matemática



Fonte: Protocolo de pesquisa.

Mais uma vez, apesar de terem disparidades quanto à concordância, alguns concordam totalmente e outros concordam parcialmente, totalizando 64,4% concordam que a avaliação em Matemática é mais difícil que as outras.

A maioria das justificativas feitas foram:

“Como eu não consigo aprender Matemática, na maioria das vezes acho mais difícil.”

“Essa avaliação requer um pouco mais de dedicação.”

“É porque eu acho que Matemática é mais difícil de entender do que as outras matérias.”

“Matemática envolve muitos números piorou quando botaram letra no meio.”

(Registro dos alunos na quinta questão do questionário).

A avaliação em Matemática é vista, pelos estudantes, como um processo ainda mais difícil, em função de suas especificidades, já que os conteúdos não são entendidos plenamente e, dando destaque para a fala do último aluno, o enxergam como algo abstrato, pois relacionam Matemática aos números e logo depois são “lançadas letras”, isto é, as incógnitas, durante o processo, o que, para ele, não possui significado. O aluno não entende que, na verdade, essa incógnita representa um número ao qual não se conhece o valor.

É nesse contexto que Lorenzato (2010) ressalta que muitos alunos, quando não conseguem entender o conteúdo proposto, apenas memorizá-lo, vieram de um ensino que deu ênfase no produto final e não no desenvolvimento de seus significados. Ainda, Souza (2022) completa a linha de raciocínio de Lorenzato (2010) quando afirma:

[...] a avaliação da aprendizagem da Matemática, na maioria das escolas, ainda continua sendo pensada e elaborada tendo como base a proposta positivista, por meio de testes e provas, considerando somente as respostas corretas como aprendizagem, mas essas respostas podem acontecer pela memorização, uma ação mecânica (Souza, 2022, p. 29).

A partir da análise, evidenciamos que a avaliação, para os alunos, é momentânea e ocorre apenas durante a aplicação de um instrumento avaliativo ao final. Os discentes não a enxergam como formativa, sendo avaliados processualmente, a partir de seu desenvolvimento, mas sim, apenas na hora que devem realizar a prova ou teste.

É a partir desse momento que a preocupação e angústia surgem: a pressão por uma boa nota e uma aprovação no fim do ano é o que garante não sua aprendizagem, mas seu sucesso escolar.

Como efeito disso, com o objetivo de alcançá-la a todo custo, utilizam de recursos que não são válidos para medir a qualidade de seus conhecimentos, mas o valor que será atribuído a eles, gerando, assim, uma falsa ideia de avaliação e a confirmação de que o que praticam é exames, de acordo com a diferenciação já realizada de cada um.

4.1.3 Avaliação da aprendizagem - Semelhanças e diferenças entre as professoras e alunos

Nesta seção, a avaliação será compreendida de acordo com Luckesi (2011a) como o ato de avaliar, que tem o objetivo de investigar a qualidade do que foi aprendido pelo aluno e verificar se há algo que pode ser modificado a partir dali, caso necessite.

Para as professoras, a avaliação é o processo do aluno, diário, como ele está se desenvolvendo em sua aprendizagem, mas deixam a entender que a avaliação também precisa ser mensurada, mesclando esse sentido com processo.

Já na concepção dos alunos, a aprendizagem dos conteúdos é o momento de aprendizagem “pré-prova”: ou seja, eles aprendem para a prova. O resultado do empenho dos alunos está ligado mais à nota do que de fato a aprendizagem.

Além disso, pelos desenhos e falas, percebe-se que a avaliação na visão dos alunos é o instrumento, isto é, a prova, para testar os conhecimentos e que não necessariamente define a aprendizagem, mas sim, o resultado. Por conta disso, ficam muito inseguros e nervosos, além de demonizar esse tipo de instrumento.

Eles compreendem a avaliação como uma prova, instrumento que é determinante na visão deles e por isso causa um sentimento de medo e insegurança sobre o resultado, que compreendem com nota, determinando sua aprovação ou continuidade e não sua aprendizagem.

Assim, podemos observar que a mescla realizada pelas professoras entre a avaliação formativa e somativa é implícita para os alunos, visto que eles só consideram o resultado desse processo.

4.2 Instrumentos avaliativos no período pandêmico (antes, durante e depois da pandemia)

A prática de avaliar a aprendizagem do aluno está intrinsecamente relacionada à forma na qual ela é realizada. Pode-se, então, determinar instrumentos que norteiam e encaminham sua execução.

Villas Boas (2022) afirma que a avaliação pode ocorrer de modo formal: por meio de escrita, como em provas, relatórios, pesquisas, entre outros, culminando em indicar um valor; mas também, ocorre de forma informal, por meio da interação do docente com o discente, mediante as relações feitas entre ambos.

Ao encontro do que discute Villas Boas (2022), Moretto (2014) traz a seguinte análise:

A aprendizagem é o processo interior do aluno, ao qual temos acesso por meio de indicadores externos. Os indicadores (palavras, gestos, figuras, textos) são interpretados pelo professor, nem sempre a interpretação corresponde fielmente ao que o aluno pensa (Moretto, 2014, p. 119).

Diante disso, ao investigarmos acerca dos instrumentos avaliativos trabalhados no processo anterior, ao longo e posterior ao período pandêmico, obtivemos o retrato dos meios pelos quais as professoras utilizaram para avaliar os alunos e também a perspectiva dos discentes sobre esses instrumentos.

4.2.1 Instrumentos avaliativos - a perspectiva das professoras

Foi nossa intenção investigar a aplicação dos instrumentos avaliativos em três momentos distintos: antes, durante e depois da pandemia. Desse modo, elaboramos a terceira questão do roteiro de entrevista:

Fale um pouco sobre os instrumentos avaliativos utilizados:

- a) antes da pandemia (o que você usava);
- b) durante a pandemia;
- c) depois da pandemia.

No primeiro momento, antes da pandemia da Covid-19, as professoras utilizavam dois blocos de atribuição de nota, definida pelo sistema de educação do Brasil, e em cada um determinava os instrumentos que seriam utilizados. No primeiro foi empregado o uso de testes, trabalhos individuais ou em grupo ou exercícios avaliados.

No segundo bloco, aplicou-se a avaliação sistemática, comumente conhecida e reconhecida pelos alunos, como a prova, a qual é exigida pela escola como instrumento de maior peso (nota), como ilustra a fala da professora 2:

“[...] é, trabalhos, teste, as atividades avaliativas e a avaliação que eu sempre dou, até porque o estado pede mais atividades. Depois, a escola tem aquela parte da avaliação, a semana de avaliação, recuperação” (Professora 2).

Tanto a professora 1 quanto a professora 2 utilizavam os mesmos instrumentos avaliativos, àqueles que são usados comumente, como trabalhos, testes e provas.

O segundo momento foi durante o período pandêmico. Nesse contexto, percebeu-se uma mudança à época anterior: a forma de se avaliar foi reformulada. Segundo a professora 1:

“Com a pandemia, a gente perdeu aquela história de olho no olho, então as coisas ficaram mais limitadas.”. (Professora 1)

Nesse tempo, cada professora trabalhou de uma forma e, devido às circunstâncias causadas pela pandemia, buscaram apoio para fazer essa reformulação, sendo um deles os próprios colegas de profissão, como retratam as falas das professoras 1 e 2:

A gente fez uma pesquisa no “pai de todos”, que é o *Google*, né? A gente vai lá, dá uma olhada, troca uma experiência com os colegas que estavam fazendo alguma coisa: “Funcionou? Deu certo? Não deu? O que a gente pode fazer de diferenciado?” (Professora 1).

[...] eu entrei em contato e todos estavam avaliando da mesma maneira, mandava atividade e, conforme os alunos retornavam aquela atividade ali, ia corrigindo por atividade (Professora 2).

Na modalidade de ensino remoto, o questionamento da prática avaliativa nesse contexto ocupou um lugar de discussão de como ela seria realizada. Não se tratava mais de aplicar provas e testes, já que o contexto não era favorável ao uso destes instrumentos. Assim, os alunos eram avaliados gradativamente, à medida que iam entregando as atividades relacionadas à cada aula assistida.

Mediante a isso, Batista (2021) afirma que na pandemia as avaliações não poderiam ser realizadas da mesma maneira que eram feitas nas aulas presenciais, pois o docente não conseguiria acompanhar o processo cotidiano do aluno, assim, surgindo a questão de como o professor poderia identificar se a aprendizagem estaria acontecendo e se apenas a aplicação de questionários seria suficiente.

Em relação aos instrumentos utilizados na pandemia, as professoras 1 e 2 responderam:

Então o que eu fazia com eles: nós abríamos as aulas *on-line*, eles abriam as aulas, assistiam às aulas comigo, ao final de cada aula era postada uma atividade com prazo para eles me entregarem essa atividade. Eles mandavam pelo portal do *Classroom*, eu corrigia essa atividade e aplicava uma nota nela e era marcado no final uma avaliação que era feito durante a aula *on-line* ali comigo, né? Onde eles iam tirando as dúvidas e resolvendo comigo e postavam também pelo portal. (Professora 1).

É, durante a pandemia trabalhamos com uma apostila que o estado forneceu ‘pra’ gente, porque tinha o acesso, mas nem todos acessavam, eu gravava aula com a explicação, é, tentei dar aula nos horários *on-line*, mas quase ninguém entrava no horário de aula, então não consegui. Então, eu achava melhor eu ficar gravando a aula, explicando o conteúdo e colocava lá para eles durante a pandemia e aqueles, que eram a maioria, que não tinham acesso, pegava apostila aqui na escola e depois a gente corrigia. (Professora 2).

Foi um período de incertezas e tentativas sobre o que iria funcionar ou não: uma docente optou por mandar atividades pelo portal do *Classroom*, corrigir e aplicar uma nota a ela, além marcar ao final do bimestre uma avaliação que era feita durante a aula síncrona, com a professora presente; a outra, gravou vídeos com a explicação dos conteúdos e enviava atividades para serem feitas e devolvidas pelos alunos.

Contudo, ambas acabaram realizando a avaliação por meio de utilização de apostilas, material esse fornecido aos alunos que não tinham acesso ou tinham dificuldade em acessar *internet* e a plataforma do *Classroom*, além dos estudantes que nos informaram, em um momento de conversa com a turma, que optaram por estudar por esse sistema apostilado. Assim, algumas dessas práticas avaliativas foram resumidas a uma verificação de entrega da apostila, para uma aprovação ou reprovação.

Em outubro de 2020, a Secretaria de Estado de Educação - SEEDUC traz a resolução 5879, que declara no Art. 8º. a não reprovação dos alunos que participarem do processo avaliativo, considerando as atividades avaliativas síncronas e assíncronas, ou seja, todos os alunos que tivessem realizado pelo menos uma das atividades avaliativas propostas, receberiam a aprovação naquele ano letivo de 2020 (Rio de Janeiro, 2020).

Perante o exposto, a Professora 2 relatou: “[...] foi um empurrão, né gente? Com o decreto, não tinha muita coisa a se fazer, infelizmente, e aí nós estamos na consequência né.”.

À vista das desigualdades apontadas durante a pandemia, Moraes (2021) aborda essa temática, afirmando:

Aula remota é a maneira mais excepcional de excluir os alunos das escolas públicas, pois muitos alunos não têm acesso aos links e aos vídeos postados, visto que a maioria não tem computadores. Quando tem, não há acesso à uma internet de

qualidade. Se os alunos não têm acesso às informações dos professores, como podemos pensar em avaliar por meio de provas formais (Moraes, 2021, p. 140-141).

O último momento ao qual buscamos entender as práticas de avaliação das professoras deu-se no retorno às aulas presenciais, no período pós-pandemia, em que novas barreiras tiveram que ser ultrapassadas. Acerca disso, as professoras 1 e 2, responderam:

Pós-pandemia, né? Teve aquele momento em que você teve que acostumar a resolver, a estar numa sala de aula de novo, a ter o caderno em dia, né? Então eu passei a aplicar vistos para ter a certeza de que eles estão copiando, estão com o material em dia, é... passei a aplicar... bimestre passado foram três atividades, uma individual, uma em dupla e uma com consulta né, mais a minha avaliação (Professora 1).

E depois da pandemia é esse mesmo trabalho e a gente trabalha, às vezes, com gincana, aí tem bimestre que a gente trabalha com alguma feira pedagógica (Professora 2).

A professora 1 utilizou novas estratégias para se avaliar na volta às aulas presenciais, fazendo o uso de uma avaliação formativa e somativa ao mesmo tempo, não se resumindo apenas à provas e testes finais como nos períodos anteriores, no entanto, verificando o processo do aluno no cotidiano a partir das tarefas que realiza e atribuindo valor a elas. Já a professora 2 optou por retomar os instrumentos avaliativos já utilizados antes da pandemia.

O papel dos professores, no que tange a avaliação, é de buscar a melhor forma de realizar a verificação da aprendizagem dos alunos, porém esse trabalho envolve agentes como o sistema de ensino, a escola, os pais, a turma e outros fatores. A partir disso, qual seria a melhor forma de avaliar?

Moretto (2014) aponta que para os professores a avaliação da aprendizagem é um processo aflitivo, por não enxergarem uma forma de fazer que um recurso tão valioso, seja aplicado meramente como uma coleta de conceitos decorados.

Isto posto, identificamos a trajetória percorrida pelas professoras relacionada às avaliações praticadas por elas. Antes da pandemia, eram realizados os testes e provas individuais ao final de cada ciclo. No entanto, durante a pandemia, essas práticas foram alteradas por conta do ensino remoto e toda complexidade que ele carrega.

Portanto, com a volta às aulas presenciais, ficou a cargo de cada uma decidir qual proposta era melhor para dar continuidade às suas práticas avaliativas: resgatar algumas práticas decorrentes do ensino remoto ou seguir avaliando da mesma forma que era feita antes da pandemia.

Nossa intenção, pois, não é a de julgar a melhor, se isto é possível, forma de avaliar, e sim, a de analisar as mudanças decorrentes desse processo. No entanto, o que fica evidente é que a responsabilidade de acompanhamento e avaliação dos estudantes ficou sob a responsabilidade das professoras de forma individual. Em nenhum momento, as professoras apontaram a ocorrência de discussão coletiva a respeito dessa questão tão relevante no processo educativo, tanto para estudantes quanto professores.

4.2.2 Instrumentos avaliativos - a perspectiva dos alunos

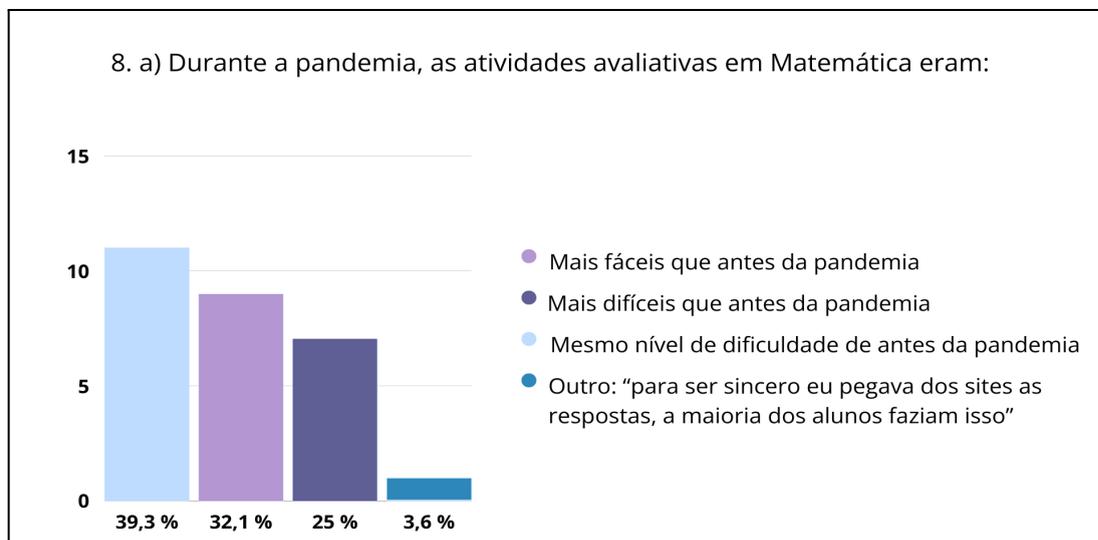
Aspirando compreender as percepções dos alunos a respeito do seu processo de avaliação da aprendizagem em Matemática antes, durante e depois da pandemia, levantamos dados quantitativos dos alunos que efetivamente tiveram aulas síncronas no período da pandemia da Covid-19.

Fizemos isso porque a intenção era analisar o impacto dos instrumentos avaliativos no processo de avaliação da aprendizagem mediante aos três períodos e, a partir disso, realizarmos um grupo focal para aprofundarmos as respostas apresentadas no questionário.

Sendo assim, em um total de 60 alunos que participaram da aplicação do questionário, obtivemos 31 que marcaram que tiveram aula síncrona, isto é, praticamente a metade, 25 que não tiveram e 4 não responderam.

Com base nesses dados, buscamos entender como se deram as atividades avaliativas durante a pandemia em detrimento das que ocorriam antes dela, resultando no gráfico a seguir, feito a partir das respostas do item “a” da oitava questão do questionário:

Gráfico 4: Nível de dificuldade das atividades avaliativas em Matemática.



Fonte: Protocolo de pesquisa.

O resultado encontrado nos permite verificar que 39,3% consideram as atividades avaliativas com o mesmo nível de dificuldade tanto antes quanto durante a pandemia. Podemos nos aprofundar nesse aspecto a partir das respostas do grupo focal em relação à disciplina de Matemática, expressados pelos alunos a seguir:

“Problema” (Aluno 11 da turma 2).

“Contas” (Aluno F da turma 2).

“Difícil” (Aluno 12 da turma 2).

“Cálculos” (Aluno 13 da turma 2).

“Não gosto não” (Aluno 12 da turma 2).

“É coisa difícil para mim, cálculos, cálculos, tudo” (Aluno A da turma 1).

Fica evidente que a Matemática não é uma disciplina que os alunos se identificam, pois, em sua maioria, ela representa algo que eles não conseguem compreender. Sob essa condição Amaral (2015, p.29) diz: “A Matemática escolar é apontada como disciplina difícil, cuja aprendizagem é para poucos”.

Com 32,1%, os alunos assinalaram a alternativa de que as atividades avaliativas em Matemática durante a pandemia eram mais fáceis que antes desse período. Entre as justificativas dadas para essa questão, as falas a seguir são as que representam o que boa parte dos alunos relatou:

“Eram mais fáceis pois tinha como pesquisar durante as atividades”

“Não aprendi e pegava resposta na *internet*”

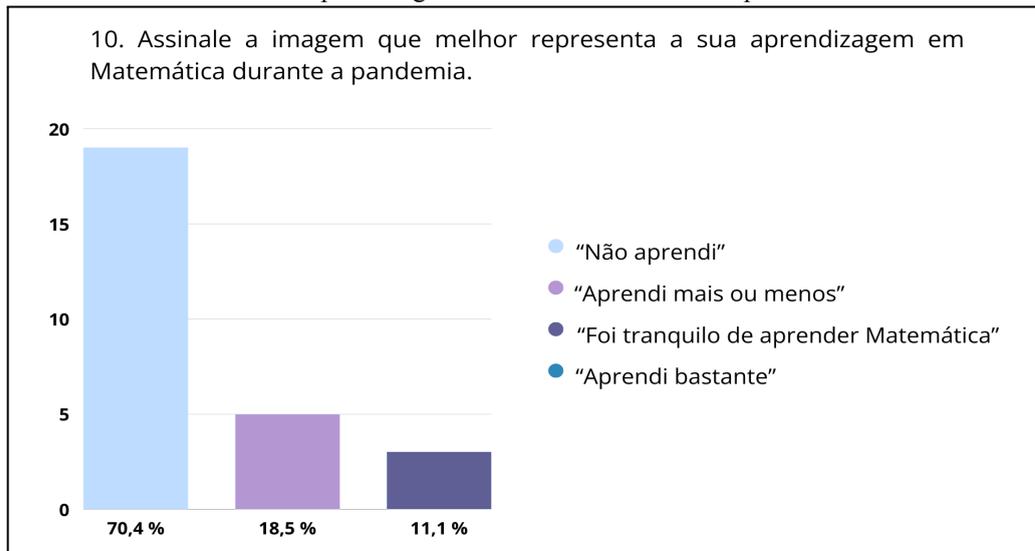
(Registro dos alunos no item b da oitava questão do questionário).

Diante disso, podemos verificar que foi por meio da “cola” que a maioria deles se saiu bem nos instrumentos avaliativos aplicados, motivo pelo qual acharam mais fácil realizá-los, pois apenas copiavam as respostas da *internet* ou utilizavam outro recurso para o mesmo ato.

Isso nos leva a pensar se o instrumento avaliativo utilizado realmente conseguiu verificar a real aprendizagem deles. Esteban (2013) reforça essa análise quando diz que os exames só levarão em consideração os resultados para sanar a questão do sucesso ou fracasso escolar, sem ao menos considerar o meio do aluno chegar a esse resultado.

Na décima questão, quando questionamos sobre a imagem que representa sua aprendizagem durante a pandemia, a maioria respondeu que não aprendeu nessa época.

Gráfico 5: Aprendizagem em Matemática durante a pandemia 1



Fonte: Protocolo de pesquisa.

Inúmeras são as causas para tal afirmação. Mediante ao que foi abordado no grupo focal a respeito da aprendizagem em Matemática durante a pandemia, obtivemos essas respostas:

"Nadica de nada" (Aluno D da turma 1).

"Eu tentava fazer, mas quando eu não conseguia pegava do *Brainly*" (Aluno B da turma 1).

"A apostila eu deixei tudo em branco e eu passei. Eu aprendi todas as matérias, menos Matemática" (Aluno A da turma 1).

"Não teve como aprender" (Aluno F da turma 2).

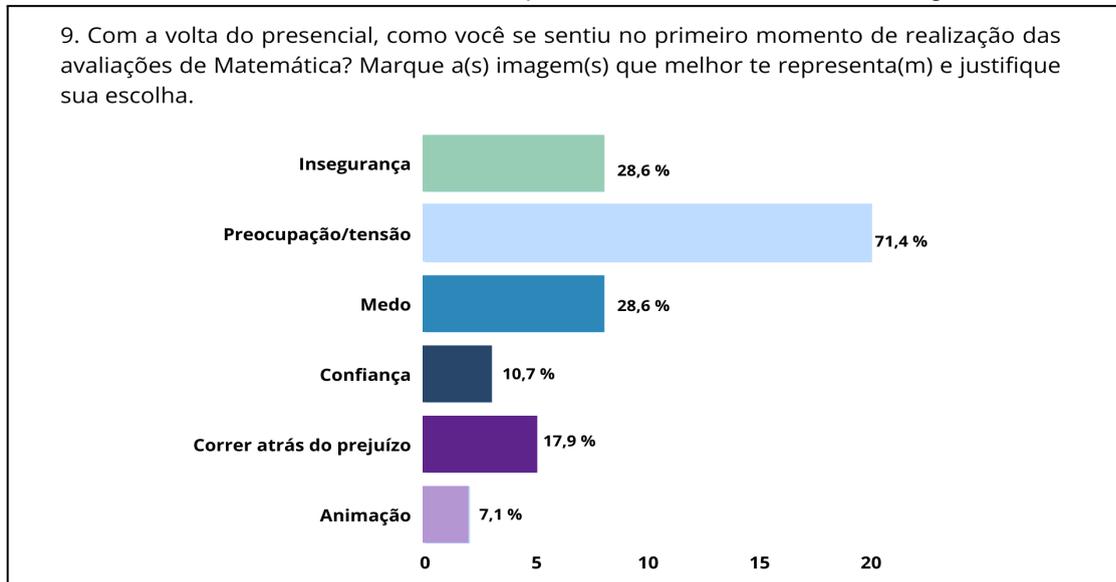
Os 70,4% dos estudantes do questionário e quatro do grupo focal, assim, relatam que não aprenderam Matemática. Relacionado a aprendizagem em Matemática ser um processo difícil, Maciel (2003) declara:

O mito de que nem todos conseguem aprender Matemática, e a avaliação somativa, e meramente quantitativa, demonstrou isso ao longo dos tempos, atrasou em muito o desenvolvimento de uma didática que possibilitasse dar à Matemática a sua real beleza e importância para a formação de um cidadão emancipado, que ninguém em sã consciência pode furta-lhe (Maciel, 2003, p.68).

Assim, compreendemos que ainda há entendimentos excludentes acerca da aprendizagem em Matemática. Procurando entender como se deu o momento de retorno ao ensino presencial e as novas configurações de avaliação desse novo contexto, indagamos como os alunos sentiram-se no primeiro momento de realização das avaliações de Matemática

junto às suas justificativas, como representa o gráfico referente à nona questão do questionário:

Gráfico 6: Sentimento dos alunos nas avaliações em Matemática na volta às aulas presenciais.



Fonte: Protocolo de pesquisa.

A “preocupação/tensão” foi o sentimento que se destacou. Como mostram as descrições a seguir, temos algumas justificativas para isso:

“Me senti insegura porque não estava entendendo o conteúdo e sabia que minhas notas seriam baixas”.

“Por tirar nota baixa!”

“Acho que aprendi pouco por conta da pandemia.”

(Registro dos alunos na justificativa da nona questão do questionário).

Dessa maneira, a “preocupação/tensão” predominou porque entendem que a avaliação ocorre em apenas um momento específico, para eles, ela está diretamente ligada com a realização da prova e ao resultado dela.

Sobre a nota, Moraes (2021) discute que a avaliação não deve ser uma forma de punição ou ridicularização do aluno, quando este não se sai bem, mas ao contrário disso, o docente deve estimulá-los a estudar. A “preocupação/tensão” da maior parte dos alunos foi obter uma nota baixa, o que fomenta o quanto a concepção sobre a avaliação está pautada no resultado, a inquietação não se deteve em averiguar se compreenderam os conteúdos, mas se o que realizaram no momento da avaliação o aprovariam na matéria.

No grupo focal, investigamos essa situação quanto às aulas que eles tiveram anteriormente e suas aprendizagens acerca do seu próprio conhecimento adquirido no período pandêmico, já que, nesse contexto, a sala de aula era sua casa.

“Aquilo não era aula. Aula é o que a gente está tendo agora, presencial, físico. Na real é que todo mundo passou sem fazer nada” (Fala do aluno A - Turma 1).

Percebemos que eles entendem a sala de aula como um espaço apenas físico e não virtual, como se deu no ensino remoto. Isso pode ser compreendido devido ao cenário estabelecido, que era sua própria casa, em que pudemos inferir que a maior parte deles não possuía um lugar apropriado, minimamente equipado e estruturado para estudo, além de competirem com as intercorrências por estarem em casa, com sua família.

À vista disso, Batista (2021) relata que muitas famílias não têm recursos para proporcionar condições para que o aluno estude, como mesas, cadeiras e até mesmo alimentação. Em suma, os estudantes apresentaram bastante dificuldade em aprender remotamente e isso acentua-se na disciplina de Matemática, a qual eles não conseguem compreender. Assim, durante a pandemia, eles não consideravam o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) como local de aprendizagem, o que reforçou a utilização do artifício de consulta para respondê-los.

No entanto, essa consulta não era feita de modo que contribuísse para sua aprendizagem, visto que, mecanicamente, apenas copiavam as respostas. Por consequência, eles não conseguiram aprender durante a pandemia, já que funcionou da seguinte forma: os professores enviavam as atividades e os alunos respondiam “colando” e, posteriormente, retornavam a eles.

Assim, o sentimento de preocupação tomou conta, já que tinham dois anos em que não aprenderam e voltariam às aulas presenciais sem os conhecimentos necessários para dar continuidade aos seus estudos. Além disso, como focam bastante no resultado do seu empenho, surgiu também o receio de tirar notas baixas. Desse modo, aprender significativamente, nessa conjuntura, foi um tanto quanto desafiador para eles e isso trouxe alguns reflexos.

4.2.3 Instrumentos avaliativos - Semelhanças e diferenças

Durante a pandemia, os alunos afirmam que não aprenderam, pois a maior parte pegava as respostas das atividades avaliativas na *internet*, visto que o instrumento avaliativo

utilizado eram atividades enviadas que deveriam ser entregues com as respostas. Assim, como tinham fácil acesso a essas respostas, não se preocupavam em entrar na aula para aprender, pois a atividade avaliativa não dependeria da sua aprendizagem.

Em relação às professoras, foi um desafio definir os instrumentos adequados para aquele período. Para a professora 2, que deu aula para essa turma atual, era por meio de atividades que eram entregues ou até a própria apostila. Já no caso da professora 1, ela exigia que abrissem a câmera no momento apenas da prova.

Assim, tanto alunos quanto professoras perceberam a deficiência na aprendizagem que foi causada durante esse período, no entanto, a forma de aplicação desses instrumentos interferia no modo de estudar dos alunos, já que no caso da professora 1, ela tinha como verificar de fato se houve essa aprendizagem, o que diminuía a margem de “colas”.

4.3 Reflexos na aprendizagem em Matemática

Como já dito, devido à pandemia, o modo de ensinar teve que ser reorganizado. A partir deste contexto, surgiram questionamentos em relação à aprendizagem dos alunos, na seguinte direção: será que de fato os estudantes aprenderam durante esse período? Ademais, com a volta às aulas no ambiente escolar, quais foram os reflexos, sobretudo na aprendizagem em Matemática, depois desse período?

Falar sobre aprendizagem não é uma tarefa fácil. Sobre isso, Vygotsky (2007) salienta que para que as funções psicológicas culturalmente e fundamentalmente humanas sejam desenvolvidas, é imprescindível a disposição da aprendizagem.

A partir deste entendimento, abordaremos os reflexos na aprendizagem em Matemática, tanto na visão dos alunos quanto das professoras, seus sentimentos e suas percepções em relação ao que o período da pandemia influenciou no processo de aprendizagem.

4.3.1 Reflexos na aprendizagem em Matemática: a perspectivas das professoras

Na busca por investigarmos o entendimento das professoras acerca dos reflexos na aprendizagem em Matemática, iniciamos questionando-as sobre a oitava pergunta do roteiro de entrevista: Você acredita que a nota dos alunos em Matemática realmente correspondeu à aprendizagem deles?

A professora 1 respondeu:

[...] então as notas, na verdade, eu acho que a maioria não foram. [...] eles não estudaram. Então eu tenho dois anos de defasagem, quando eu chego numa primeira série do Ensino Médio, eu não vou ter. [...] A gente *tá* nivelando por baixo. Na verdade, eu *tô* voltando aos conhecimentos básicos, vocês acompanharam minhas aulas, vocês viram isso. [...] Eu *tô* ensinando o que eles deveriam aprender no sexto e no sétimo, pra tentar dar início ao que eu *tô* precisando. Eu *tô* ensinando o que eles têm que aprender na primeira série, entendeu? Mas de uma maneira mais sutil, *pra* poder recuperar o que *tá* lá atrás. [...] Então eu sinto que eles estão com vontade, estão querendo, estão aprendendo, estão buscando, entendeu? Mas acho que o processo ainda é muito lento. [...] piorou 80...90 por cento! Porque antes da pandemia, o vício pelo celular já era um, a pós-pandemia, *quádruplou* isso aí, parece que tem cola, se não *tiver* junto não funciona (Professora 1).

A professora 2, acerca do mesmo questionamento, apresenta seu posicionamento:

Não, a nota que eles tiveram na pandemia não condiz com que eles estão tendo agora [...] até porque se teve nota boa na pandemia teve por conta de uma assinatura, não foi por conta de conhecimento, que eles não aprenderam, a verdade é essa, eles não aprenderam. [...] É, acertar, eu acho que vai demorar um bom tempo isso aí, se conseguir gente, não só pela pandemia, porque eu acho que também os alunos cada dia que passa, não falo todos, né? A gente fala os alunos geral, mas a cada dia que passa eles estão... é um desinteresse muito grande, muito grande. [...] Estou voltando (Professora 2).

Em relação às respostas das duas professoras, podemos observar que, na percepção delas, as notas realmente não corresponderam à aprendizagem dos alunos durante a pandemia. Isso pode ser visto por elas a partir do cotidiano em sala de aula, em que elas verificam a lacuna presente nos conhecimentos que os alunos deveriam ter, por conta de terem que voltar a um conteúdo que, na teoria, eles já deveriam saber. Segundo Batista (2021) a educação remota deixou alguns espaços vazios na aprendizagem da maior parte dos alunos, por diversos motivos, e precisam de estratégias para cobri-los.

Ainda, a professora 1 relata o “vício” pelo uso de celulares, consequência de quase dois anos de isolamento. Face a isso, Ribeiro e Kistemann Junior (2022) ressaltam que o diálogo entre professor e aluno terá que ser de maneira híbrida, apoiado pelo uso de tecnologias e que os celulares ocuparão o ambiente escolar.

Em contrapartida, por consequência desse ocorrido, podemos citar como ilustração que, a Prefeitura do Rio de Janeiro publicou o Decreto 53.019, no presente ano, que regulamenta o uso de celulares em sala de aula:

Fica proibida a utilização de celulares e outros dispositivos tecnológicos pelos alunos nas unidades escolares da rede municipal nas seguintes situações:

1. Dentro da sala de aula.
2. Fora da sala de aula quando houver explanação do professor e/ou realização de trabalhos individuais ou em grupo na unidade escolar (Rio prefeitura, 2023).

A ilustração demonstra que ao mesmo tempo que a prática pelo uso de celulares continuamente acarreta em sua utilização em sala de aula e professores pensando que devem adaptar-se a esse novo ritmo, é publicado um decreto para a regulamentação de tecnologia, quando não há finalidade pedagógica, em sala de aula. É nesse sentido que podemos verificar que todo excesso, tanto de restrição quanto de liberação do uso, pode acarretar consequências negativas.

Em relação a defasagem, por conta das lacunas apresentadas na aprendizagem dos alunos, decorrentes do ensino remoto, as professoras 1 e 2 precisaram retomar os conteúdos anteriores, visto que os alunos não estão no nível de conhecimento correspondente às suas respectivas séries.

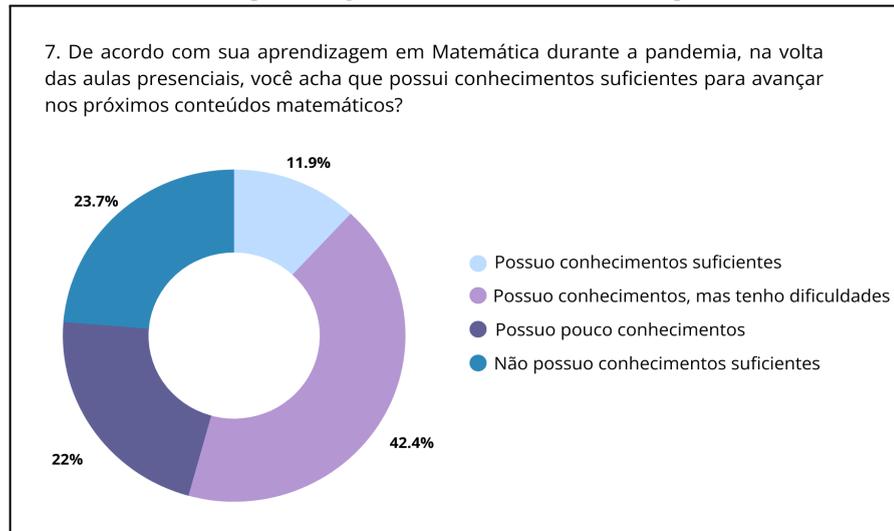
É nesse sentido que garantir o processo de aprendizagem nesse novo contexto é um trabalho que não está sendo iniciado a partir do retorno aulas, mas sim, em uma busca por recuperar o que se perdeu e encaminhar a construção desses conhecimentos, não apenas para o avanço das séries escolares, mas também para o avanço da aprendizagem dos alunos.

Essa tarefa é desafiadora para o professor, uma vez que o relato das professoras evidencia um dilema vivido por elas: continuar com as competências referentes ao ano em que se encontram, que será cobrado dos estudantes posteriormente ou tentar atuar nas lacunas que esses alunos apresentam? Este, parece-nos o grande desafio pedagógico na atualidade pós pandemia.

4.3.2 Reflexos na aprendizagem em Matemática: a perspectiva dos alunos

Na sétima questão do questionário, em que o objetivo foi analisar a percepção dos alunos sobre sua própria aprendizagem em Matemática, 42,4% afirmaram que possui conhecimentos, porém apresentam dificuldades. Em contrapartida, 45,7%, isto é, a maior parte dos alunos disse possuir pouco ou nenhum conhecimento.

Gráfico 7: Aprendizagem em Matemática durante a pandemia 2



Fonte: Protocolo de pesquisa.

Ainda, destrinchamos um pouco sobre essa aprendizagem no momento do grupo focal, obtendo as seguintes respostas:

“Eu aprendi a usar como que se usa o *Brainly*. *Cê* bota foto assim ó! *Aí* clica...”
(Aluno B da turma 1).

“É, porque a gente não *tava*... Meio que... A gente *tava* sem estudar por um ano e meio, entende? Quase dois anos. *Aí* chega do nada, assim, volta sem saber de nada [...] A gente não pôde pegar mais nada da *internet*, então ficou mais difícil né”
(Aluno D da turma 1).

“Rapaz, eu nem queria voltar. Mas quando voltou, agora fiquei desinteressado porque não sei mais nada. [...] Porque é... Todo mundo desinteressou depois da pandemia, falar *procê*, ninguém acostumou mais fazer, nem copiar eu sabia mais depois que eu voltei da pandemia” (Aluno A da turma 1).

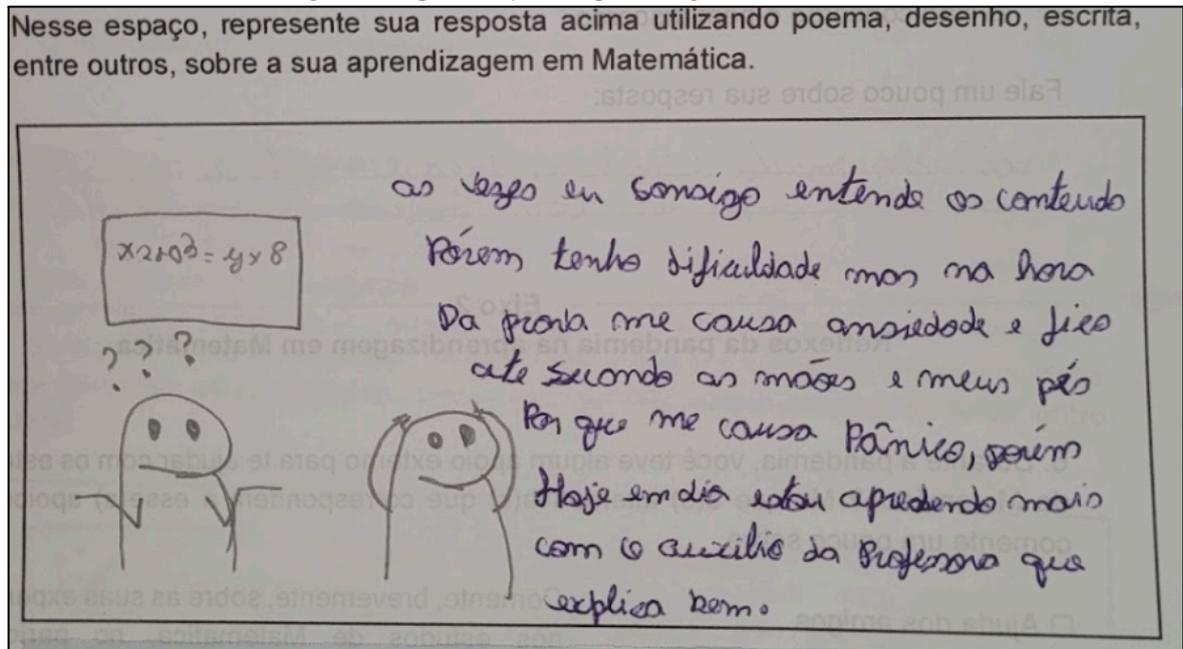
“Porque a gente não aprendeu nada na pandemia [...] porque Matemática para você aprender, tem que ser presencial, não dá para entender” (Aluno F da turma 2).

Podemos identificar que, para os discentes, não houve êxito na construção dos conhecimentos necessários durante a pandemia e, conseqüentemente, com a volta às aulas presenciais, esse processo tornou-se ainda mais complexo, visto que a Matemática é uma disciplina cumulativa, isto é, para progredir em determinado conteúdo, o aluno necessita de conhecimentos anteriores necessários para aprendê-lo.

À vista da Matemática ser cumulativa, Nogueira, Pavanello e Oliveira (2016) apontam que é necessária a construção de uma boa base Matemática, uma vez que esses conteúdos serão retomados ao longo dos anos. A partir disso, podemos inferir que os alunos não estão preparados para avançar na aprendizagem em Matemática, dado o fato de que não a aprenderam anteriormente.

Dando seguimento a essa discussão, solicitamos aos educandos que expressassem sua aprendizagem em Matemática por meio de poema, desenho, escrita ou outras formas que permitissem melhor a sua expressão sobre, na segunda parte da sétima questão do questionário. Assim, identificamos que, a que mais resume todas as respostas é a da figura nove a seguir:

Figura 9: Representação da aprendizagem em Matemática



Fonte: Protocolo de pesquisa.

Nesta representação, o aluno, além de desenhar, escreveu o seguinte trecho:

as vezes eu consigo *entende* os *conteúdo* porém tenho dificuldade mas na hora da prova me causa ansiedade e fico até suando as mãos e meus pés por que me causa pânico, porém hoje em dia estou aprendendo mais com o auxílio da professora que explica bem (Aluno da representação).

Diante dessa representação, destrinchamos alguns elementos, a fim de compreendê-los. Primeiramente, tem-se o *flork*, o meme do fantoche de meia que circula pela *internet*, que surge em 2012, mas que ganha popularidade no Brasil durante a pandemia, em 2020, sendo utilizado em bolos com mensagens divertidas¹ (Educa mais Brasil, 2022).

Ele apresenta uma expressão de dúvida feita com as “mãos” e as interrogações acima da cabeça acabam endossando essa afirmação. Em conjunto, o discente simbolizou uma equação Matemática.

¹ Mais informações em:

<<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/flork-meme-o-que-e-e-por-que-ele-foi-parar-em-bolos>>

Assim, deduzimos que a expressão de dúvida relaciona-se com essa equação apresentada, isto é, a Matemática. Ainda, explorando a equação, vemos que o aluno a escreve, mas não a compreende, pois as incógnitas e os números não ilustram um conceito matemático, mas sim, apenas a junção de números e letras na disciplina a partir do momento em que se encontra.

Isso fica explícito no que ele escreveu, quando diz “as vezes eu consigo *entende* os *conteúdo* mas tenho dificuldade”, em que a utilização do “às vezes” e “tenho dificuldade” reforça essa não compreensão do conteúdo plenamente.

Ponte, Branco e Matos (2009) destacam que essa dificuldade é comumente apresentada por muitos alunos quando se trata de expressões algébricas, ocasionada por não possuir significado para eles, não interpretando esses símbolos e nem os procedimentos que estão sendo realizados.

Além disso, temos outro *flork*, agora, com as mãos posicionadas na cabeça, denotando pânico, como expresso pelo aluno na fala: “na hora da prova me causa ansiedade e fico até suando as mãos e meus pés por que me causa pânico”. Isso expressa que a aprendizagem dele está voltada para o momento da prova, momento esse que lhe causa angústias e interfere no seu desempenho. Quanto a essa questão, Vasconcellos (2008) afirma:

[...] enquanto existir nota que reprova, não podemos iludir os alunos, fazendo de conta que ela não existe e no final do ano ele ser surpreendido por uma reprovação. [...] mostrar ao aluno que, se ele aprender, a nota virá como consequência, enquanto a recíproca não é verdadeira: o aluno só se preocupa com nota e acaba não aprendendo, mas só apresentando um comportamento de memória superficial, acabando, muitas vezes, em função da tensão e da insegurança, por nem tirar a almejada nota [...] (Vasconcellos, 2008, p.73-74).

Em sequência, o educando ressalta a professora como um elemento importante no desenvolvimento de sua aprendizagem, já que, atualmente, com o auxílio dela, consegue se encaminhar para superar suas dificuldades.

É nesse sentido que Camas (2013) diz que é possível compreender a importância do professor para construção participativa da aprendizagem, pois mesmo com a tecnologia ampliando a gama de informações para que o aluno tenha acesso, faz-se necessário a mediação de um docente para que haja o direcionamento quanto a esse meio de vasto de conhecimento, para que se tenha qualidade na transposição dessas informações.

Podemos observar que os alunos, a partir de suas reflexões sobre suas próprias aprendizagens em Matemática durante a pandemia, em sua maior parte, conclui que, durante esse período, não aprenderam os conteúdos dessa disciplina. Muitos dos discentes relataram

que realizavam as atividades propostas utilizando respostas da *internet* e, devido a isso, sentiram-se angustiados ao voltar, com medo de não conseguirem acompanhar.

Como consequência, ao voltar às aulas presenciais, sentiram os impactos das dificuldades que foram enfrentadas por eles, pois os conteúdos continuaram a ser ministrados, mas muitos não conseguiam entender, o que demonstra resultado da defasagem de dois anos de pandemia. Dessa forma, não se sentiram estimulados a aprender, perdendo o interesse.

4.3.3 Reflexos na aprendizagem em Matemática - Semelhanças e diferenças

Diante da percepção de alunos e professoras, não houve a efetiva aprendizagem na pandemia, o que causou inúmeras dificuldades no retorno às aulas presenciais. O principal foi a falta de apoio e incentivo, que culminou nas colas na internet por parte dos alunos.

Além disso, a realidade que o mundo estava passando interferiu também no aspecto psicológico e na questão financeira. Ainda, o modelo remoto traz um distanciamento entre o aluno e o professor, o que impossibilitava a retirada de dúvidas, na diferenciação dos espaços e do momento de estudar, já que você dividia seu espaço de lazer com o espaço de estudo.

Assim, na volta das aulas presenciais, além da lacuna de conteúdo, teve também a lacuna de como voltar a se portar no ambiente escolar, o que foi desafiador tanto para os alunos quanto para as professoras.

As professoras perceberam essa lacuna de conteúdo tanto quanto os alunos, que, por sua vez, estavam inseguros. Assim, os docentes não puderam ensinar o conteúdo na etapa que pararam, mas relembra-lo de séries anteriores, o que dificultou a continuidade da "aprendizagem".

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizagem inclui a avaliação para verificar a qualidade da construção dos conhecimentos. Ela proporciona ao docente refletir criticamente sua prática e ao aluno, acompanhar seu próprio desenvolvimento.

As pesquisas acerca da temática Avaliação evidenciam que é comum confundir examinar com avaliar. Enquanto avaliar está voltado para o processo de aprendizagem e envolve uma tomada de decisão, isto é, se o docente retomará o conteúdo até que seja aprendido ou prosseguir, examinar é classificatório e voltado para o resultado: os alunos que

obtiverem resultado suficiente irão para a próxima etapa, os que não, ficarão retidos, independente se houve ou não aprendizagem.

Ainda, quando falamos da Matemática, nossa percepção, como futuras professoras, é que muitos alunos são desfavoráveis em relação a essa disciplina, seja por conta da dificuldade que apresentam, do professor que a leciona ou a falta de significado atribuída a ela, o que traz consequências diretas para avaliar a aprendizagem nessa matéria.

Com a pandemia do Covid-19, avaliar a aprendizagem foi um processo ainda mais árduo, visto que não teria a possibilidade de acompanhar diretamente os discentes. Assim, as instituições de ensino e os docentes, conseqüentemente, tiveram que pensar em alternativas que fugissem do que era feito até o momento anterior a esse cenário.

Esse trabalho foi realizado em uma escola estadual do município de Campos dos Goytacazes, com a participação de duas professoras de Matemática e alunos do primeiro ano do Ensino Médio, em que buscamos analisar os impactos na avaliação da aprendizagem em Matemática no contexto pandêmico causados pela Covid-19.

Dessa maneira, buscando compreender a visão de avaliação em ambas perspectivas, pudemos verificar que existe uma disparidade entre as visões de alunos e professores quanto a avaliar a aprendizagem.

Para os alunos, percebemos que a avaliação ocorre em apenas um determinado momento, que é na aplicação do instrumento, mais usualmente conhecido como prova ou teste. Vimos que a avaliação causa um misto de sentimentos negativos nos educandos: medo, ansiedade, insegurança, raiva e sensação de estar sendo julgado.

Além disso, foi possível notar que a avaliação se resume a uma nota no final daquele exame, sintetizando a sua aprendizagem a um valor, o que, em alguns casos, não reflete seus conhecimentos. Conseqüentemente, vimos que buscam meios ilícitos de serem classificados para a próxima etapa, visto que, ao passarem, é recompensa, caso contrário, punição.

Ademais, observamos que quando citamos a avaliação em Matemática, eles a consideram ainda pior, pois não entendem o que acontece nos conteúdos da disciplina, não enxergam sentido nos conceitos e nas relações.

Ainda, vimos que demonstram insatisfação e dificuldades com a presença da “letra”, isto é, as incógnitas, e da aparição de alguns números, como os irracionais. Para mais, verificamos que relatam a inutilidade de muitos conhecimentos matemáticos na vida cotidiana e, então, pensam que não precisam ser avaliados por isso.

No que tange ao entendimento das professoras, conseguimos analisar uma outra face da avaliação. Para elas, ela faz parte do acompanhamento do educando, porém, por uma

pressão exterior, observamos também que elas necessitam mensurar essa aprendizagem, sendo isso um registro quantitativo da aprendizagem do discente.

À vista dessa dicotomia existente entre as concepções de alunos e professores acerca da avaliação da aprendizagem, cabem alguns questionamentos em relação a ambos os lados. Quanto aos professores, será que estão transmitindo essa ideia de processo na avaliação, visto que os alunos não a veem como tal? Em contrapartida, será que os alunos, por conta da representação das notas serem intrínsecas durante sua trajetória escolar, possuem maturidade suficiente para interligar avaliação, aprendizagem e desenvolvimento da mesma?

Ampliando a discussão para os instrumentos avaliativos, em que o intuito era de identificar as mudanças ocorridas nos instrumentos avaliativos no período pandêmico na visão de professores e alunos, foi possível observar algumas transições ocorridas.

Antes, a avaliação era mais direcionada aos instrumentos como testes e provas, no entanto, com a pandemia e algumas possíveis reformulações, a atenção teve que ser voltada para o processo: avaliar o aluno em pequenas etapas a partir do seu desenvolvimento.

Logo, depois da pandemia, alguns resquícios positivos disso restaram: a avaliação passou a ser organizada a partir de diferentes instrumentos, que visem acompanhar o aluno em toda etapa do bimestre, abarcando também o contexto vivenciado e não somente em períodos momentâneos.

Como, para os educandos, o que sempre importou foi a nota, tanto antes, quanto durante e depois da pandemia, o que mudou para eles, em relação aos instrumentos, foi o nível de dificuldade. No presencial, constatamos que é mais difícil para eles obterem a nota desejada, visto que a “cola” é dificultada, já que são utilizados instrumentos que não permitem consulta.

Entretanto, durante a pandemia, remotamente, o uso de meios mais fáceis para conseguir as respostas, como na *internet* ou com amigos, ficou cada vez mais comum. É nesse sentido que notamos que eles não consideraram o objetivo da avaliação realizada na pandemia, novamente, só se preocuparam com a nota e não com sua aprendizagem.

É dessa maneira que, objetivando compreender as percepções de alunos e professores acerca da aprendizagem em Matemática no período pós-pandemia, percebemos que muitos alunos relatam que não possuem conhecimento suficiente, isto é, não aprenderam Matemática durante o ensino remoto.

Isso decorreu de uma avaliação que não verificou, de fato, a aprendizagem, mas o resultado, mesmo porque, esse âmbito fugiu do controle da escola, já que os alunos estudavam em casa.

Na volta às aulas presenciais, como os discentes consideram que não aprenderam, muitos perderam o interesse pelos estudos, outros tentaram recuperar o ritmo, mas com muitos obstáculos no caminho. Isso foi gerador de ansiedade, preocupação e tensão em muitos deles, já que, neste momento, não possuem acesso tão fácil às respostas e precisam realmente aprender.

Destarte, a avaliação ocorrerá durante toda vida escolar do discente. No entanto, é preciso trabalhar para que ela seja melhor compreendida por eles e também pelos professores, que, apesar de terem a noção do que é, devem estabelecer o uso adequado dos instrumentos que objetivem o acompanhamento da aprendizagem do aluno. Isso faz-se necessário para que os fins não justifiquem os meios, isto é, para que os discentes não foquem apenas no resultado, utilizando todo e qualquer caminho para chegar até ele.

A pandemia, apesar de considerarmos um contexto negativo, nesse caso, especificamente para o processo educacional brasileiro, constatamos que trouxe também algumas implicações positivas para os docentes que realmente refletiram sobre sua prática, sobretudo a avaliativa. Dessa maneira, vimos que o uso da avaliação como instrumento final passou a ser dividida em instrumentos processuais, que permitissem verificar a aprendizagem continuamente.

Avaliar, agora, é também observar além do processo atual do aluno junto ao seu passado, levando em conta, seus traumas, suas realidades, seus desafios pessoais e suas lacunas.

Isto posto, identificamos que um grande número de alunos não condiz com o nível de proficiência que estão e que não estão aptos para seguir construindo novos conhecimentos, pois possuem “buracos” na sua linha de aprendizagem.

Sobre isso, ponderamos na seguinte questão: os professores devem continuar a ensinar os novos conteúdos presentes no currículo ou superar as dificuldades anteriores? Esta é a realidade desafiadora que hoje muitos docentes estão enfrentando.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. H. do. **Sistema de numeração decimal**: conhecimentos profissionais e práticas escolares de professores do 2º e 3º ano do 1º ciclo do ensino fundamental. 2015. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015.
- AMORA, A. S. **Minidicionário Soares Amora**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ANTUNES, C. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 10. ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.
- BATISTA, D. M. **Avaliação educativa**: enfoques de aprendizagem em cenários pós-março de 2020. 2021, Dissertação (Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) - Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, 2021. Disponível em: https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/964/Vers%c3%a3o%20Final_Disserta%c3%a7%c3%a3o_Daiane%20Martins%20Batista.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 29 ago. 2022.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018
- BRASIL, **Recomendação N° 036, de 11 de maio de 2020**. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2020a. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- BRASIL. **Portaria N° 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a estrutura em relação ao regime do Ministério da Educação. Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 53, n. 1, p. 39. 18 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- CAMAS, N. P. V; MÔNICA, M; RIBEIRO, R.A; MENGALLI, N.M. Professor e cultura digital: reflexão teórica acerca dos novos desafios na ação formadora para nosso século. **Reflexão e Ação**. v. 21, n. 2, p. 179 - 198, 26 dez. 2013.
- DE SÁ, F. P.; GOMES, R. M. M. Tecnologias Digitais e Usabilidades no Ensino a Distância. **Revista Universidade Federal Goiano** – Revista UFG, 19, 1-13. Goiânia. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/61452>>.
- EDUCA MAIS BRASIL. **E+B Educação**, c2022. Educação/Notícias. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/flork-meme-o-que-e-e-por-que-ele-f oi-parar-em-bolos>>. Acesso em: 09 de jul. de 2023.

ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** 2. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2013.

ESTEVAO, A. Covid -19. Revista Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. **RCAAP**. Portugal, v. 32, n. 1, p. 5-6, Janeiro-Abril. 2020.

GATTI, A. B. **Grupo focal em pesquisas de ciências sociais e humanas**. v.10. Brasília -DF. Liber Livro, 2005.

GERHARDT, T. E. *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2009. p. 65-88. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 30 set. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo. Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7, ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GOMES, S. R. Grupo focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Cadernos de Pós-graduação**, v. 4, p. 39–46, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/1793>. Acesso em: 12 jul. 2023.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 30. ed. Porto Alegre. Mediação, 2009.

HOFFMANN, J. **Avaliação e educação infantil**: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 23ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LIMA, D. de O.; NASSER, L. Avaliação no Ensino Remoto de Matemática: analisando categorias de respostas. **RBEM**, v. 1, p. 01-19, 22 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47207/rbem.v1i.10311>. Acesso: 02 out. 2022.

LORENZATO, S. **Para aprender matemática**. 3. ed. Campinas: Autores associados. 2010

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem**: componente do ato pedagógico. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011b.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. DE. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro, 2017.

MACIEL, D. M. **A avaliação no processo de ensino-aprendizagem de matemática, no ensino médio**: uma abordagem formativa sócio-cognitivista. 2003. 165 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2003.

MINAYO, M. C. de S; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, **Revista Lusófona de Educação**. Portugal. n. 40. p. 139-153. 2018.

MORAES, L. F. V. DE; **Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores de matemática**. 2021. 148 p. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4064/1/disserta%c3%a7%c3%a3o%20Ferna%20da%20ap%c3%b3s%20defesa%20final%20WORD%20%281%29.pdf>. Acesso: 29 Ago. 2022.

MORETTO, P. V. **Prova**: Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

NOGUEIRA, C. M. I; PAVANELLO, R. M; DE OLIVEIRA, L. A. Uma experiência de formação continuada de professores licenciados sobre a matemática dos anos iniciais do ensino fundamental In: BRANDT, Celia Finck; MORETTI, Mérciles Thadeu. **Ensinar e aprender matemática**: possibilidades para a prática educativa, Ponta Grossa : Ed.UEPG, 2016. p. 15-38.

PASCHOALINO, J. B. DE Q.; RAMALHO, M. L.; QUEIROZ, V. C. B. Trabalho docente: o desafio de reinventar a avaliação em tempos de pandemia. **Revista Labor**, v. 1, n. 23, p. 113-130, 16 jun. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53149/1/2020_art_jbqpaschoalinomlramalho.pdf. Acesso: 02 out. 2022.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores**: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2012. p. 15-38.

PONTE, J. P. da; BRANCO, N; MATOS, A. **Álgebra no ensino básico**. Lisboa: DGIDC. 2009.

REGULAMENTAÇÃO do uso de celulares nas escolas. **Rio Prefeitura**, 2023. Disponível em: <https://educacao.prefeitura.rio/celulares/>. Acesso em: 12 set. 2023.

RIO DE JANEIRO. Resolução SEDUC Nº 5879 DE 13/10/2020. **LEGISWEB**, Rio de Janeiro, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=402687>.

RIBEIRO, D. B.; JUNIOR, M. A. K. Um olhar para a avaliação matemática: passado, presente na pandemia e futuro pós-pandêmico. **Revemop**, Ouro Preto, v. 4, e202218, p. 1-26, Maio. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/revemop/article/view/5293/4098>. Acesso em: 01 Set. 2022.

SILVA, F. C. dos S. **Percepção dos professores da rede estadual do Município de São João da Barra - RJ sobre o uso do Google Classroom no ensino remoto emergencial**. Research, Society and Development, 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Unidade 2, p. 31-34. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 09 Out. 2022.

SOUZA, E. P. de. **A compreensão dos professores do Ensino Fundamental I sobre o processo avaliativo da aprendizagem Matemática na perspectiva histórico-cultural**. 2022. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal São Carlos, São Carlos. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/17177/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Mestrado%20%20A%20compreens%c3%a3o%20dos%20professores%20do%20Ensino>

%20Fundamental%20I%20sobre%20o%20processo%20avaliativo%20da%20aprendizagem%
20Matem%3%a1tica%20na%20perspectiva%20Hist%3%b3rico-Cultural.pdf?sequence=3
&isAllowed=y>

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação**: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 18. ed. São Paulo: Libertad, 2008.

VILLAS BOAS, B. Funções da avaliação: Formativa, diagnóstica e somativa. In: VILLAS BOAS, B.; SOARES, E. R. M. (org.) **Avaliação das aprendizagens, para as aprendizagens e como aprendizagem**: Obra pedagógica do professor. Campinas: Papirus Editora, 2022. cap. 3.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário dos alunos



Questionário

Orientação: Não constará seu nome no presente questionário, isto é, as respostas serão analisadas de forma anônima. Portanto, responda com sinceridade.

Eixo 1

Compreendendo o que é avaliação da aprendizagem para você

1. Marque as duas alternativas que melhor representam avaliação para você.

- Uma nota ao final do ano
- Aprendizagem dos conteúdos
- Algo que te causa tensão
- Realização de uma prova
- Momento de estudo para prova
- Resultado do seu empenho

Outro(s): _____

2. Leia a seguinte afirmação: "Aprender um conteúdo serve apenas para conseguir uma boa nota." Marque a alternativa que melhor representa sua opinião.

-  Concordo totalmente
-  Concordo parcialmente
-  Discordo totalmente
-  Discordo parcialmente
-  Não concordo e nem discordo

Outro: _____

3. Leia a seguinte afirmação: “Uma nota alta significa que aprendi e uma nota baixa significa que não aprendi.” Marque a alternativa que melhor representa sua opinião e comente sobre.

-  Concordo totalmente
-  Concordo parcialmente
-  Discordo totalmente
-  Discordo parcialmente
-  Não concordo e nem discordo

Comente com uma palavra ou frase a sua resposta:

4. No espaço a seguir, expresse, na sua visão, o que é a avaliação. Fique à vontade para desenhar, utilizar palavras, escrever um poema, utilizar citações de livros, entre outros.

5. Você acha a avaliação de Matemática mais difícil que a das outras disciplinas?

-  Concordo totalmente
-  Concordo parcialmente
-  Discordo totalmente
-  Discordo parcialmente
-  Não concordo e nem discordo

Fale um pouco sobre sua resposta:

Eixo 2

Reflexos da pandemia na aprendizagem em Matemática

6. Durante a pandemia, você teve algum apoio externo para te ajudar com os estudos de Matemática? Marque a(s) alternativa(s) que correspondem a esse(s) apoio(s) e comente um pouco sobre.

- Ajuda dos amigos
- Ajuda de professores
- Aulas particulares
- Ajuda da família
- Videoaulas
- Não tive nenhum tipo de apoio

Comente, brevemente, sobre as suas experiências nos estudos de Matemática, no período da pandemia, no ensino remoto:

7. De acordo com sua aprendizagem em Matemática durante a pandemia, na volta das aulas presenciais, você acha que possui conhecimentos suficientes para avançar nos próximos conteúdos matemáticos?

- Possuo conhecimentos suficientes
- Possuo conhecimento, mas tenho dificuldades
- Possuo pouco conhecimento
- Não possuo conhecimentos suficientes

Nesse espaço, represente sua resposta acima utilizando poema, desenho, escrita, entre outros, sobre a sua aprendizagem em Matemática.

Você teve aulas on-line na pandemia?

- Sim Não

Responda o próximo eixo somente se no período da pandemia você teve aulas online e atividades online.

Para quem termina aqui...



Obrigada pela participação!!!

Para quem vai continuar...



Está acabando!!!

Eixo 3

Instrumentos avaliativos antes, durante e depois da pandemia

8. a) Durante a pandemia, as atividades avaliativas em Matemática eram:

- Mais fáceis que antes da pandemia
- Mais difíceis que antes da pandemia
- Mesmo nível de dificuldade de antes da pandemia

Outro: _____

b) Comente um pouco sobre sua experiência com as atividades avaliativas em Matemática aplicadas durante a pandemia, no ensino remoto:

9. Com a volta do presencial, como você se sentiu no primeiro momento de realização das avaliações de Matemática? Marque a(s) imagem(s) que melhor te representa(m) e justifique sua escolha.



Insegurança



Preocupação/tensão



Medo



Confiança



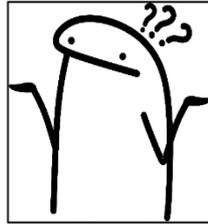
Correr atrás do prejuízo



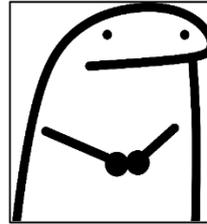
Animação

Justifique sua escolha nas linhas da próxima folha →

10. Assinale a imagem que melhor representa a sua aprendizagem em Matemática durante a pandemia.



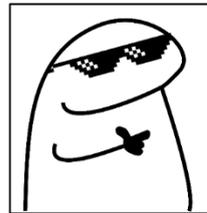
"Não aprendi"



"Aprendi mais ou menos"



"Foi tranquilo de aprender matemática"



"Aprendi bastante!"



Obrigada pela participação!!!

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista



Roteiro de Entrevista

Eixo 1

Compreendendo o que é Avaliação da Aprendizagem para você

1. O que é o ato de avaliar, na sua concepção (Por exemplo, verificar a aprendizagem dos alunos, atribuir uma nota, o desenvolvimento do aluno, um indício da qualidade do seu trabalho)?
2. Em sua opinião, qual é o sentido de avaliar em Matemática?

Eixo 2

Instrumentos avaliativos antes, durante e depois da pandemia

3. Fale um pouco sobre os instrumentos avaliativos que foram utilizados:
 - a) Antes da pandemia (O que você usava);
 - b) Durante a pandemia;
 - c) Depois da pandemia.
4. Onde você buscou apoio para reformular suas práticas avaliativas durante a pandemia (Na escola com os colegas, iniciativa própria, cursos ou sua própria experiência)?
5. Em relação aos instrumentos avaliativos aplicados durante a pandemia:
 - a) Quais critérios você utilizou para defini-los?
 - b) Quais critérios você utilizou para avaliá-los (Critérios que está avaliando esta aprendizagem: participação nas aulas, conhecimento prévio do aluno, o tipo de instrumento utilizado, entre outros)?
6. Dentro de um instrumento que utilizou antes e durante a pandemia, houve modificações (Por exemplo, no caso de atividades avaliativas, o nível das questões, ao tipo de abordagem da pergunta)?
7. Na sua percepção, como os alunos se saíram nas avaliações durante a pandemia? (Fale de suas notas)

Eixo 3

Reflexos da pandemia na Aprendizagem em Matemática

8. Você acredita que a nota dos alunos em Matemática realmente correspondeu à aprendizagem deles (Percepção em sala de aula, durante as atividades)?
9. Você acha que os alunos têm os conhecimentos necessários para aprender os conteúdos de Matemática correspondentes ao ano de escolaridade que eles se encontram?
10. Em sua opinião, a aprendizagem dos conteúdos em Matemática foi satisfatória? Explique.

APÊNDICE C - Roteiro do grupo focal



Roteiro do grupo focal

- **Avaliação e aprendizagem em Matemática**

1. Para vocês, o que é a Matemática (Defina em uma palavra)?
2. Como vocês aprendem Matemática? O que facilita a aprendizagem de vocês?
3. Como vocês veem a avaliação? Quando se fala essa palavra, o que vem na cabeça de vocês?
4. O que vocês acham da avaliação em Matemática?
5. Como é a avaliação em Matemática aqui na escola? Em que momento vocês sentem que acontece a avaliação em Matemática?
6. Em qual formato de avaliação vocês sentem que aprendem mais (Atividades em grupo, atividade de casa, atividade em sala de aula, trabalho, prova, exercícios...)? Por que?
7. Vocês têm o apoio da família para estudar Matemática (Alguém que estude com vocês ou alguém que apoia seus estudos)?
8. Para vocês, o professor de Matemática é importante para se aprender Matemática? Por que?

- **Avaliação em Matemática durante a pandemia**

9. Como foi aprender e estudar Matemática na pandemia (O que vocês acharam? Em relação ao nível de dificuldade, como foi? Quais os tipos de atividades vocês faziam? Como faziam essas atividades)?
10. O que vocês aprenderam em Matemática durante a pandemia (Quais conteúdos vocês estudaram em Matemática)?

- **Avaliação em Matemática depois da pandemia**

11. Na volta às aulas presenciais, depois da pandemia, como vocês aprendem e estudam Matemática (O que vocês acham? Em relação ao nível de dificuldade, como é agora? Quais os tipos de atividades vocês fazem? Como vocês fazem essas atividades?)?

12. Quando vocês voltaram para escola, sala de aula, sentiram muita diferença para quando estavam estudando em casa (Em relação aos conteúdos, atividades, comportamento de vocês...)?

Ao final das perguntas, deixe um espaço para, caso queiram, falar sobre tópicos que não foram abordados.

APÊNDICE D - Entrevista com a Professora 1

Entrevistador A: EA

Entrevistador B: EB

Professora 1: P1

EA: Então tá, primeiramente a gente quer entender o que é avaliação da aprendizagem para você e aí, aqui em primeiro, a gente tem o que é o ato de avaliar na sua concepção?. Por exemplo, é... para alguns professores é atribuir uma nota, para outro é todo processo do aluno, é...para outros é um indício da qualidade do trabalho dele, né? Você verifica a aprendizagem do aluno, vê se o seu trabalho está bom, então o que é para você?

P1: Para mim aprendizagem é diariamente. Você vê o progresso do aluno a cada dia, porque, na verdade, quando você avalia uma nota, naquele dia ele pode não tá bem, ele pode ter uma crise de ansiedade, ele pode ficar em pânico, ele pode não conseguir resolver a atividade. Eu acho que quando você coloca nome na atividade, quando você fala que é uma avaliação, a palavra “avaliação”, ela pesa.

EA: Dá um terror.

P1: É, esse terror te impede de você ter um bom desenvolvimento. Por isso que as minhas propostas são sempre assim: às vezes em grupo, às vezes individual, às vezes com consulta, para que eles possam optar por situações diferenciadas ...

Aluno interrompe: Estão me atrapalhando aqui! Isso tá certo?!

Gravação pausada nesse momento e depois volta-se a gravação.

EA: Aí, voltando: Em sua opinião, qual o sentido de se avaliar em Matemática?

EB: Especificamente na Matemática em si.

P1: Eu acho que é mais o raciocínio lógico. Porque a Matemática te faz pensar mais rápido, então, às vezes, quando você “tá” em uma situação-problema da sua vida, o seu pensamento

rápido te faz tomar decisões mais rápidas para solucionar aquele problema. Todo mundo quando fala em Matemática pensa em Matemática na construção de número: “Ah vou fazer conta”, mas não é uma conta, é aprimorar o seu raciocínio para te ajudar a resolver situações-problemas no dia a dia.

EA: Agora a gente vai falar um pouquinho dos instrumentos avaliativos, né? Que eram usados antes da pandemia, os que foram usados durante e agora, depois da pandemia. Fale um pouco sobre os instrumentos avaliativos que foram utilizados antes da pandemia, que era o que você usava, durante e depois.

P1: Antes da pandemia, a gente sempre trabalhava assim...Eu sempre fiz isso e após pandemia eu continuo, só que eu diluí mais os valores dos instrumentos: geralmente a gente trabalhava com duas atividades valendo dois pontos cada uma, né? E uma avaliação valendo 60. Essas atividades valendo dois pontos “poderia” ser um teste, um trabalho em grupo, um trabalho individual, um exercício avaliado em sala e assim ia. Com a pandemia, a gente perdeu aquela história de olho no olho, então as coisas ficaram mais limitadas. Então o que eu fazia com eles: nós abríamos as aulas *on-line*, eles abriam as aulas, assistiam às aulas comigo, ao final de cada aula era postada uma atividade com prazo para eles me entregarem essa atividade. Eles mandavam pelo portal do *Classroom*, eu corrigia essa atividade e aplicava uma nota nela e era marcado no final uma avaliação que era feito durante a aula *on-line* ali comigo, né? Onde eles iam tirando as dúvidas e resolvendo comigo e postavam também pelo portal. Pós-pandemia, né? Teve aquele momento em que você teve que acostumar a resolver, a estar numa sala de aula de novo, a ter o caderno em dia, né? Então eu passei a aplicar vistos para ter a certeza de que eles estão copiando, estão com o material em dia, é... passei a aplicar... bimestre passado foram três atividades, uma individual, uma em dupla e uma com consulta, né? Mais a minha avaliação. Então no somatório total a gente tem dez pontos, só que a avaliação acabou tendo peso maior, mas valendo cinco e o restante a gente jogou para cinco.

EB: A média é cinco?

P1: A média é cinco.

EA: É... onde você buscou apoio para reformular as suas práticas avaliativas na pandemia? Porque, como você disse, né? Não tinha esse, não tinha esse negócio mais da... do olho no

olho, então algumas práticas de avaliar tiveram que ser reformuladas, onde você buscou esse apoio? É... você falou com seus colegas, pesquisou sobre para mudar essas práticas avaliativas?

P1: A gente fez uma pesquisa no “pai de todos”, que é o *Google*, né? A gente vai lá, dá uma olhada, troca uma experiência com os colegas que estavam fazendo alguma coisa: “Funcionou? Deu certo? Não deu? O que a gente pode fazer de diferenciado?” e no nosso próprio dia a dia, porque quando você... a gente aplicava uma atividade e a devolutiva era mínima, a gente percebia... antigamente era toda semana, né? Aí percebeu-se que a quantidade de atividades que eles tinham para fazer em casa toda semana era muita, eles não, acabavam não davam conta daquilo. Então eu passei a fazer uma semana de atividades de aula, que eles faziam comigo, outra semana era atividade de casa que ficava, a gente foi trocando pra ver o que que ia funcionar, entendeu? *Pra...* Até a gente conseguir acertar um meio.

EA: Então era ali *on-line*, uma atividade *on-line* ali com você e outra *pra casa*?

EB: Legal.

EA: Sim. Em relação aos instrumentos avaliativos aplicados durante a pandemia, quais critérios você usou “*pra*” definir quais seriam esses instrumentos?

P1: Participação deles em sala de aula, né? Durante as aulas. Porque, na verdade, muitos alunos não tinham acesso à *internet*, então por não ter acesso à *internet*, muitos é... resolveram ficar só com a apostila que era fornecida pelo estado.

EB: Sim...

P1: Então a gente teve que fazer dois pesos e duas medidas porque se eu tenho um aluno que vai fazer apenas o instrumento, vai entregar esse instrumento e vai ser aprovado, eu não posso... poderia ser tão rigorosa com aqueles que estavam abrindo a sala, gastando seu dinheiro com *internet*, assistindo a aula, entendeu? E cobrar que eles façam três, quatro, cinco, seis instrumentos. Então, era feito todos os instrumentos que eles tinham que fazer, mas no final pegava aquele que se sobressaísse maior a nota.

EA: Entendi.

P1: E aí lançava aquela nota. Porque na verdade o que acontece: todos os instrumentos eram avaliados, antes da pandemia, com o mesmo valor. Então aquele... E sempre fiz assim, dei o conteúdo hoje, atividade desse conteúdo. Semana que vem eu vou dar um conteúdo novo, a atividade tem uma questão do conteúdo anterior mais a questão do conteúdo novo. Então no final eles acabavam fazendo de tudo. Então aquela *quest...* Aquele conteúdo lá que tinha tudo, que eles se saíram melhor, é que eu lançava a nota.

EA: Entendi. Aqui você já respondeu um pouquinho né? Quais critérios você utilizou “pra” avaliar, né? Participação nas aulas, conhecimento prévio do aluno e, por aí... Ah, rapidinho, eu vou ficar olhando para cá (para a gravação) porque eu tenho medo de parar a gravação, porque, sei lá, esse aplicativo é meio doido, então é por isso. Dentro de um instrumento que utilizou antes e durante a pandemia, houve modificações? Por exemplo, o mesmo instrumento que você utilizava antes da pandemia, você teve que fazer alguma alteração ali pra poder usar na pandemia?

P1: Teve, porque, na verdade, antes da pandemia, se eu fosse aplicar uma atividade ela teria que ser impressa e entregue em sala de aula ou então eles tirariam uma folha do caderno, copiariam ali na hora e fazia... Porque tem... Tinha... Antes da pandemia... Eu sou meio maluca, né? Então eu terminava uma aula assim e “Agora vocês fechem o caderno, tira uma folha e vão fazer uma atividade pra nota.”.

EA: Meu Deus, de surpresa!

EB: Bem de surpresa mesmo!

P1: Na pandemia eu não pude fazer isso. Então que que eu tive que fazer na pandemia? Eu tive que ir lá no *Google Forms*, montar um formulário, disponibilizar o *link* do formulário, entendeu? “Pra” poder eles entrarem no formulário, eu tinha que acompanhar quem enviou, quem não enviou... Aí determinar prazo lá no formulário... Porque aqui na sala de aula: “Ah, professora, não deu pra vir.”. Aí dava uma desculpa e a gente acaba considerando e pegando

depois. Lá, eu já fui mais rigorosa com a pontualidade deles. Então, eles tinham que entregar naquela data, não entregou, fechava o formulário e acabou, acabou. Entendeu?

EB: Entendi!

P1: Justamente *pra* forçá-los a...a frequentar as aulas

EA: “Pra” ter a participação né?

P1: Exato.

EA: E em relação ao nível das questões, teve que se manter o mesmo tipo...?

P1: Manteve a mesma coisa.

EA: É... Na sua percepção, como os alunos se saíram nas avaliações durante a pandemia? É... das suas notas ali...

P1: Durante a pandemia, né? O início foi assim...Logo assim que começou, né? Eles estavam mais motivados, então eles, assim, a maioria... cem por cento da turma assistia às aulas *on-line*. Quando chegou no meio da pandemia, aí eles já começaram a se...perceberam que alguns colegas poderiam só entregar uma apostila e não... e não ter aquela obrigatoriedade de ter que acordar sete da manhã, de ter que abrir uma sala *on-line*, gastar *internet*, fazer, acontecer... Brasileiro faz o que? Vai pelo caminho mais fácil, né? Aí cinquenta por cento da turma *desand*...né? Foram “pra” baixo. Aí eu continuei com os cinquenta por cento da turma. Desses cinquenta por cento da turma, né? Alguns conseguiam acordar, outros entravam mais tarde, outros iam fazendo e a gente ia trabalhando nessa situação, entendeu? Mas no geral, foi tranquilo. Não teve assim... Nada que eu me lembre agora que (inaudível) muito não.

EA: Então as notas foram boas?

P1: Foram, entendeu? Quem realmente frequentou, né? Quem entregou a apostila, não teve jeito, a aprendizagem foi zero. Quem assistiu às aulas presenciais (nesse caso, presencial de presença na aula síncrona), a aprendizagem foi bem legal, entendeu? Porque mesmo sendo a

presencial (presencial de presença na aula síncrona), a gente equipou... Eu equpei toda minha casa. Então eu comprei quadro, comprei apagador, eu comprei caneta... Então eu ia pro quadro, escrevia ou eu então espelhava a folha e ia respondendo a folha passo a passo com eles durante a aula *on-line*...

EA: Ah, sim!

EB: Tentava fazer o máximo possível parecido com a sala de aula?

P1: Exato, entendeu? E a gente foi resolvendo assim.

EA: Agora, sobre os reflexos, né? Da pandemia na aprendizagem em Matemática. Você acredita que a nota dos alunos em Matemática realmente correspondeu à aprendizagem deles? Lá na pandemia aquelas notas corresponderam ao que eles aprenderam realmente?

P1: Os alunos que frequentaram as minhas aulas, né? Que participaram, tiraram dúvidas, eu acredito que sim, porque muitos fizeram concurso...né? Prestaram vestibular, passaram na faculdade, estão fazendo faculdade fora, entendeu? Agora, os alunos que simplesmente entregaram as apostilas, eu não acredito. Porque em casa, você fazendo uma atividade com uma apostila, né? O que acontece? Eu posso pagar alguém pra fazer pra mim, eu posso pedir à uma amiga minha, eu posso copiar do *Google*, eu posso fazer, eu posso acontecer...Então as notas, na verdade, eu acho que a maioria não foram.

EA: E em relação à essa turma aqui, essa turma do primeiro ano?

P1: Eles têm uma dificuldade muito grande em Matemática. Muito grande, entendeu?

EA: Então eles não correspondem, né?

EB: É, porque também teve a coisa do governo de...né? Dar uma passada...

P1: Também! Mas também funciona assim, vou dar exemplos, né? Você percebe...O primeiro ano, a pandemia deles foi sex... sétimo e oitavo, geralmente a Matemática básica. É o conhecimento da linguagem de sinal, que é trocar o sinal, positivo, negativo, operações

básicas lá... Aí vem a parte de polinômio, que eu vou trabalhar com as variáveis, as incógnitas da vida... Aí ano passado eles começaram o nono presencial. Então, tudo que eles teriam que aprender na mudança de sinal, com as incógnitas, ficou pra trás, né? E eu não posso dizer a vocês se eles realmente tiveram aula on-line ou não, se participaram ou não... Porque pelo que eles disseram, foram só uns dois ou três. Então, na verdade, o que acontece? A maioria não frequentou. Foi apostila. E na apostila, bastava você fazer o que? Pedir a alguém para entregar.

Aluno interrompe: *Aê* professora!

A professora faz um sinal para que ele fique quieto e a entrevista segue.

P1: Quem que você acha que fez realmente aquela apostila? Então, na verdade, eles não estudaram. Então eu tenho dois anos de defasagem, quando eu chego numa primeira série do Ensino Médio, eu não vou ter.

EA: E aí essa daqui é um gancho *pra* essa: você acha que os alunos... Eles têm os conhecimentos necessários *pra* aprender os conteúdos de Matemática correspondentes à série que eles estão?

P1: Não. Entendeu? A gente *tá* nivelando por baixo. Na verdade, eu *tô* voltando aos conhecimentos básicos, vocês acompanharam minhas aulas, vocês viram isso...

EA: Sim!

EB: Uhum!

P1: Né? Eu *tô* ensinando o que eles deveriam aprender no sexto e no sétimo, pra tentar dar início ao que eu *tô* precisando. Eu *tô* ensinando o que eles têm que aprender na primeira série, entendeu? Mas de uma maneira mais sutil, *pra* poder recuperar o que *tá* lá atrás, que na minha visão, eu acredito o seguinte: muita coisa do que a gente aprende é necessário, muita coisa do que você aprende, dependendo da área que você for se...seguir, você não vai utilizar. Então, eu prefiro que eles saibam, tenham o conhecimento básico da Matemática, né? Um raciocínio mais avançadinho, mais lógico, mais rápido do que eu me prender num conhecimento de uma

primeira série, de uma segunda, de uma terceira em que eles não irão acompanhar, que no final do ano a maioria será reprovado, entendeu?

Aluno: Pode passar corretivo aqui no lugar, professora?

EA: Mas isso assim, é... Você sente que agora...

Aluno: Professooooora!

EA: ...depois da pandemia isso deu uma piorada?

P1: Quando eles começaram comigo, no primeiro dia, estavam muito piores, muito assim, viu? É... e assim, não sei quem foi, como é que foi o relacionamento deles com os professores do ano passado, mas na minha sala quem *tá* lá fora...

Professora 1 se dirige ao aluno: O aluno voltando, você vai. Pode sentar.

P1: Né? Assim, o querer entrar e o querer sair o tempo inteiro, não ter horário pra entrar em sala, entendeu? É não ter um caderno copiado, é não ter e comigo não funciona bem assim. Então a gente vai moldando...Então, eu praticamente tive que reacostumá-los a estar numa sala de aula, a saber que nem sempre eles vão poder estar falando junto comigo, que eles têm que acompanhar e guardar o celular e a fazer ou acontecer, entendeu? E a resgatar toda essa parte. Então se eu for comparar assim: meu primeiro bimestre *pra* agora... Eu diria que eles melhoraram uns vinte por cento. Então eu sinto que eles estão com vontade, estão querendo, estão aprendendo, estão buscando, entendeu? Mas acho que o processo ainda é muito lento.

EA: É porque na pandemia eles saíam a hora que quiser, né?

EB: Teve dois processos: um de entender isso aqui como espaço escolar, tipo, voltar a entender isso aqui...

P1: Exatamente!

EB: ...e o processo de tentar ajudar o que foi perdido lá, de conteúdo. Então... os dois eu acho que ao mesmo tempo.

P1: E eu... Eu sou muito doida, porque eu não faço só o trabalho de entrar em sala de aula e de ensinar o meu conteúdo. Eu procuro, eu vou catando aluno no corredor, eu vou botando pra dentro de sala, entendeu? E *vamo* guardar o celular, eu não quero isso, eu não quero aquilo e *vamo* fazer, *vamo* acontecer e eu sento e converso muito com eles, porque não é só ser o professor e ensinar o conteúdo, porque, na verdade, a gente tem mania de achar que o professor, a função dele é, eu acredito assim, né? Eu, Professora 1, eu não me vejo só na função de ministrar um conteúdo e querer que meu aluno aprenda meu conteúdo, eu quero que meu aluno seja alguém para a vida. Então, ele tem que entender que ele tem que ter responsabilidade. Porque na verdade... Ah, ele pode aprender o conteúdo, mas se ele não for uma boa pessoa, como é que ele vai aprender esse conteúdo lá fora?

EB: Uhum!

P1: Então eu vou mesclando uma coisa com a outra.

EA: Uhum... Aí a última, né? Em sua opinião, a aprendizagem dos conteúdos em Matemática foi satisfatória? Tanto lá na pandemia quanto agora.

P1: Não. Porque a Matemática é taxada como um bicho de sete cabeças, entendeu? Então o que acontece: como ela é um bicho de sete cabeças, o aluno nem sempre *tá* pré-disposto a abrir a cabecinha *pra* aprender aquilo e já coloca na mente dele que ele não consegue, entendeu? Então, ele só quer fazer o básico. Ele quer ter a média cinco pra chegar no final do ano, ele ser aprovado, ele realmente não quer entender da onde surgiu aquilo. Muitas vezes eu ia *pro* quadro fazer demonstração de fórmula.

EB: Uhum!

P1: “Professora, mas eu tenho que decorar isso tudo?” Eu falei: “Não. *Tô* te mostrando da onde tá vindo.”. Daí: “Mas não tem como pular essa parte não?” Ele quer... Ele queria a média, a nota, entendeu?

EA: A fórmula pronta *pra* ele jogar lá, calcular e acabou. Não quer saber.

P1: Então eu acho que o processo é muito longo ainda.

EB: Aham.

P1: Eu não sei se é cultura nossa, daqui do estado do Rio, de querer conhecer o mínimo, de querer... entendeu? De não ter uma perspectiva de vida, de não querer, de repente, crescer, eu não sei, entendeu? Mas tem um processo bem longo *pra* caminhar ainda, *pra* desenvolver.

EA: E na sua opinião, a pandemia afetou ainda mais isso?

P1: Piorou 80...90 por cento! Porque antes da pandemia, o vício pelo celular já era um, a pós-pandemia, *quádruplou* isso aí, parece que tem cola, se não *tiver* junto não funciona.

A professora pergunta à uma aluna: “Tem régua lá?”

E assim encerra a entrevista. Nos despedimos e agradecemos a professora.

APÊNDICE E - Entrevista com a professora 2

EA: Entrevistadora A

EB: Entrevistadora B

P2: Professora 2

EA: 1. O que é o ato de avaliar, na sua concepção? (por exemplo, verificar a aprendizagem dos alunos, atribuir uma nota, o desenvolvimento do aluno, um indício da qualidade do seu trabalho).

P2: É então, eu avalio de várias formas, né? Eu avalio sempre utilizando nota, a não ser que tem os alunos... A gente recebe muito alunos com laudo, então esses aí não tem como você atribuir... A gente atribui nota no sistema, mas aí a gente já vai avaliando de outra maneira, dando atividade pelo no caso eu *to* trabalhando com tangram com uma aluninha aqui na manhã do novo ano, é... Eu dei tangram a ela, já dei dinheirinho para ela conhecer dinheiro e assim vai né, mas no geral eu trabalho com, faço trabalhinhos com eles, faço teste, faço joguinhos de multiplicação, é faço, avalio também as atividades de casa, vou avaliando também, dando pontuação, e quem traz material, felizmente, a gente que trabalha em escola pública a gente tem que avaliar com tudo, se traz material você tem que dá ponto, por que você tem que pontuar, porque tudo pra eles é em função de nota, então se não vale nota, não vale nada, entendeu?! Eles só funcionam em função de ponto, tudo que você dá, “é pra nota?!”

EB: Como recompensa né?

P2: Isso aí, é, às vezes eles até reclamam que eu dou muito pouco ponto nas atividades de casa, que eu poderia da mais, que às vezes eu dou cinco décimos, no máximo um ponto, e tem gente que aqui dá nota em atividade e caderno, copiou a atividade no caderno que deu na sala, já isso eu não dou nota, que acho que é um dever deles copiar a atividade no caderno, entendeu?! Como é o meu dever está ali dando aula, mas atividade de casa eu sou pontuação e quem não traz o material eu tiro ponto.

EB: Presença você não dá ponto?

P2: Presença não, só se matou aula, aí eu tiro ponto, entendeu?! Junto com essa atividade de casa, eu boto participação, faço uma mistura, às vezes eu nem desconto muito, mas boto essa “pressãozinha”.

EA: Em sua opinião, qual é o sentido de avaliar em Matemática?

EB: Pois é, a gente tem muito a percepção às vezes de um resultado final e a gente queria... se você consegue ter essa percepção em sala de aula, se você consegue olhar o aluno assim e entender que ele está fluindo ali, mas ele tem um pouco mais de dificuldade, se consegue pegar essa parte da sala de aula e conseguir, vê o aluno, avaliar naquele momento também?

EA: No desenvolvimento dele no decorrer, né?

EB: E assim, você consegue perceber uma diferença na prova em relação a sala de aula, às vezes o aluno o aluno é muito bom em sala de aula, mas na prova não é tanto, você consegue perceber isso?

P2: Então, a gente às vezes percebe, eu, na verdade, eu sinto mais dos nossos alunos que eles não estudam para a prova, então eles vão bem na sala, vão fazendo junto, vão respondendo, aí chega na prova, não vai bem porque eles não pegam o material. Às vezes, eu até pergunto: “Gente, falem com sinceridade comigo, vocês estudaram?!”. Aí eles falam: “Não, não deu tempo, não li.”, entendeu?! Não foi uma situação porque ficou nervoso. Existem pouquíssimos casos, pouquíssimos, a maioria porque não estuda. Tem que praticar, eu falo: “Gente, tem que refazer, tapa a resposta e vai fazendo, confere, vê se está batendo.”. Então a gente tem muito caso de muito aluno que não estuda, às vezes ele chega no dia da prova e diz: “Ué, mas tem prova hoje? nem sabia disso!” e os de laudo, que têm casos que a mãe fala: “Ah, porque não consegue fazer, não sabe fazer.”. Teve uma mãe, até do sexto ano, que eu conversei com ela, a filha sabe sim, ela não é tão ruim em Matemática, ela não consegue interpretar direito, ou seja, ela não consegue fazer sozinha. Na quarta-feira, conversei com a mãe para pedir uma cuidadora, porque o estado não tem mediadora, tem cuidadora e, como ela é cadeirante, então acho que para ela seria válido até uma cuidadora, porque a gente com trinta e dois alunos, com vários alunos na sala com laudo eu não consigo dar conta e eu fico mais ansiosa ainda, querendo dar conta e não consigo, porque ela... eu não consigo ler e interpretar toda hora. Entendeu?! “Mas isso aqui? Vamos fazer isso aqui?” porque ela vai, ela flui, mas ela precisa dessa atenção e todas as provas minhas, todas as atividades minhas, eu

leio os enunciados, eu leio e faço a interpretação e depois eu deixo eles fazerem sozinhos, ainda faço isso, mas a dificuldade ainda é grande.

EA: Então, assim, em uma palavra, o que é avaliar para senhora?

P2: Avaliar, eu acho que é você analisar o processo, né? Do aluno, de aprendizagem dele tanto o processo dele durante as aulas, mas também o final, como seria a avaliação, que é ali que eu vou ver que ele sozinho, se ele realmente aprendeu, que eu vou pegar e ver que o aluno aprendeu, se ele entendeu o que eu falei. O problema é que, muitas vezes, ele não estuda, aí eu fico assim...Meu Deus, “falei grego” na minha aula, um mês, dois meses inteiros falando, assim, aí você se sente um lixo.

EA: Não teve processo, nem resultado.

EB: É frustrante, né?

P2: É triste, muito duro, mas tem alguns que salvam, que você olha e fala assim: “Ah, valeu a pena!”, entendeu?! Mas a gente precisa do retorno deles, né? Mas é tão pouco, assim... a porcentagem que vem, que dá esse retorno é o mínimo do mínimo. Em uma turma de trinta e dois, você pega uns quatro alunos que estão ali, aí os outros tudo na raspa, entendeu?! Vai pegando uns pontinhos aqui, ali, aí teste que eu dou em dupla que fica com “unzinho” que é bonzinho, aí vai pegando nisso.

EA: Nessa segunda parte a gente quer saber sobre os instrumentos avaliativos que você usava antes da pandemia, durante e depois.

P2: Então, antes da pandemia e depois da pandemia eu uso praticamente os mesmos instrumentos que são, é, trabalhos, teste, as atividades avaliativas, e a avaliação que eu sempre dou, até porque o estado pede mais atividades. Depois, a escola tem aquela parte da avaliação, a semana de avaliação, recuperação. É, durante a pandemia trabalhamos com uma apostila que o estado forneceu *pra* gente, porque tinha o acesso, mas nem todos acessavam, eu gravava aula com a explicação, é, tentei dar aula nos horários *on-line*, mas quase ninguém entrava no horário de aula, então não consegui. Então, eu achava melhor eu ficar gravando a aula, explicando o conteúdo e colocava lá para eles durante a pandemia e aqueles, que eram a maioria, que não tinham acesso, pegava apostila aqui na escola e depois a gente corrigia. E depois da pandemia é esse mesmo trabalho e a gente trabalha, às vezes, com gincana, aí tem bimestre que a gente trabalha com alguma feira pedagógica. A gente ia trabalhar esse

bimestre, agora, com a gincana, mas esse momento de greve a gente não vai conseguir, no primeiro bimestre *tá* meio tumultuado, porque a escola que tem muito aluno, chegam muito agitados, até eles se concentrarem e tal, a gente começa a trabalhar com coisas diferenciadas no segundo bimestre, então seria a gincana e aí, depois do segundo semestre, a gente trabalha com feira pedagógica, entendeu?! Aí a gente vai colocando alguma coisa.

EB: Mas isso foi depois da pandemia?

P2: Já tinha, não, já tinha. Antes da pandemia, já fiz gincana aqui com o sexto ano. Eles participam, gostam muito, adoram e a gente coloca tarefas prévias para arrecadar alguma coisa, ou produtos de higiene ou latinha. Essa gincana que a gente ia fazer era sobre o meio ambiente, então era para arrecadar latinha, entendeu?! O cata-sol já está organizada a gincana, só não vai ocorrer agora, né? Então a gente colocou latinha, papelão, aí virão aqui na escola para fazer a pesagem e eles gostam muito.

EA: Então durante a pandemia ficou?

P2: Ficou mesmo a apostila, os vídeos...

EA: Aí avaliava por meio da apostila?

P2: Quem me entregava a apostila é quem não tinha o acesso, né? E quem tinha o acesso às atividades, que eles mandavam a foto das atividades que eu ia mandando junto com o vídeo, aí eu ia olhando ali quem fez, quem não fez, e avaliando assim.

EA: Entendi. Onde você buscou apoio para reformular suas práticas avaliativas durante a pandemia, porque antes da pandemia a senhora falou que era trabalho, avaliação, aí depois da pandemia deu um *boom* assim, teve que mudar, onde a senhora buscou esse apoio para mudar suas práticas avaliativas?

P2: Mas depois da pandemia?

EA: Não, durante.

P2: Na pandemia eu usava muito vídeo do *youtube*, para tentar, ou eu mesma fazia os vídeos explicando, era só mesmo celular, fazendo vídeo e mandando e era assim... e essas apostilas que o estado mandou e que muitos depois que o estado mandou essas apostilas, muitos desistiram do aplicativo e também falavam que o celular pesava, não tinha acesso e, assim,

cada hora numa coisa e muitos vieram aqui na escola, né?! A coordenadora com essas apostilas, foi uma loucura.

EA: Mas aí, a gente queria saber onde você buscou apoio em relação assim, por exemplo, antes da pandemia a senhora usava trabalho, prova, gincana, só que durante a pandemia não teve isso, então a senhora teve que modificar suas práticas avaliativas, né? Então a gente quer saber como que você conseguiu pensar nisso, assim... a senhora buscou em algum lugar, por exemplo, na escola com os colegas, a senhora se comunicou para saber como eles estavam avaliando?

P2: Isso, eu entrei em contato e todos estavam avaliando da mesma maneira, mandava atividade e, conforme os alunos retornavam aquela atividade ali, ia corrigindo por atividade.

EB: Você já tinha trabalhado com vídeo antes, teve que aprender a usar as ferramentas que davam?

P2: Às vezes eu passava vídeo, mas nunca fiz aula *on-line* com eles antes não.

EB: Teve que comprar material?

P2: Não, eu já tinha computador, depois eu comprei um *tablet*, porque o estado deu um dinheiro e foi obrigado a comprar, mas eu já tinha computador.

EA: A câmera dá uma intimidada.

P2: É, porque as reuniões eram *on-line*, e eu sou muito conversadeira, mas eu sou envergonhada na hora.

EA: Em relação aos instrumentos avaliativos aplicados durante a pandemia: Quais critérios você utilizou para definir os instrumentos?

EB: Eu vi que você falou sobre a questão das atividades que você mandava e eles retornavam e a gente sabe que teve uma questão do Estado que pediu a não reprovação, mas você conseguia pelo menos avaliar as atividades que eles faziam ali? Se eles estavam se desenvolvendo bem? Ou você teve que só “passar eles”?

P2: É, eu fazia assim: passei a atividade hoje, o aluno mandou e eu marcando quem fez, mas não dava para corrigir todos, aí eu ia pelo fluxo entendeu?! Aluno tal, eu passei dez

atividades, aí ele me entregou cinco, então ele recebeu a metade. Ah, se ele me entregou nove, então ele ganhou nove, infelizmente. Foi um empurrão, né gente? Com o decreto, não tinha muita coisa a se fazer, infelizmente, e aí nós estamos na consequência né.

EB: Vamos chegar aí.

EA: Essa parte é polêmica! Quais critérios você utilizou para avaliar? Que a senhora já falou um pouquinho, como participação nas aulas, conhecimento prévio do aluno, o tipo de instrumento utilizado, entre outros né, se ele entregava as atividades a senhora ia avaliando...

P2: É.

EA: Aqui, dentro de um instrumento que utilizou antes e durante a pandemia, houve modificações? Por exemplo, no caso de atividades avaliativas, o nível das questões durante a pandemia, o tipo de abordagem da pergunta?

P2: Ah, teve, caiu muito, já preparei prova bem mais elaborada, agora é muito mais simples e eles ainda têm bastante dificuldade e provas bobas

EA: E durante a pandemia também? Tipo, nas atividades que a senhora mandava o nível das perguntas?

P2: É, é, bem “simplesinho”, bem reto assim, bem direto.

EB: Tipo: “Faça isso!”.

EA: Probleminha não né?

P2: É, problematizar, eu gosto de fazer umas questões botar nome de aluno "fulano foi não sei aonde"...

EA: Ah!

EB: Ah! Um “contextozinho”, né?

P2: É, contextualizar.

EB: Não rolou?

P2: Eu até faço hoje com sexto ano, às vezes em época, primeiro bimestre, que cai as provas perto da Páscoa, eu falo: “Tantos ovinhos, de Páscoa, dividiu em caixinhas, e não sei o que” sabe?! Mas eles têm muita dificuldade com interpretação de texto gente.

EB: Nossa!

P2: Muita!

EB: É um reflexo também...

P2: Nós temos alunos do sexto ano que não sabem ler, aí a escola conseguiu uma professora que tá vindo aqui quatro horas... vindo aqui quatro e meia, pegando os alunos para tentar alfabetizar.

EA: Dando um reforço, né?

P2: Reforço, não é fácil não.

EB: Já pega aí um *déficit* muito grande

P2: Ou seja, eu faço, como eu falei com vocês, quando eu entrego a prova eu faço a leitura da prova para eles, mas tem aluno que não vai. Eu tenho aluno que responde assim ó (sinal de cobrinha, garatuja).

EA: Meu Deus, nossa!

P2: Um aluno meu até para escrever o nome dele, até para escrever o nome dele, ele faz um negócio...

EA: Ele não sabe ...

P2: É, eu tenho um aluno de sexto, tenho outro aluno do sexto que ele sabe letra de forma, mas não sabe passar para cursiva

EA: Ah!

P2: Então, quando eu escrevo no quadro, ele não entende, aí eu fui no *Google*, peguei o alfabeto com a letra de forma e a letra cursiva, imprimi.

EA: Para ele associar...

P2: Isso, trouxe para ele para ele colocar em cima da mesa dele para poder, aí eu falei com ele: “Quando eu for escrever no quadro”, porque eu não tenho agilidade para escrever com letra de forma, “Quando eu for escrever no quadro, você vai olhando isso aí”, plastifiquei para não molhar, não rasgar.

EB: Sim!

P2: Entreguei a ele, porque ele não teve essa transformação.

EA: Entendi.

P2: Meu filho de cinco anos está passando agora, de letra de forma para cursiva e ele não sabe. Então são várias situações em uma turma de trinta e dois alunos, esse... é tudo em uma turma só e tem outros, têm autista, tenho vários em uma turma só e nem um deles tem cuidadora, mediadora, não tem ninguém.

EA: Aí tem que ficar dando conta.

P2: Isso aí, na prova não tem ninguém que possa tirar, porque se tivesse uma pessoa para tirar, levar, assim, para ler com ele.

EA: Para ajudar.

P2: É, para ajudar, não é para dar a resposta, mas fazer uma leitura, interpretar.

EA: Eu *tô* olhando para o gravador aqui toda hora, mas não é por conta do tempo não, é porque, às vezes, para de gravar.

P2: *Tá*, não, tudo bem.

EA: Aí na sétima né, acho até que a senhora falou um cadinho...

EB: Uhum.

EA: A sua percepção, como os alunos se saíram nas avaliações durante a pandemia, em relação às notas, as notas na pandemia, foram boas, como é que foi?

P2: Na pandemia?

EA: É.

EB: Isso.

P2: Foram boas porque...

EB: Pelo sistema que estava funcionando.

P2: É, não podia perder, só não perdeu quem não entregou e ainda teve uma busca ativa.

EB: Tipo uma recuperação?

P2: Não, a busca ativa, tipo, eles não entregaram, não vieram e a escola teve a direção... a coordenação teve que se virar, ligando, implorando pra: “Vem aqui para pegar a apostila e fazer!”.

EB: Nossa.

P2: Terminar nessa situação, sabia que não ia.

EA: Ah, entendi.

P2: Isso aí, eu nem sabia, *tá* vendo? *Tava* fácil demais, porque teve gente que sumiu, aí teve a tal da busca ativa, que a escola teve que se mobilizar para correr: “Vem fulano, nós precisamos de você aqui.”.

EA: Então as notas, foi todo mundo bem?

P2: Só ficou com vermelho mesmo quem não fez na busca ativa, não quis, aí vai para o conselho tutelar, enfim.

EA: Mas não tinha nem, tipo assim, correção das atividades para atribuir nota?

Coordenadora da sala: Muito pouco.

P2: Porque era uma pilha.

Coordenadora da sala: Porque era através de assinatura, nós entregaremos, né? E eles assinavam, aí a saída e a entrada do material, aí eles assinavam a saída e já...

P2: É, aí já.. depois vem e entrega, e vinha pilha, aí falaram: “Não vão dar conta de pegar todas as pilhas para corrigir tudo”.

Coordenadora da sala: Por isso que teve alguns que faziam a apostila, e faziam questão de corrigir, mas...

P2: É, mas ele falou assim “Gente oh a ordem é essa, entendeu?!”.

EA: E a mesma coisa nas atividades que a senhora passava para quem participou online?

P2: Isso, *tava* fazendo isso, *tava* vendo quem fez e pronto, *tava* ali participando.

EA: Entendi.

P2: Nunca a assinatura valeu tanto.

EA: E os reflexos da pandemia na Aprendizagem em Matemática...

P2: Aham!

EA: Você acredita que a nota dos alunos em Matemática realmente correspondeu à aprendizagem deles? Percepção em sala de aula, durante as atividades que a senhora passou...

P2: Isso o que? Na pandemia?

EA: É, por exemplo, eles tiveram uma nota na pandemia, como a senhora falou, foi todo mundo bem. Você acredita que essa, esse... a qualidade do ensino foi que foi todo mundo vindo, refletiu agora? *Tá* todo mundo ...

P2: Não, a nota que eles tiveram na pandemia não condiz com que eles estão tendo agora.

EB: Nem a aprendizagem que eles tiveram na pandemia?

P2: Não, não, até porque se teve nota boa na pandemia teve por conta de uma assinatura, não foi por conta de conhecimento, que eles não aprenderam, a verdade é essa: eles não aprenderam.

EB: Teve exceção assim, de alguém que você percebeu que ...

P2: No primeiro ano da pandemia, eu tinha uma turma de primeiro ano que era muito boa, então essa turma eu percebi que tinha uma galera que fazia mesmo, que era legal, participativa...

EB: Entendi...

P2: Já no outro ano, em 2021, né?

EB: Isso.

P2: Aí já ninguém queria mais nada.

EB: Desmotivou até aqueles que já tinham alguma coisa.

P2: É , até já eram outro grupo, outros alunos.

EB: Aham, entendi

P2: Aí no final de 2021 a gente foi obrigado a voltar em outubro.

EA: Sim.

P2: Aí foi aquele alvoroço, os alunos fazendo um agito, parecia que estava acabando com tudo.

EB: Imagino...

P2: Tinha que terminar, aí, imagina, tinha que terminar as apostilas aqui.

EA: Aham.

P2: Fomos dar conteúdo novo, terminando as apostilas ainda.

EA: Não teve aula...

P2: Não, as apostilas, por bimestre, né? Então a apostila do quarto bimestre nós fomos fazendo com eles aqui.

EA: É porque voltou no quarto, né?

P2: É, voltou no quarto bimestre, em outubro, tá?

EB: Essas aqui eu acho que até você já, a gente vai respondendo à medida que vamos perguntando, né? Mas essas são muito boas também.

EA: Você acha que os alunos têm os conhecimentos necessários para aprender os conteúdos de Matemática correspondentes ao ano de escolaridade que eles se encontram agora?

P2: Não, eu *tô* no novo ano agora em letramento, vou dar Teorema de Tales e eu estou voltando em retas: retas paralelas, concorrentes, perpendiculares...então tudo é uma... falei de ângulo agudo, obtuso, ângulo reto, ângulo raso...

EA: O que se vê no sétimo, né?

P2: Pois é, eu no sexto *to* falando de ângulo também, porque surgiu um livro de “Acerta Brasil”, por conta dessa prova Brasil, aí o Estado “*tá*” com um livro aí. Aí, nesse livro, tem um conteúdo no sexto ano sobre ângulos, como é que eu vou dá um conteúdo, se não foi explicado em sala?! Então eu tive que voltar ângulos no sexto ano, *tô* explicando a eles, mas lá no nono eu também *tô* explicando, falei um pouco sobre ângulos, hoje eu dei aula de retas, dei uma “atividadezinha” sobre retas, para poder semana que vem entrar no Teorema de Tales, nem entrei ainda em ângulos alternos e internos, nem vou entrar muito nesses detalhes não, *tá*? Eu vou botar um vídeo para eles, para tentar, para a gente tentar pegar um ...

EB: Um auxílio ali.

P2: É, vou pegar um daquela Giz que eu gosto muito dela, da explicação dela.

EA: Ah, eu adoro ela!

P2: Eu adoro ela, aí eu vou pegar um vídeo dela, já até assisti ontem para ver se serve para eles e vou pegar pra poder eles terem uma ideia.

EA: Para dá uma adiantada no conteúdo

P2: Porque são só duas aulinhas por semana, então, se eu detalhar muito, daqui a pouco vem feriado e eu não vou conseguir, prova e acabou.

EB: Eu acho que foi um auxiliar também, agora depois da pandemia, porque a gente tem essa possibilidade também.

P2: É, ajuda muito! Eles prestam mais...hoje mesmo, eu estou com um vídeo dela sobre produtos notáveis nas turmas que eu dou Matemática, aí *to* passando para eles.

EA: Aí você *tá* dando produtos notáveis no nono ano?

P2: Nono ano, mas nas turmas que dou Matemática, eu dou Matemática e Letramento, aí a gente divide os conteúdos, que aí, às vezes, Matemática não dá tempo de dar tudo, aí a gente vai dividindo.

EB: Ah, sim!

P2: A realidade, a prática...Quando a gente estuda é uma coisa, mas na prática é muito diferente, muito.

EA: É desafiador, né?

P2: Eu já fui muito ali, muito rigorosa, sabe ... mas agora a gente vai relaxando mais um pouco. Eu falo que aqueles que foram meus alunos quando eu comecei, dei aula muito tempo na escola particular... Então, quando a gente começa no colégio particular, a gente começa ali, né? A gente aprende muito, então quando você começa, você quer mudar o mundo, depois você vai vendo. Aqueles alunos que eu dei aula em 2003, 2004, se eles assistirem minha aula hoje, gente, outra pessoa!

EB: Uhum!

P2: Fala assim: “Não, não pode ser a mesma.”.

EB: Vai sendo moldado?

P2: É, mas você TEM que.... porque, se não, eu já coloco a maioria da turma em nota vermelha, você imagina se eu continuasse do mesmo jeito. Dá não, você tem que mudar, não adianta não.

EA: E também é outra realidade, né?

P2: É outra, mas eu sempre trabalhei no estado também, sabe? Eu sempre fui muito “carrasquinha”, mas eu mudei muito, dizem que eu ainda sou, mas eu já mudei muito. É outra realidade, mas também o colégio particular tem muito aluno que não quer nada. Às vezes eu fico com pena dos pais que gastam. Eu falava muito com meus alunos: “Gente, seus pais gastam dinheiro com vocês, escola cara, gasta com transporte para trazer vocês, buscar vocês, lanche, aí, quando fica de dependência, tem que pagar dependência de vocês!”. Tudo caro, eu falava muito, tinha uns que eu falava: ”Gente eu tenho pena do pai de vocês. Se eu fosse pais de vocês, tirava vocês e colocava no público.” porque eu vou te contar, dá pena.

Coordenadora da sala: Em escola particular, a maioria quem manda são os pais, que se você fizer alguma coisa contrária, a direção, ó (gesto de cortar a cabeça).

P2: Manda embora, é. Tem que dançar conforme a música, infelizmente. Fica em uma saia justa. O próximo, qual é?

EA: Por último, em sua opinião, a aprendizagem dos conteúdos em Matemática foi satisfatória?

EB: Na pandemia.

P2: Não!

EA: E agora?

B: Não né, porque até a gente colocar isso ...

EB: Acertar...

B: É, acertar eu acho que vai demorar um bom tempo isso aí, se conseguir, gente, né? Não só pela pandemia, porque eu acho que também os alunos cada dia que passa, não falo todos, a gente fala os alunos geral, mas a cada dia que passa eles estão... é um desinteresse muito grande, muito grande.

EB: Uhum, a gente tem essa coisa da Matemática ser uma matéria meio que as pessoas não gostam, tem esse agravante.

P2: É, pois é, mas tem muito aluno que não gosta e às vezes acaba juntando professor com a disciplina, às vezes, acontece muito. Eu sou rigorosa, mas tento ser agradável com eles, para poder não misturar, não gosto de Matemática, não gosto de P2, entendeu?!

EA: Para não ser algo da professora, né?

P2: Da professora, isso aí! Associam muito, aí não gosta de ninguém, não gostam de nada, mas eu acho que se você, você dar, por exemplo, falando isso em uma escola pública, você conseguir completar o seu conteúdo de sexto, sétimo, oitavo de Matemática todo, eu acho que a gente não consegue, eu acho que não consegue. Eu não consigo hoje e acho que vou me aposentar e não vou conseguir, a gente consegue o básico e não é só por conta de pandemia não, não acredito que seja só por conta de pandemia não, vem muito também da gente não ter

retorno. A gente não tem retorno, a gente não tem quem estuda em casa, não tem atividade de casa pronta, feita, a gente não tem. Isso aprendeu aqui, se fechou hoje, se eu voltar a dar aula daqui uma semana, daqui a uma semana o caderno vai abrir novamente. Então aí você começa lembrar, aí como que o conteúdo avança?! Não avança. Por exemplo, letramento eu dou aula só sexta, só vou dar aula agora sexta, então eu dei aula sexta, ou seja, eu tenho que lembrar o conteúdo, aí...quer dizer, não dei sexta porque faltei sexta, então dei sexta, dia quatorze, aí tive que lembrar retas para poder passar atividade para eles hoje.

EB: E mesmo passando exercício pra casa?

P2: É, passei atividade *pra* casa, aí fiz a correção, relembrei e tal, para depois dar uma “atividazinha” de folhinha de atividade avaliativa.

Coordenadora da sala: Só vejo falarem bem dela.

Todos da sala riram.

P2: Os alunos?

Coordenadora da sala: Os seus alunos falam bem.

P2: É então, eu tento ser agradável, entendeu?! Eu tento não, eu sou agradável, né coordenadora da sala?

Coordenadora da sala: É.

P2: Aí eu sento, brinco, sou séria quando tem que ser, entendeu?! E vou levando, né? Mas dar o conteúdo específico de cada ano, não consigo. Jamais consigo, eu *to* com segundo ano na escola que eu faço GLP, como que eu consigo dar um conteúdo enorme que *tá* lá, com três aulinhas de Matemática, nunca, jamais.

EB: Verdade...

P2: Logaritmo, dei o básico de logaritmo, primeiro bimestre, você acha que eu vou da função equação? Nunca! Aí não consegui dar propriedades, estou dando agora, no segundo bimestre, aí quero dá a parte de volume, relação de Euler, aí o que que acontece? Eles não sabem os nomes dos poliedros, tive que mandar eles montarem, igual coisa de sexto ano.

EA: Entendi!

P2: Fazer eles montarem. Ontem eu dei visto, agora vou ensinar o que são prismas, pirâmide, diferenciar quantos, o que que é vértice, aresta, mostrar o que que é, ou seja, eu tenho que pegar.

EA: E isso em qual série mesmo?

P2: Segundo ano do Ensino Médio. Estou voltando

EB: Voltando ao Fundamental com eles.

P2: É, isso aí!

EA: Antes da pandemia você já tinha que fazer isso?

P2: Tinha, tinha que fazer, então *to* falando com você que não é só a pandemia

Nesse momento chegou uma pessoa perguntando se a professora esqueceu a chave no banheiro e ele disse que não era dela, era de outra professora

P2: Então, é isso.

Agradecemos a ela e encerramos a entrevista!

APÊNDICE F - Grupo focal com a turma 1

Entrevistador A: EA

Entrevistador B: EB

Funcionária da biblioteca: FB

EA: Vamos lá, para vocês, o que que é Matemática? Assim, pode ser em uma palavra.

Aluno B: Ih, não sei explicar, não.

Nesse momento, os alunos riem.

EB: Nada? Não vem na sua cabeça quando fala “Matemática”?

Aluno A: Não.

FB: Que que vocês pensam quando vê Matemática?

EB: Isso!

Aluno A: Eu vejo conta, números, só vejo números só.

EB: Só isso? Matemática é isso pra você?

Aluno 1: Cálculos.

Aluno A: É coisa difícil para mim, cálculos, cálculos, tudo.

Aluno B: É, ajuda a gente também no nosso dia a dia, né? E principalmente os médicos, porque eles precisam usar Matemática, né? *Pra* não matar o pessoal (os alunos riram nesse

momento) com remédio, ó, porque, se eles colocarem a medida muito avançada, vai acabar matando a pessoa. Aí, se eles colocaram na medida certa, vai ajudar a se recuperar.

Aluno A: É a raiz quadrada, a raiz quadrada de x .

Alunos riem nesse momento.

EA: Mais alguma coisa?

Aluno C: Ó, no caso *pra* mim é cálculo, porque hoje em dia tudo você vai precisar da Matemática, no caso, você for comprar alguma coisa é... deixa eu ver mais o que... tudo a gente precisa de Matemática, tudo.

Depois da fala do Aluno C, ficaram em silêncio.

EA: Mais alguma coisa?

EA: Mas então, assim, a primeira coisa que vocês pensam? Falou a palavra Matemática.

Aluno D: Dificuldade.

Aluno C: Conta.

Aluno 2: Cálculo.

Aluno 3: Cobrador de ônibus.

Alunos 4: Números.

Aluno 5: Carroça.

Aluno A: Essa turma é a pior que vocês pegaram, ninguém tá falando nada.

Aluno E: Para, cala a boca!

Ficaram em silêncio nesse momento.

EA: Tá, posso ir para a próxima?

Aluno A: Pode.

Aluno B: Pode, com certeza!

EA: Como vocês aprendem Matemática?

Aluno C: Estudando.

Aluno A: Prestando atenção na aula.

Aluno 6: Com a professora.

Começaram a falar ao mesmo tempo, então tivemos que intervir.

EA: Gente calma, vamos lá, fala

O grupo começa a rir nesse momento

Aluno A: É com a Professora 1 que ele falou.

Aluno 7: Na força do ódio.

Aluno 8: Professora.

Aluno E: Na escola.

Aluno A: Fazendo, fazendo contas, fazendo conta você aprende Matemática.

EB: E vocês fazem conta?

Aluno A: Claro.

Aluno C: Prestando atenção na aula.

Aluno E: Claro, eu sou “bicho” em Matemática, pode perguntar a ele.

EB: É?

Aluno B: Ah, é...(em tom de ironia)

EA: E aí, o que é que facilita assim, para vocês aprenderem?

Aluno A: Nada, tudo difícil.

EB: Não tem nada que...

Aluno 9: O dia a dia.

Aluno D: Perguntar, ver vídeo.

Aluno B: Calculadora, né?

EA: Mais alguma coisa?

Nesse momento, ficam em silêncio, então entendemos que não têm nada a acrescentar.

EA: Vamos lá então. É, como vocês veem a avaliação? Quando a gente fala em avaliação qual é a primeira coisa que vem na cabeça de vocês

Aluno 10: Prova.

Aluno 3: Teste

Aluno E: Desafio.

EB: Por que desafio?

Aluno E: Porque o desafio é fazer a prova, *fio!* (filho).

Nesse momento, o grupo ri.

EB: É um desafio para você?

Aluno A: Fazer a avaliação já é um desafio, a prova é difícil

Aluno 2: Concordo com Aluno A, acabou a história.

Aluno C: No caso, como eu vejo a avaliação?

EB: É.

Aluno C: No caso, é mostrar tudo que aprendi durante o bimestre.

Aluno B: Testar seus conhecimentos.

Aluno C: É...

EA: E aí, assim, falou em avaliação, a primeira palavra que vocês pensam...?

Aluno 3: Dificuldade.

Aluno A: Tudo é dificuldade em Matemática também, nunca vi isso!

Aluno E: Mas tipo como, Ciências aí ...

Aluno 3: Continua sendo difícil.

Aluno A: É difícil do mesmo jeito.

Aluno B: Geografia é melhor, melhora um cadinho.

Aluno A: Elas estão falando de Matemática, *filho* (filho), esquece isso doido.

EB: Mas por quê? Pelo conteúdo ou por alguma outra coisa?

Aluno 6: Pelo conteúdo.

Aluno A: Porque Matemática é difícil, quando chega no Ensino Médio fica mais difícil.

Aluno 5: Fundamental já *tava* ruim.

Todos começam falando ao mesmo tempo, então algumas palavras foram inaudíveis.

Aluno D: Ah, se estudar sabe...

Aluno A: Sai do fundamental e chega no Ensino Médio fica difícil, terceiro ano vai ser revisão do primeiro e segundo, né?

EB: Sim, mas com algumas coisas a mais nela.

Aluno D: Ah, mas ninguém nasce sabendo.

EA: Mas tem alguns conteúdos novos também.

Aluno D: Ah, mas ninguém nasce sabendo.

Aluno A: Só nasce burro.

Nesse momento, o grupo ri.

Aluno B: Com o tempo você vai aprendendo.

EA: Sim.

Aluno B: É a mesma coisa de você pegar um ...

O Aluno B é interrompido por Aluno D.

Aluno D: É por isso que a gente tem aula, pode ter pouca, mas tem.

Depois, o Aluno B segue com sua fala.

Aluno B: Seria uma comparação que eu vou fazer agora. É a mesma coisa se pegar um CD virgem e você vai colocar as *coisa* dentro dele, aí você vai ter assim... os conteúdos dentro dele, agora se você pega e compara com a pessoa, ela nasce sem nada entendeu?! Sem conhecimento nenhum e, ao decorrer do tempo, ela vai adquirindo conhecimentos e você vai ser um professor na vida, para ensinar as pessoas.

O resto do grupo concorda, aplaude e fica em silêncio. Logo, damos continuidade.

EA: Como é a avaliação em Matemática aqui na escola? Assim, em que momento vocês se sentem avaliados?

Vários falando ao mesmo tempo

Aluno D: Quando ela passa atividade valendo nota e não explica, só vai passar o negócio.

EA: Quando é uma atividade que...?

Aluno D: Que ela não vai dar a resposta, vai esperar a gente responder para corrigir.

Aluno E: Para ir mal, na verdade, aí você já fica tipo como...

Aluno A: Aí você nem faz.

Nesse momento, o grupo ri.

EA: Mais alguma coisa, gente?

Ninguém quis acrescentar, logo, damos continuidade.

EA: Então *tá*. Em qual formato de avaliação vocês acham que vocês aprendem mais? Tipo...

Aluno 4: Educação física.

Alunos em geral perguntam: De Matemática?

EA: Isso, em Matemática. Tipo, assim, é... exercícios, atividade de casa, atividade em grupo, prova ou...

Aluno D: Na que a gente aprende mais? Na em sala né.

Aluno A: Não!

Aluno D: É claro que é!

Aluno A: Eu não aprendi nada até agora.

Aluno D: É porque você não presta atenção, fica só conversando!

EB: Vocês aprendem mais onde então?

Aluno A: Fazendo trabalho, se for em casa, é claro.

Aluno 6: Claro, pega da *internet*.

EA: Aprender para vocês é baseado na nota só? Você falou que aprende em casa fazendo trabalho de casa, né? Mas assim, você aprende porque você estuda ou você aprende porque você pega de algum lugar e tira nota alta?

Aluno A: Porque eu olho no caderno e vou fazendo lá.

Aluno D: Mas em sala também dá para olhar para o caderno.

Aluno A: Em sala eu tenho preguiça.

Aluno D: Ó, mas aí é questão de dedicação.

Aluno E: Em casa é mais apropriado.

Aluno A: Não, é diferente, eu não sou acostumado, a escola também não explica direito...

Aluno D: Vou falar com a professora, hein!

Aluno E: Aqui também a escola não tem nada a oferecer.

EB: Então em casa você aprende melhor?

Aluno A: É.

EB: Então na pandemia você “bombou” (No sentido de ter aprendido bastante)?

Aluno A: Não!

EB: Por quê?

Aluno A: Mas *perai*, porque lá não tinha aula.

EB: Você não teve aula *on-line* não?

Aluno A: Aquilo não era aula.

Alunos riem.

EB: E o que que é aula então?

Aluno A: Aula é o que a gente está tendo agora, presencial, físico.

Aluno E: Quando tinha aula *on-line* lá, os professores queriam ver nossa casa como que *tá* bagunçada.

Aluno A: Na real, é que todo mundo passou sem fazer nada.

EB: Vocês abriram a câmera?

Alunos em geral: Não.

EB: Então quer dizer que vocês aprendem melhor aqui na escola?

Alunos em geral: “Sim”.

EA: Por que sentem que aprendem melhor aqui?

Aluno A: Porque aqui é obrigado a fazer.

Aluno 10 : Porque em casa dava vontade de dormir.

Aluno B: É porque aqui você vai ter uma explicação da professora quando você tiver dúvida.

Aluno 5: Não tem a mesma motivação.

Aluno D: É porque em casa você tem mil e uma distrações, né?

Aluno 7: Aqui é melhor pela explicação.

Aluno A: No *on-line* todo mundo dormia, isso que é a verdade, todo mundo só entrava para pegar presença.

Aluno 3: E em casa a gente vê vídeo e pega da *internet*.

Aluno 4: É!

EB: Entendi.

Nesse momento, eles estavam dando risada das respostas dos colegas e concordando entre si.

FB: Vocês não aprendem na casa de um colega, estudar, fazer um trabalho?

Aluno D: Hã? Que colega? Tudo burro.

Aluno E: Vou lá na casa de Aluno A aprender alguma coisa?!

EB: Quando vocês ficam em grupo assim, para fazer atividade, vocês acham que vocês conseguem aprender melhor?

Aluno D: Eu não, o povo é tudo burro.

Aluno C: Dependendo de quem tá junto comigo, sim, porque aí eu peço ajuda e a pessoa me explica.

EA: Ah, entendi.

Aluno A: Eu não vejo nem minha mochila quando chego em casa. Eu não pego nem meu caderno quando chego em casa, eu vou para a rua!

EB: Vamos lá, então? Mais alguma coisa pra falar sobre isso?

Alunos em geral: Não

EB: Tranquilo? *Tá*. Vocês sentem que a família de vocês apoiam vocês nos estudos de Matemática?

Alguns alunos responderam que não e alguns choraram quando chegamos nesse ponto.

Aluno A: Não me apoia em nada, nem na vida.

Aluno D: Em Matemática, em específico?

EB: No geral.

Aluno D: Ah, sim. Acho que os pais de todo mundo *quer* que os filhos tenham um futuro, né? Então sim.

Aluno C: É, desde o momento que coloca o filho na escola, então, eles querem o melhor para o seu filho.

EB: Mas eles te dão algum apoio, tipo assim, em ajuda, em fazer alguma coisa (em relação à ajudar a estudar)?

Aluno E: Não.

EA: Tem alguém da família que estuda com vocês...?

Aluno A: Todo mundo é burro na minha família, como vai ter?

Aluno D: Ah, eu nunca pedi não.

A Professora 1 entra na sala e os alunos começam a conversar com ela, dizendo que falaram que ela não sabe explicar, que a escola não tem nada a oferecer. Depois, damos continuidade ao grupo focal.

EA: Enfim, a maioria aqui não tem alguém que estude com vocês, mas apoia?

Alunos: “Isso”, “Sim”, “É claro!”

Aluno A: Se eu não estudar mais *pra* frente eu vou passar fome, então...

Nesse momento, eles riram da fala do aluno A.

EA: Entendi.

Aluno E: Dá *pra* comprar os estudos, 200 *conto*.

Os alunos riram.

EA: Mas e o conhecimento?

Aluno B: É, comprar o estudo não tem como.

Aluno A: Conhecimento a gente aprende da *internet*.

Aluno E: Conhecimento, ah, só pra trabalhar mesmo.

EA: Aprende ou copia da internet?

Aluno D: Cópia!

Aluno B: Até gari tem que ter segundo ano, né?

Nesse momento, começaram a discutir sobre a Matemática em algumas profissões.

Aluno A: É, vai usar a raiz quadrada *pra* ir lá abrir o corpo de alguém (profissão de médico, cirurgião).

EB: Não é especificamente a raiz quadrada, mas usa muita coisa, porcentagem, por exemplo, frações... *pra* ser médico.

Aluno D: Meu Deus!

Aluno A: É, aí ó!

Alunos falam que ainda bem que não querem ser médicos.

Aluno E: Ainda bem que eu quero ser bombeiro!

Aluno A fez uma piadinha com isso e todos os outros riram.

EB: Tudo tem Matemática, gente, não tem *pra* onde correr. Ela *tá* na nossa vida não só em contas, mas raciocínio lógico também...Para entendermos as coisas.

Aluno A: É, eu sei. Mas é difícil.

Aluno E: Para trabalhar fazendo açai também precisa de Matemática.

EB: Precisa!

Aluno A: Até se for trabalhar na “boca” precisa de Matemática. Né não?

Aluno E: O cara chega lá “Quero uma de cinquenta, uma de cem”, como você vai saber?

Depois falaram mais algumas profissões que, supostamente, não precisavam de Matemática ou de estudo, como lixeiro ou gari.

EA: Posso ir para a próxima? Mais alguma coisa a declarar?

Alunos em coro: Pode!

EA: Para vocês, o professor de Matemática faz alguma diferença na aprendizagem em Matemática?

Alunos em conjunto: “Faz” e “Bastante”.

Aluno D: Bastante, na verdade!

EB: Quais?

Aluno D: Ah, ela sabe explicar e... dá bastante atenção quando alguém tem alguma dúvida.

Os outros alunos concordaram com ela

Aluno 3: Ela vem na mesa, explica direitinho, se você entendeu ou não, explica de novo.

EB: Isso faz diferença, né?

Aluno D: Ela analisa seu corpo inteiro, mesmo se você não falar que *tá* com dúvida ela já sabe.

EB: Olha *pra* você e já sabe que *tá* com dúvida?

Aluno D: É!

EB: Legal, legal. Vocês estão com ela há muito tempo?

Alunos em coro: Não, não.

Aluno D: Esse ano só.

Aluno A: Eu tô há dois anos só.

Aluno 1: Repetente, né?

Aluno E: Acho que eu tô há uns três anos, eu acho.

Alunos riem.

EA: Mas por que vocês sentem essa diferença? Lá na pandemia tinha um professor assim *pra* tirar as dúvidas?

Aluno E: Mandei mensagem e o professor me bloqueou no *Whatsapp*!

Alunos riem.

Aluno D: O meu nem respondia.

Aluno B: Eu mandava coisa pro professor, ficava esperando mais horas e mais horas e mesmo assim não respondia.

Aluno 4: Ah, até hoje não responderam.

Aluno B: É claro, com essa cara sua o professor vai pensar que vai ser assaltado.

Alunos riem e depois ficam em silêncio.

EA: Posso continuar?

Aluno D: Pode continuar.

Aluno B: Pode ir, tia. É, tia não...

EA: Pode chamar de “tia”, não tem problema.

Aluno A: Ela é irmã da sua mãe? (Perguntando para o Aluno B)

Alunos riem.

Aluno A: Pode ir, pode ir.

EA: Como foi aprender e estudar Matemática lá na pandemia?

Aluno D: Ah, eu não aprendi nada!

Aluno A: A apostila eu deixei tudo em branco e eu passei. Eu aprendi todas as matérias, menos Matemática.

Aluno B: Ah, passava coisas com transferidor, essas coisinhas assim...

Aluno E: Ah facinho, pegava da *internet*!

EA: Agora, especificamente, pra quem teve a aula *on-line*, como que foi?

EB: Vocês entraram na aula, gente? No *link*? Quem entrou na aula, entrava e não ligava câmera né?

Aluno D: Não era em chamada não.

Aluno B: Ela mandava o *e-mail* e tinha que entrar no *Classroom*.

Aluno D: Eles postavam o vídeo no aplicativo e aí você entrava lá, fazia a aula e mandava, entendeu?

Aluno E: Aí tinha que mandar foto.

EB: Era vídeo gravado?

Aluno E: Não...

Aluno D: Tinham alguns professores que faziam, mas não muitos.

EA: O de Matemática?

Aluno E: Não.

Aluno D: Não.

Aluno B: E tinha aquele, não sei o que, *aplix*, não tinha? Um negócio desse?

Aluno E: Tinha *aplix* também.

Aluno B: É, aquele negócio era enjoadinho.

EB: Como era isso?

Aluno B: Ah, você entrava lá e tinha um bonequinho cantando um negócio, acho que a imagem lá.

EA: Ah sim.

Aluno D: É!

Aluno E: Mas era muito chatinho!

Aluno B: Tenho ele até hoje, eu acho.

Aluno E: Nem assistia a aula, clicava logo para o final.

EA: Mas aula *on-line* de estar ali com o professor ao vivo? Entrar no *link*...

Aluno E: Tinha o do professor de inglês, mas aí eu tirei.

EB: E vocês faziam como as atividades que eles passavam?

Alunos responderam em unanimidade: Pegava da internet.

Aluno A: Pegava do *Brainly* aí, todo mundo achou o *Brainly*. Vocês acham que o *Brainly* veio da onde?

Aluno E: É, tirava foto e mandava só.

Aluno B: Eu tentava fazer, mas quando eu não conseguia pegava do *Brainly*.

Aluno E: Aí chegava lá avaliação, atividade que não foi entregue, sei lá, aí vinha a professora falar: “Isso aqui tá errado, conserta lá!”.

Aluno B: A minha ficou *pra* consertar até hoje.

Aluno A: Peguei a apostila, fiz *tudo* minhas Matemáticas e passei.

Aluno B: Depois eu peguei a apostila, porque, sei lá, eu fiquei com cento e pouco.

Aluno D: Mas também nem adiantava muito isso de aula *on-line* porque os professores nem corrigiam e já davam dez.

Aluno E: Eu não fiz Matemática porque não tinha Matemática no *Brainly* antes. Mas, te falar aqui... Matemática a gente só passou por causa disso, filho, se não fosse por isso ninguém ia passar não, é...

EB: Então, assim, vocês acham que vocês não tiveram conhecimentos suficientes *pra* passar depois da pandemia?

Nesse momento, eles negaram com a cabeça e deram risada.

Aluno A: Eu pulei dois anos, não passei não. Eu pulei porque eu não sei nada.

Aluno D: O primeiro ano da pandemia foi direitinho, mas o segundo já meio que desregulou tudo.

Aluno A: Mas a gente voltou no finalzinho.

Aluno B: É... *Tava* muito bagunçado porque você mal fazia um já emendava outro (atividade).

Aluno D: *Pô*, eu não sei se pra mim foi diferente porque no primeiro ano de pandemia eu estudei em escola particular... Então teve aula certinha, assim, em vídeo, esses negócios, mas quando eu vim pra cá já não tinha mais, aí desregulou.

EA: Quem teve aula online aqui pelo link? Ao vivo, que vocês entravam, conversavam com o professor...

Aluno A: Ninguém quis ter aula *on-line* não.

Aluno D: Eu tive em outra escola.

EA: Ah sim, não tem problema ter sido em outra escola...

Aluno D: Eu tive, mas tipo, não foi a mesma coisa de *tá* presente em uma sala de aula.

EA: Entendi. Vocês aí também tiveram isso?

Um deles confirmou que sim.

EA: Ah, você teve, né? Como que foi?

Aluno 2: Ah, eu entrava, desligava o microfone, a câmera, mas eu ficava lá. Não entendia nada, né?

Aluno D: Tinha vez que eu dormia, aí era assim...

Aluno 7: É, de manhã cedo, às vezes...

Aluno D: É, gente, acordar seis horas da manhã pra aula *on-line*...

EA: Mais alguém aqui gente? Pode até ter sido em outra escola.

Ficaram em silêncio, não quiseram acrescentar mais alguma coisa.

EB: Então tá... Vocês lembram de algum conteúdo que vocês aprenderam na pandemia?

Dois alunos responderam ao mesmo tempo: “Não.”

Aluno B: De Matemática?

EB: É, de Matemática.

Aluno B: É, foi só o transferidor mesmo, essas coisas assim.

EA: Aprendeu a usar transferidor?

Aluno B: É.

EB: E vocês? (Referindo-se ao restante dos alunos)

A maioria ficou em silêncio, apenas negando com a cabeça.

Aluno D: “Nadica” de nada.

EB: Nenhum conteúdo?

Aluno A: Aprendi a usar como que se usa o *Brainly*. *Cê* bota foto assim ó! Aí clica...

Nesse momento, muitos alunos riram.

Aluno D: Eu não lembro nem do que aprendi ontem.

Aluno 6: Aprendi nada!

EB: Foi o que? O oitavo ano que vocês fizeram?

Aluno B: Não...Foi sétimo e oitavo...

Os alunos em coro começaram a concordar que foi no sétimo e oitavo.

Aluno D: Foi tipo... Meado do sétimo e oitavo inteiro...

Nisso, os alunos interromperam dizendo que não foi dessa forma.

Aluno B: No finalzinho do oitavo teve aula.

Aluno A: No final a gente começou a ter aula. Mas não ajudou em nada também.

EB: Não lembram de nada? Nenhum conteúdo?

Os alunos confirmaram dizendo que não.

Aluno D: Ah, dois anos, dá um desconto!

Aluno A: Dois?

EA: Mas lá vocês sentem que aprenderam? Não só copiaram, mas entenderam o conteúdo?

Alunos em coro: “Não!”

EA: Vocês têm base hoje em dia com o que vocês “aprenderam” (sinal de aspas com as mãos, já que eles disseram que não tinham aprendido) lá?

Alunos em coro: “Não!”

EA: Por que, gente?

Aluno D: É, porque a gente não aprendeu nada!

Aluno 4: Ninguém aprendeu nada!

EB: Ah, *tá*, todo mundo voltou, beleza, depois da pandemia, primeiro momento que vocês tiveram a aula de Matemática foi como?

EA: No presencial...

EB: O que que vocês pensaram ali?

Aluno D: Ah “Vou me matar!”.

Aluno A: Eu pensei que ia ser fácil como das últimas vezes. Eu sempre passei...

Aluno E: Quando? Como? Quando, quando, meu amigo?

EA: É o seguinte: Vocês estavam lá na pandemia, pegando tudo do *Brainly*, copiando tudo, pegando tudo desse famoso site que vocês conhecem bem...

Aluno A menciona *site* sobre conteúdos adultos.

EA: Daí voltou para o presencial... Eu ouvi!

Alunos começaram a rir.

Aluno A: Mas não captou meu áudio não, vai...

EA: Captou, mas eu não vou colocar lá! (começamos a rir, pois foi um momento descontraído)

Aluno A riu.

EA: É... Daí vocês voltaram. No primeiro momento que vocês voltaram, o que vocês pensaram em relação a aprender Matemática, como iriam ser as avaliações e tudo?

Aluno D e aluno A falam ao mesmo tempo, então essas falas a seguir são simultâneas:

Aluno A: Rapaz, eu nem queria voltar. Mas quando voltou, agora fiquei desinteressado porque não sei mais nada.

Aluno D: Quando a gente voltou a gente percebeu que todo mundo é estranho.

Aluno A: Todo mundo ficou estranho depois da pandemia.

EB: Estranho como?

Aluno D: Estranho, *ué*.

Nesse momento, ocorreu um burburinho e eles começaram a falar ao mesmo tempo e alto, então não deu para captar exatamente o que cada um disse. Logo, serão colocadas as falas que foram possíveis de se entender aqui.

Aluno D: Ah, gente querendo se matar...

Aluno E: Tipo o Aluno D, né?

Aluno D: Para!

Aluno E: Tipo Aluno D!

Começaram a rir nesse momento.

Aluno A: Depois da pandemia todo mundo tirou nota vermelha. Depois da pandemia [Inaudível] não quero mais estudar não.

Aluno D: E máscara, Covid, álcool em gel, tacando álcool em gel até no olho dos outros...

Aluno B: É, máscara...

Aluno A: Só *nequin* feio de máscara na cara aqui assim ó...

Alunos começaram a rir.

Nesse momento, ocorreram umas conversas paralelas entre eles.

EB: Então, nesse momento, vocês tiveram mais dificuldade quando voltaram?

Aluno A: Claro!

Aluno D: É!

Aluno B: Todo mundo teve. Um calor só e tinha que ficar de máscara! Não podia tirar...

EB: Mas em relação ao conteúdo, também?

Aluno D: É, porque a gente não tava... Meio que... A gente tava sem estudar por um ano e meio, entende? Quase dois anos. Aí chega do nada, assim, volta sem saber de nada.

Aluno B: Aí o professor começava a falar com negócio na boca “Blublublublurum”

Eles começaram a rir.

EB: Entendi...

EA: O negócio na boca que você fala é a máscara?

Aluno B: É, esse negócio aí.

O resto da turma continua rindo.

EA: E quando vocês voltaram, em relação ao nível de dificuldade, comparado ao da pandemia, o que vocês sentiram assim...?

Aluno A interrompe: Na pandemia?

EA: Não, quando vocês voltaram.

Aluno D: A gente não pôde pegar mais nada da *internet*, então ficou mais difícil né?

Aluno B: Ah eu achei legal, legal...

Aluno A: *Pô*, só você acha legal!

EB: Vocês falaram que aqui vocês aprendem melhor, certo?

Aluno A: Mas *tá* todo mundo desinteressado porque todo mundo já se acostumou a não estudar mais nada, entendeu?

Aluno D: É!

O resto do grupo concordou.

EB: Aí pensaram que ia funcionar da mesma forma?

Aluno A: É, *tá* todo mundo desinteressado, resumindo.

Aluno D: Ele *tá* falando isso porque ele bagunça a aula inteira!

Aluno A: Quem?

Aluno D: Tu mesmo!

Estavam ocorrendo umas conversas paralelas nesse momento e nos direcionamos ao aluno A.

EB: Mas por que você não tem interesse?

Aluno A: Ah, porque eu já desinteressei, já perdi de ano no ano passado porque...

Aluno 3: Não, é só porque o cara faz bagunça!

Aluno D: Você também faz!

Aluno E: E você também faz!

Aluno D: Eu não faço não.

Aluno A: Você mata aula pra caramba, Aluno D!

Aluno D: Eu não faço. Que aula que eu matei?

Continuaram discutindo sobre quem faz bagunça e quem mata aula.

Aluno A: Direto passando mal em toda aula aí, ó! Toda aula passa mal.

Aluno D: Um dia!

Aluno 9: Um dia não!

Aluno A: Eu vou gravar você e vou mostrar pra essas meninas aqui (Entrevistadoras).

Aluno D: Grava!

EA: Gente... A gente observa vocês.

EB: É!

Aluno E: O que você achou? Achou que a gente é o que?

EA: Sou imparcial, não posso falar. Estou aqui pesquisando.

Aluno A: Ela é profissional!

EA: Não posso dar opinião.

Aluno A: Nada além da matéria.

EA: Exato!

Aluno A: Se não Professora 1 briga.

EA: Não é isso, é por conta da pesquisa mesmo.

Nesse momento, ficaram em silêncio, então demos continuidade.

EA: É... *Tá*, e quais os tipos de atividade que vocês fazem agora? Porque na pandemia vocês falaram que tinha atividade no Classroom né, que passavam, e vocês tinham que entregar trabalho, era isso?

Alunos concordaram em coro.

EA: E hoje em dia como é? Quais tipos de atividades vocês fazem?

Aluno D: Todas, né?

EA: Mas quais são os tipos... Tipo, em Matemática, tem trabalho...

Aluno D: Atividade em sala, atividade em casa, tem os testes e prova. Coisa normal.

Aluno B: É o que? Matéria assim, dentro de sala?

EB: Não.

Aluno D: Tá falando do conteúdo ou do que...

EA: Dos instrumentos que vocês fazem...

Aluno D: Ah, a gente faz exercício em sala, em casa, aí tem os testes e prova. Tem uns trabalhos também.

EA: Entendi!

Aluno A: Nunca vi um trabalho de casa nessa escola aqui, eu acho.

Aluno 10: Que?

Aluno A: Trabalho de casa. Trabalho não, negócio de fazer coisa aqui e depois fazer em casa.

EB: Mas toda aula, se ela passa exercício, você tem que fazer em casa, não?

Começaram a discutir se tinham atividades para serem entregues no dia. Nesse momento, começaram a falar todos ao mesmo tempo e algumas falas não foram possíveis de se identificar.

Aluno 2: Agrediram a professora lá.

Aluno E: Ah, calma aí! Precisa explicar isso não!

EB: Calma, calma...

Aluno 8: Aluno E expulsou um menininho da nossa turma aí, ficou sabendo não, tia?

EA: Não, o que?

Aluno 5: Ele ali expulsou um menino.

Aluno D: É, ele deu um soco na cara de um autista...

Aluno A: NÃO É PRA FALAR ISSO AQUI, TÁ GRAVANDO!

Eles em coro começaram a reclamar que o aluno D expôs a situação ocorrida.

Aluno A: Isso não é da matéria, gente!

Aluno 1: É... (concordando com Aluno E)

Novamente, começaram a discutir entre si sobre o assunto mencionado, ao mesmo tempo, logo, não foi possível identificar as falas de cada um.

Aluno E: Mas por que que você tá contando o problema do cara?!

Aluno D: Se manca!

EB: Vamos, gente, vamos...

Aluno D: É!

Continuaram a discutir ao mesmo tempo sobre a situação mencionada. Deixamos os alunos livres para conversar sobre a situação.

Aluno B: Vamos voltar para o assunto!

EA: Podemos continuar, gente?

EB: Vamos?

Alunos em coro: "Vamos"

EA: E daí hoje em dia, como vocês fazem essas atividades? Porque antes vocês pegavam do *Brainly*...

Aluno 5: Ah, continuo pegando.

Aluno B: Eu não pego não, eu presto atenção na aula e faço.

Aluno 7: Só pego dos amigos.

Aluno A: Expert!

Aluno 6: É, com os amigos.

Aluno B: O *Brainly* não tá nem funcionando direito mais, é... eu não to gostando desse *Brainly* mais não. Não sou da área V.I.P.

Nesse momento, ocorriam algumas conversas paralelas.

EB: Mas por que vocês pegam dos amigos?

Começaram a falar os motivos ao mesmo tempo, então algumas falas não são possíveis de se identificar.

Aluno A: Porque é... Todo mundo desinteressou depois da pandemia, falar *procê*, ninguém acostumou mais fazer, nem copiar eu sabia mais depois que eu voltei da pandemia.

Aluno E: Só de Matemática mesmo que eu pego desses carinhas que sabe aí, ó!

Não acrescentaram mais informações. Logo, aproveitou-se a fala do aluno A sobre o desinteresse depois da pandemia, que muitos concordaram.

EA: Vamos entrar nesse assunto então!

Alunos em coro: “Bora!” “Vambora!”

EA: O comportamento de vocês depois da pandemia, vamos falar disso.

Aluno 3: Ah, o meu tá cem!

Aluno D: Isso daí é uma pergunta que tem que fazer para a Professora 1 porque a maioria aqui vai mentir.

Aluno A: Meu comportamento é horróroso! Eu *tô* mentindo?

EA: Não, gente, fala a verdade.

Aluno B: A mãe de praticamente todo mundo que *tá* aqui... Praticamente não... *Teve* uns aqui que veio na escola... A mãe deles...

Aluno D: *É!*

Aluno A: Nem de todos! A minha mãe não veio!

Aluno 4: A minha também não veio!

Aluno D: Eles não param quietos na sala um segundo, depende muito do professor...

Aluno B: *Ó* eu aqui, *ó!* Exceção, por favor!

Começaram a discutir por conta da fala do Aluno D, logo, falaram ao mesmo tempo e algumas falas não foram possíveis de se identificar por conta do alvoroço.

Aluno E: Vai, julga a gente um pouquinho!

Aluno D: Vou julgar mesmo!

Aluno E: *É*, julga a gente! Ela é tipo Deus!

EB: Gente, falem de vocês. Vocês de vocês mesmo.

Aluno D: Ah, eu sento na segunda cadeira e presto atenção no que eu posso, só não presto mais por causa desses *capetas* aqui!

EA: Mas vocês sentiram que assim... (Conversas paralelas rolando e discutindo entre eles)... *É*... Em relação a concentração, por exemplo...

Aluno B: Às vezes é complicado.

Aluno D: É, porque não calam a boca!

Aluno B: É, não param de falar.

Novamente, a fala do Aluno D gera um burburinho no grupo e novamente começam a discutir ao mesmo tempo.

Aluno E: Quer dizer que quem fala é só os meninos, as meninas não falam não?!

Aluno D: Não, não to “passando pano” (que significa defender) para as meninas não!

EA: Geeeente...

EB: Gente, calma!

EA e EB tiveram que apaziguar a situação, pois os alunos estavam brigando entre si.

Aluno A: Calma calma calma, paz e amor, paz e amor gente!

Aluno E: Quer me bater aqui, doido...

EA: Mas vocês sentiram que deu uma piorada depois da pandemia?

A maioria concordou, em coro: “Aaaaah, sim!” “Sim!”

Aluno B: Depois da pandemia?

EA: É, depois da pandemia, em relação ao comportamento...

Aluno D: Ah, o meu tá tranquilo.

Aluno E: O pior da sala é Aluno A!

Aluno 2: Ó, eu sou chato, mas Aluno A é muito “lamparão” bicho, quando esse bicho começa não para não, doido...

Aluno D: Vocês vão ficar lá na sala hoje no restinho da aula de Matemática?

EA e EB: Não...

Aluno D: Tinha que ficar para ver a bagunça dos meninos...

Nesse momento, ocorriam algumas conversas paralelas e discutiam sobre quem era o aluno exemplar.

Aluno A: São que horas? Quero ir embora para casa.

Aluno E: 10 e 20.

EA: É, acho que é isso, né? Vê se faltou mais alguma coisa?

EB: Não, não

Nesse momento, os alunos não queriam voltar para a sala de aula e queriam continuar conversando com EA e EB.

Aluno C: Não, tia, fica mais, nosso papinho aqui tá bom!

EA: Olha só, vocês querem falar mais alguma coisa? Que a gente não tenha colocado aqui?

Os alunos nesse momento queriam falar sobre qualquer coisa apenas para continuar a conversa. Então, eles pediram um ao outro para falar mais, só para continuar.

Aluno D: Gente, a prova de Matemática é semana que vem, vocês querem ficar enrolando aqui mesmo sem saber de nada?

Aluno B: Eu sei.

Aluno 9: A gente não aprende nada nem o ano inteiro, imagine em uma aula só!

Aluno D: Eu aprendo!

Aluno A: Ah Aluno D, você faz curso também!

Aluno D: Que curso que eu fiz???

Aluno A: Você faz também tudo, vai embora!

Alunos começaram a rir da fala do Aluno A.

Aluno E: É, eu não gosto do aluno D, mas vou ter que concordar com o aluno D. A prova é semana que vem!

Alunos em coro: “É!”

Aluno A: Que que muda agora e semana que vem?

Aluno 3: E vai mudar o que gente? Todo mundo é burro!

Aluno E: Dá tempo de chegar, tirar *fotinha*, chegar no dia e colocar o telefone embaixo da cadeira.

Começou um burburinho com a fala do Aluno E.

Aluno A: Ó, eu vou falar o que *as meninas faz*, as meninas bota aquele *bagulhinho* lá...é...qual que é o nome? É, que *elas bota* pra separar matéria, separar matéria...

Aluno D: *Post-it?*

Aluno 9: É, bota *post-it* e fica na mãozinha aqui e esconde.

Aluno D: *Post-it!* (E ri da fala do Aluno A)

Os alunos começaram a rir.

Aluno A: É, isso aí!

Aluno E: Elas *senta* na frente, a professora só fica lá atrás por causa dos meninos, aí elas *aproveita* esse momento...

Aluno A: É!

Aluno 2: É mentira, tia!

Aluno 7: Às vezes, troca prova também.

EB: E vocês acham que isso adianta, gente?

Alunos em conjunto: “Ó, adianta é a nota” “Adianta pra nota”

EB: *Pra* nota? Ah, nota...

Aluno B: Tem gente que troca prova. Eu já vi gente trocando a prova do meu lado.

Aluno A: É, eu já peguei a prova dos outros.

Alunos começam a rir.

Aluno 6: Eu já troquei de prova com ele.

Aluno 2: Já peguei a prova dele à força.

As falas acima foram simultâneas, então pode ser que tenha tido algumas falas que não foram possíveis de se captar, pois falavam ao mesmo tempo.

EB: E o conhecimento fica onde?

Aluno 3: Sei lá!

Aluno D: É, eu perguntei aqui: “E se ela fizer que nem da última vez, pedir pra corrigir a prova no quadro?”. Ninguém ia conseguir responder nada.

Aluno 10: Às vezes, eu vim aqui, né? Aí a moça que fica na biblioteca disse que ela colava muito, quando ela era...

FB: Quem?!

Alunos começam a rir nesse momento.

Aluno 10: A moça da biblioteca.

EB: Gente!

FB: Podem parar que elas estão gravando, tá?

Aluno A: É. Não *gustuei* (“Não gostei”, é um meme da internet em que a pessoa fala “Não *gustuei, asmei*” que significa “Não gostei, amei” e o aluno imitou, quando a funcionária que trabalha na biblioteca pediu para parar.)

Alunos deram risada nesse momento.

EB: Então o conhecimento pra vocês é pra tirar a nota?

Aluno D: Não!

EA: Vocês não falaram que a prova era *pra* resumir o conhecimento? Se vocês colam, que conhecimento é esse?

Aluno 1: Não tem!

Alunos nesse momento dão risada.

Aluno D: Não é todo mundo que cola não. Não é todo mundo não.

Aluno 1: Só a metade só.

Nesse momento, aconteciam algumas conversas paralelas, então as falas acima foram as possíveis de serem captadas.

EA: É porque alguém aqui falou, mas não lembro quem que a prova... acho que foi o Aluno C (que tinha se retirado por um momento) que saiu, que a prova era um resumo do que você aprendeu...

Aluno B: É, isso aí, ele falou.

Aluno D: É.

EA: Então...Mas se vocês colam, tá refletindo ali o que vocês aprenderam?

Aluno B: É que a gente não aprendeu nada, a gente só colou.

Aluno E: Agora responde aí!

Aluno D: Não, *tá*, mas a gente passa de ano, né?

Aluno E: É!

Aluno D: Porque se não passar “o couro come”.

Aluno A: De ano todo mundo passa.

Nesse momento começaram, novamente, a falar ao mesmo tempo.

Aluno D: Mas aí vocês chegam lá pra fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM vocês não vão saber nada! Vocês vão ter colado tudo!

Aluno 3: Não me assusta com esse negócio de Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM não que eu ainda tô no primeiro ano, pelo amor de Deus.

Aluno D: Ah, mas aí tem que começar a estudar agora, ué.

Durante as falas acima, outros alunos estavam conversando sobre outras coisas que não foram possíveis de captar.

Aluno 7: Vê os milionários, ninguém fez faculdade.

Os alunos concordaram.

Aluno E: O negócio é ser *digital influencer*!

Aluno B: Vai nessa, bobão!

Alguns alunos riram e concordaram com a fala do Aluno E.

Aluno 4: É, *tiktoker*!

Alunos riram.

Aluno A: Eu sei as coisas *normal* da vida. Mais, menos, vezes, dividir. Mas isso de $a + b$, coisa anormal...

EB: O básico.

Aluno 2: Trabalhar embarcado...

Aluno 5: O *cara* vai trabalhar embarcado é na carroça.

Aluno D: Tem coisa na Matemática que eu acho completamente desnecessário. Mas aí tem outras coisas que você já sabe que você vai ter que levar *pra* vida. (Durante a fala da colega, estavam tendo conversas paralelas que não foram possíveis de serem captadas.)

EA: O que você acha desnecessário?

Aluno D: Gente, o tamanho das *conta* que passa assim do nada também!

Aluno B: Vou fazer Bhaskara do nada no meu trabalho?

Aluno D: É!

EB: Depende do que você for trabalhar.

Aluno D: É...

Aluno A: Mas se eu não for trabalhar com aquilo, faz como? Eu vou ter que aprender aquilo ali?

Aluno E: É...

Aluno A: Se eu não vou trabalhar com aquilo. Não, se o trabalho precisa de algum negócio... Se eu não for trabalhar com aquilo lá, pra que me interessa aprender?

Alunos deram risada.

Aluno A: A EB nem entendeu, tá vendo?

EA: Ela entendeu, mas em resumo assim, vocês têm algo a mais pra falar?

Aluno D: Não.

Aluno A: Não, vamos continuar falando aqui, quero ir para a sala não.

EA: Não, gente, sério...

Aluno D: Não.

Aluno 9: Fala alguma coisa aí.

Aluno B: Tem mais pergunta não?

EA: Não, acabou.

EB: Não.

Aluno B: Ah, pergunta da cabeça aí.

Aluno A: É, tira da mente aí!

Nesse momento, eles queriam que EA e EB falassem qualquer coisa apenas para poderem continuar conversando.

EA: Não, gente, vocês estão querendo matar aula!

Todos riram.

Alunos em coro: “Não, não”

Aluno 6: Eu quero é voltar pra sala mesmo.

EA: Olha lá, o colega tá querendo voltar.

Aluno A: Deixa ele voltar e a gente fica.

Aluno C: Não, então eu fico também, *pô*.

Os alunos riram.

EB: Em relação à pandemia, à aprendizagem de vocês, alguma coisa a mais que vocês queiram acrescentar?

Aluno A: Eu acho que a pandemia só atrasou todo mundo, deixou todo mundo burro, todo mundo preguiçoso, todo mundo já era preguiçoso mesmo.

Aluno 3: Pior do que já era.

Aluno 9: Todo mundo mais agitado.

Aluno B: Veio pra matar gente e deixar a pessoa burra e preguiçosa.

Aluno D: Pois é!

Aluno E: E a Covid deixou mais feio, entendeu?

Os alunos começaram a conversar sobre quem ficou mais feio depois da pandemia.

EB: E vocês acham que dá *pra* recuperar isso? (Relacionado ao aprendizado)

Alunos em coro: Não!

Aluno B: Não, porque foi já as séries que passou, mas depende também, né?

Aluno 4: Dá sim, mano.

Aluno E: Talvez.

Daí começou um burburinho e novamente algumas falas não foram possíveis de se captar.

Aluno B: É, mas eu acho que eles reforçaram um cadinho.

Aluno D: Reforçaram nada, a gente estuda em escola pública!

Todos riram.

Aluno 1: Que preconceito!

EA: Eles voltaram no conteúdo?

Alunos em coro: “Não!” “Voltaram nada!”

Aluno A: Já tamo lá na frente sem saber do que tinha atrás.

Alunos concordaram com a fala do colega.

Aluno E: Se perguntar o que eu fiz no sétimo e oitavo ano eu sei nada. Oitavo e nono eu sei nada!

Alunos riram.

Aluno D: Se perguntar antes do oitavo eu também não sei não! Lembro nem do que eu fiz no nono ano.

Aluno 10: Lembro nem o que eu comi, ano passado...

Aluno D: É.

EB: Uma coisa também, vocês acham que a aprendizagem depende de vocês, do professor, do conteúdo...De que?

Aluno B: De todos.

Aluno A: De tudo!

Aluno E: De tudo.

EB: É o que? O conjunto de tudo?

Alunos concordaram dizendo em coro: “É!”

Aluno B: Principalmente da gente, né?

Aluno D: Mas se a gente não tiver um professor bom a gente não aprende a matéria. Se a gente não vier a gente não aprende nada.

Aluno B: Gostei do que você falou...

Alunos começaram a rir.

EB: Entendi!

EA: É isso, eu acho.

EB: Mais nada gente? Tudo tranquilo?

A maioria dos alunos respondeu que não tinham coisa alguma a acrescentar.

Aluno B: Não, tem mais coisa, *fiô* (filho), fala mais coisa aí!

EA: Não, gente, não é *pra* “matar aula”.

EB: É de verdade, mesmo.

EA: É, é importante.

Nisso, começaram conversas paralelas sobre a hora e a prova.

EB: Alguém quer desabafar alguma coisa?

Aluno 5: Desabafa aí gente.

Aluno D: Mas eu acho que a prova é quarta-feira gente.

Aluno 9: Ah, se eu desabafar eu vou começar a chorar aqui

Aluno B: É...

EB: Poxa...

Nisso, eles estavam conversando.

EA: Fomos então?

EB: Então *tá*, gente, então é isso.

Agradecemos a participação dos alunos e os presentamos com bombom.

APÊNDICE G - Grupo focal com a turma 2

Entrevistador A: EA

Entrevistador B: EB

EB: Gente, vamos lá. Para vocês, o que é a Matemática? Assim, em uma palavra.

Todos os alunos começaram falando ao mesmo tempo, então pedimos para repetir.

EB: Calma, repete!

Aluno 11: Problema.

Aluno F: Contas.

Aluno 12: Difícil.

Aluno 13: Cálculos.

EB: Se resume a isso, então? Ninguém gosta de Matemática?

Aluno G: É complicado.

Aluno 12: Não gosto não.

EB: Não gosta não?

Aluno 12: Não.

EB: Complicado como?

Aluno G: Ah, as contas.

EB: Mas depois que entende?

Alunos responderam juntos: Fácil!

Aluno G: Depois que entende fica fácil.

EB: Então o problema é...

Aluno G: É entender tia.

EB: Então o problema é entender!

Aqui percebemos que era melhor ficar de pé, para melhor captarmos o áudio. Ficaram em silêncio, então demos sequência ao grupo.

EA: É isso, então. Segunda, como vocês aprendem Matemática?

Nesse momento, os alunos começam a rir.

Aluno F: Não tem como.

Aluno 14: Não aprendo.

Aluno 13: Tem que prestar muita atenção.

Aluno F: É, tem que prestar muita atenção *pra* entender direito.

EB: Tem alguma coisa que vocês fazem assim que você acha que facilita na aprendizagem?

Tipo...

Aluno F: Só entendendo mesmo, só tenho atenção pra entender, se não.

Aluno 13: Praticando também.

Aluno F: É, praticando também.

EB: Vocês fazem bastante exercícios?

Alunos: Sim.

Aluno 13: Não.

Aluno 12: Sim, a professora manda.

EB: Sim, a professora manda, mas vocês fazem?

Os alunos dão risadas nesse momento.

Alunos respondem juntos: Não!

Aluno F: Às vezes, só às vezes.

EA: Como vocês vêem a avaliação, como vocês enxergam a avaliação?

Os alunos ficam em silêncio.

EA: Assim, quando fala essa palavra avaliação, qual a primeira coisa que vem na cabeça de vocês?

Aluno F: Desespero!

Os alunos dão risada.

Aluno H: Avaliar.

Aluno F: Avaliar o que?

Aluno H: A pessoa, ué.

Aluno 13: Medo.

Aluno 12: Um resumo de tudo o que a gente aprendeu.

Ficaram em silêncio.

EA: Mais alguma coisa?

Os alunos acenaram que não com a cabeça.

EA: E o que vocês acham da avaliação em Matemática, especificamente?

Aluno 14: Bom.

Alguns alunos olharam para ele contrários a essa afirmação, logo, ele perguntou:

Aluno 14: Ó, não acha não?

Aluno 12: É ...mais ou menos.

Aluno 11: Péssimo.

Alunos dão risadas.

EB: Uma outra questão, então, quando vocês se sentem avaliados?

Aluno F: Como assim?

EB: Assim, na hora de fazer uma prova, por exemplo, em outro momento você percebe algum tipo de avaliação?

Aluno F: Sempre.

Aluno 14: Na hora de fazer a prova

Aluno F: No teste e na prova.

EB: Vocês têm trabalhos?

Aluno F: Matemática não.

EA: Gente, só vou pedir para vocês falarem um pouquinho mais alto. Então, o pessoal aqui se sente o tempo todo?

Aluno F: É, o tempo todo somos avaliados.

EA: Mais alguma coisa diferente?

Os alunos responderam que não com a cabeça.

EA: Vamos lá, em qual formato de avaliação vocês sentem que aprendem mais? É... atividades em grupo, um trabalho, atividade de casa, atividade de sala de aula, prova, teste...

Aluno H: Sala de aula.

Aluno F: Atividade em sala de aula.

Aluno 14: Individual.

Aluno 13: Em grupo.

Aluno H: Ah não, o professor explica bem melhor.

Aluno F: Em grupo a gente não aprende nada, só dá risada. Acho que é individual.

EA: Vocês que falaram “atividade em grupo”, por quê?

Aluno H: Tem mais cabeças para pensar.

Aluno F: Porque tem mais pessoas para ajudar.

EB: Vocês conseguem aprender com o seu colega também, assim, ele explicando para vocês?

Aluno F: Não.

Aluno H: Ah, eu consigo.

Aluno F: Ah tipo, em grupo seria mais para todo mundo pensar, mas individual seria o certo *pra* você focar.

EA: Alguém falou algum outro?

Aluno 15: Não.

EB: E, agora, a gente queria saber um pouquinho se vocês têm algum tipo, a gente perguntou isso no questionário também, se vocês têm algum tipo de apoio da família de vocês?

EA: Para estudar Matemática.

Aluno 11: Eu não tenho, não.

Aluno F: Nem eu.

Aluno H: Só videoaula mesmo.

EB: Nenhum apoio, né?

Aluno F: Um pouco só porque, assim, minha tia é professora também.

EB: Mas alguém incentiva vocês pelo menos?

Aluno G: Minha mãe, ela me incentiva.

Aluno 11: Só a minha mãe mesmo.

Alguns fizeram o gesto de “dar palmada” com a mão, como se o incentivo fosse bater.

EA: É, quando fala assim: “Gente, vocês tem que estudar para ser alguém” é um incentivo?

Aluno 12: É, sim.

EA: Então vocês têm alguém que incentiva?

Alguns alunos balançaram a cabeça concordando.

EB: É, *pra* vocês o professor de Matemática faz alguma diferença, ele é importante?

Aluno G: Sim.

EB: Por que o professor de Matemática ele faz diferença, dependendo da do professor ou da professora, ele faz diferença na vida de vocês por quê?

EA: Na hora de aprender Matemática.

Aluno 12: Sim.

Aluno F: Sim, o professor explica bem.

Aluno G: Sim, isso faz diferença.

Aluno H: Sim, pode fazer diferença lá na frente também.

Aluno H: Se a gente for fazer uma faculdade, a gente já tá sabendo de algumas coisas.

EB: Entendi.

Nesse momento, ficaram em silêncio.

EA: E aí, alguém com mais alguma coisa? Outra justificativa do porquê que tem diferença?

Alunos: Não.

EB: Agora, falando um pouquinho da pandemia, como foi estudar Matemática na pandemia?

Aluno 11: Normal.

Aluno F: Pior que o normal.

EB: Pior que o normal, como?

Aluno F: Foi péssimo.

Aluno H: É, deu *pra* aprender nada.

Aluno F: Dava *pra* responder nada, porque a gente pesquisava tudo no *Google*, que os professores passavam, porque elas passavam, não era videoaula não, passava um negócio lá, a gente tinha que fazer um caderno, tirar foto e mandar pra ele, eu pesquisava tudo mesmo.

EB: Vocês chegaram a estudar por conta própria? Ou era só para fazer atividade e só?

Aluno G: Foi só fazer atividade e entregava.

EA: E aí vocês entravam na *on-line*?

Aluno F: A gente botava nosso nome lá pra ficar presença, fazer o exercício, tirar foto, aí eles contavam.

EB: E aí vocês acham que essas atividades que passavam online eram mais tranquilas?

Alunos: Não.

Aluno F: Não, porque dava pra entender nada.

Aluno G: Às vezes eu nem entrava.

Todos os alunos deram risada.

Aluno F: Ficava toda acumulada.

Aluno 11: Aham.

Aluno F: Depois tinha que fazer tudo para mandar de novo.

EB: Vocês tinham um prazo, né?

Aluno F: Ficava tudo vermelho lá.

Aluno H: Aham, ficava tudo pendente, pendente.

EB: Era no *classroom*?

Aluno F: Aham.

EA: *Tá*, então vocês entravam, botavam o nome de vocês, a maioria foi assim?

Alunos em conjunto: “Sim”; “Aham”.

EA: E fazia atividade, entregava, copiava tudo do *Google*?

Alunos em conjunto: Aham!

Aluno F: Com certeza, *Brainly* é nosso amigo.

EB: E vocês lembram? Quais conteúdos vocês realmente conseguiram aprender na pandemia ou não teve nenhum?

Aluno H: Nenhum.

Aluno F: Não teve como aprender.

EB: Nada?

Aluno G: Não, o *Brainly* escrevia tudo lá que estava aparecendo.

EB: Então de novo, qual o conteúdo que vocês tiveram em Matemática na época da pandemia?

Aluno F: Não lembro de nada.

EB: Vocês estavam em que ano?

Alunos: Sétimo ano.

Aluno H: Oitavo.

Aluno H: Sétimo e oitavo, foi em 2020 e 2021.

Aluno F: O oitavo a gente só pegou o finalzinho do ano.

EB: Que logo depois voltou, né?! Entendi, vocês não lembram de nada? Um conteúdo de Matemática?

Aluno F: Equação.

Aluno G: Raiz quadrada.

EB: E vocês aprenderam esses conteúdos?

Aluno F: Sim, isso sim.

Aluno H: Sim, com videoaula do *YouTube*, né!

EB: Entendi. Vocês usaram muito YouTube?

Alunos: Sim.

Aluno H: Sim, assisti vídeo aula da “Gis com giz”.

EA: Adoro ela.

Aluno F: Sim, sempre quando tem prova de Matemática, vou lá antes.

EB: É, na volta das aulas, depois que passou esse período de pandemia e vocês? Como vocês começaram a estudar Matemática a partir daí? Tipo, voltou, agora eu tenho prova, tem teste às vezes trabalho, não sei a atividade de casa, aí como vocês fazem para estudar?

Aluno G: Eu só estudo na sala de aula mesmo.

Aluno H: Eu também, me identifico com você.

Aluno F: Bem, eu também.

EA: Mas assim, em relação ao nível de dificuldade, vocês acham que está como agora?

Aluno F: Diminuiu um pouco.

Aluno H: *Tá fácil.*

Aluno 12: *Pra mim tá a mesma coisa*

EA: Comparado a pandemia?

Aluno F: Diminuiu bastante, agora a gente está entendendo mais, eu acho, mas eu entendo mais.

EB: Vocês conseguem entender mais, mas o nível de dificuldade está maior?

Aluno G: *É!*

Aluno F: *Aham.*

Aluno H: Eu nunca tive muita dificuldade não, então, para mim, está normal.

Aluno F: Eu sempre amei Matemática, mas chegou esse ano eu odeio!

Aluno H: No sexto ano eu era maravilhosa em Matemática, chegou sétimo, oitavo, nono e o primeiro, caiu assim.

EA: Entendi, mas e aí quais são os tipos de atividades, assim que vocês fazem, hoje em dia?

Aluno F: Nossa, a professora passa muita coisa.

Aluno 13: Trinta matérias.

Aluno F: A gente faz mais exercício na aula mesmo de Matemática.

EB: Em casa?

Alunos: Não.

Aluno F: Os que passa *pra* casa, a gente faz antes dela chegar.

Os alunos deram risadas.

Aluno F: Antes dela entrar na sala a gente vai, todo mundo faz.

EB: Aluno G está mais recluso agora né, mas concorda Aluno G?

Aluno G: Uhum.

EB: É a mesma coisa, você faz a mesma coisa?

Aluno G balançou a cabeça em sinal positivo.

EA: É, e quando vocês voltaram para a escola, né? Vocês ficaram estudando em casa e depois voltaram, vocês sentiram muita diferença?

Alunos em geral: Uhum.

Aluno F: Muita diferença!

Aluno G: Mesma coisa.

EA: Por quê? Vamos falar sobre isso.

Aluno G: Não vi dificuldade não, *pra* mim é a mesma coisa.

EB: É difícil lá é difícil aqui, ou é fácil lá é fácil aqui?

Aluno G: Difícil lá e difícil aqui.

EA: E o resto do pessoal? Concorda?

Aluno F: Concordo com aluno G, primeira vez na vida.

Aluno H: Não, mais fácil aqui, porque explica, né?

Aluno F: Não, mas é difícil do mesmo jeito, é mais fácil de entender, mas a gente não entende, então não adianta de nada.

Aluno 13: Meia hora depois já esqueceu.

EB: Entendi. Em relação à escola, vocês tiveram dificuldade de se adaptar? A voltar para a sala de aula?

Alunos: Não!

EB: Você teve?

Aluno 14: Tive, eu nunca estudei aqui, eu estudava em outra escola e eu entrei no ano que começou.

EB: Entendi, em questão de sair da sala, de mexer no celular, vocês conseguiram? Porque na pandemia a gente teve o celular o tempo todo na nossa mão.

EA: É...

EB: E aí quando voltou, é, *pô*, agora eu não posso ficar com o celular, né?

EA: E avaliação de vocês ...

EB: É, era praticamente pelo celular né, como vocês falaram, aí voltar assim, tirar um pouquinho aquele vício do celular, vocês tiveram dificuldade?

Alunos: Não.

Aluno F: Não, de boa.

Aluno H: Até que não, é fácil a concentração quando tá passando matéria, eu não fico mexendo no celular não.

EB: Entendi, e para sair de sala assim?

Aluno F: Não ligo muito para meu celular não.

EB: Voltar a pedir para sair da sala? Foi difícil?

Aluno F: O que?

EB: Voltar a pedir para sair de sala, que na pandemia, não tinha que pedir para sair da sala, você saia.

Alunos: Não.

Aluno F: Não, já conheço os professores daqui, então.

EB: Então, foi tranquilo?

Aluno F: Já estudo aqui há três anos, então...

EA: E aí assim, vocês sentem que vocês têm base hoje em dia, do que vocês aprenderam na pandemia, porque assim Matemática é uma continuação.

Alunos: Não.

Aluno F: Eu nem lembro o que eu estudei!

EA: Por que vocês acham assim... que vocês não tem?

Aluno F: Porque a gente não aprendeu nada na pandemia.

Todos os alunos deram risadas.

EB: Mas vocês acham que vocês não aprenderam por quê? Por uma questão de vocês, por uma questão ...

Aluno F: Porque Matemática para você aprender, tem que ser presencial, não dá para entender.

Aluno H: Papo reto!

Aluno G: Por vídeo era muito complicado.

Aluno F: Professora falando detalhe por detalhe para você aprender.

Alguns deram risadas.

EB: Entendi. O presencial faz diferença?

Aluno F: Sim, faz. Se tiver com dúvida, professor falar, explica de novo, pois se não ficar martelando ali você não vai entender nada, pelo celular.

EA: Mas no *on-line* você podia perguntar, não?

Aluno F: Eu não entrava em aula *on-line* não, eu só via o coisa, mas não...

Aluno G: O áudio ficava muito ruim.

EA: Porque tinha a questão da internet, né?

EB: Todo mundo que conseguiu acessar assim, pelo celular, tranquilo?

Nesse momento, tinham alguns falando ao mesmo tempo.

Aluno F: De vídeo não.

Aluno H: Era só coisa no *class...classroom*, sei lá.

EB: Elas nunca não mandaram assim, *link*?

Aluno H: Elas mandavam um exercício lá, um documento.

Aluno F: É.

Aluno H: A gente tinha que responder pelo caderno. Aí a gente copiava no caderno, botava a resposta, é... mas a maioria era no caderno mesmo.

Aluno 13: Ou até mesmo pelo aplicativo mesmo a gente podia.

Aluno H: É, mas mandava mais pelo caderno, mandava foto e mandava foto do caderno.

EA: Mas vocês vocês tiveram a *on-line* com a professora falando ali?

Aluno F: Não..

Alguns falando ao mesmo tempo.

EA: Calma aí.

Aluno 12: Eu tive em outra escola.

EB: Aqui não? Entendi!

Aluno F: Aqui a professora colocava a gente lá, aí a gente via.

Aluno H: Era só um documento mesmo, aí tava cheia de coisa lá escrita, aí a gente fazia as atividades, a gente fazia no caderno, mandava foto, é isso.

EB: E tem mais alguma coisa que vocês queiram falar? Assim, expor *pra* gente em relação à pandemia, agora na volta?

EA: Ou sobre qualquer outra coisa que a gente não tenha perguntado aqui

Nesse momento, os alunos negaram e ficaram em silêncio.

“

EB: Certeza? nada mais a contribuir? Super tranquilo, todos “feras” em Matemática?

Aluno F: Só que não.

Nesse momento, ficaram em silêncio.

EB: Então, é isso? Podemos encerrar?

Acenaram que sim com a cabeça.

EA: Sim.

Encerramos a gravação e agradecemos a participação de todos e demos um bombom a cada, como agradecimento também!